

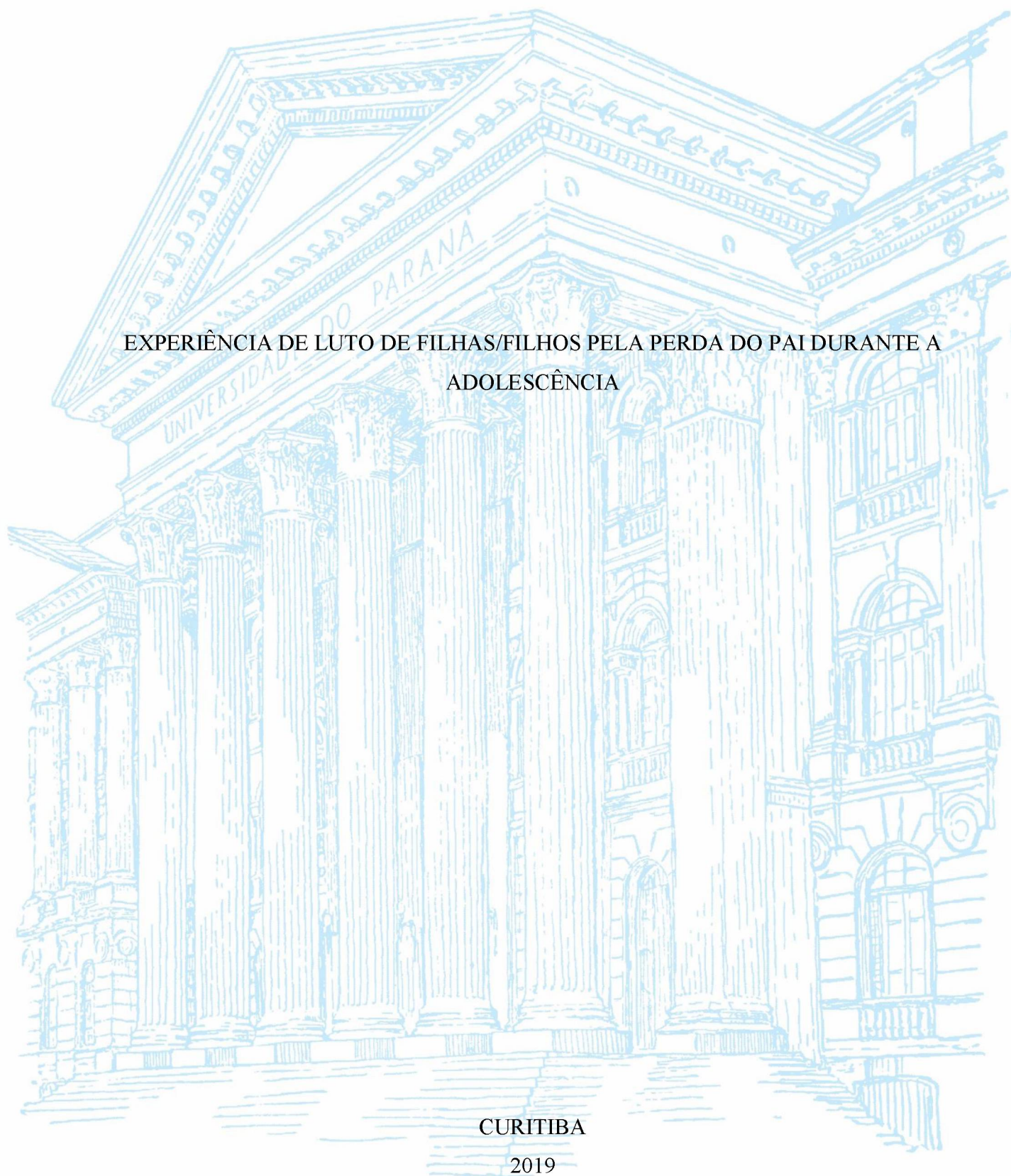
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DAFNE THAÍSSA MINEGUEL ASSIS

EXPERIÊNCIA DE LUTO DE FILHAS/FILHOS PELA PERDA DO PAI DURANTE A  
ADOLESCÊNCIA

CURITIBA

2019



DAFNE THAÍSSA MINEGUEL ASSIS

EXPERIÊNCIA DE LUTO DE FILHAS/FILHOS PELA PERDA DO PAI DURANTE A  
ADOLESCÊNCIA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joanneliese de Lucas Freitas

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Assis, Dafne Thaíssa Mineguel

Experiência de luto de filhas/filhos pela perda do pai durante a  
adolescência. / Dafne Thaíssa Mineguel Assis. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joanneliese de Lucas Freitas

1. Luto – Aspectos psicológicos. 2. Luto – Psicologia fenomenológica.  
3. Pai - Perda (Psicologia). 4. Pai e filhos. 5. Adolescência. I. Título.

CDD – 155.937

## TERMO DE APROVAÇÃO


Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **DAFNE THAISSA MINEGUEL ASSIS**, intitulada: **EXPERIÊNCIA DE LUTO DE FILHAS/FILHOS PELA PERDA DO PAI DURANTE A ADOLESCÊNCIA**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Março de 2019.

  
JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS  
Presidente da Banca Examinadora

  
ANA MARIA MONTE COELHO FROTA  
Avaliador Externo (UFC)

  
ANA KARINA SILVA AZEVEDO  
Avaliador Externo (UFRN)

Àquela e àqueles que são inspiração, base e apoio incondicional.

Mãe, Pai, Danny e Diogo, este trabalho é dedicado a vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joanneliese de Lucas Freitas por toda confiança depositada em mim. Obrigada pelos ensinamentos, disponibilidade e acolhimento, fatores essenciais para a realização desta pesquisa.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Virginia Filomena Cremasco por toda ajuda fornecida. Obrigada pelos momentos dedicados a auxiliar-nos com as questões práticas do mestrado, bem como pelos apontamentos valiosos sobre o trabalho.

Às Professoras Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Monte Coelho Frota e Dr.<sup>a</sup> Ana Karina Silva Azevedo por suas ricas contribuições para esta dissertação. Obrigada por terem aceitado participar das bancas de qualificação e defesa, compartilhando de seus conhecimentos e reflexões.

À CAPES pelo auxílio financeiro que tornou possível a realização desta pesquisa.

Àquelas e àqueles que confiaram em mim como sua Psicoterapeuta. Obrigada pela abertura em dividir as dores por suas perdas e por se entregarem na busca de novos sentidos.

Às filhas e ao filho entrevistadas/o nesse trabalho pela coragem e disponibilidade. Obrigada por compartilharem uma parte tão delicada e importante da história de vocês.

À Laís por toda a escuta e à Michele pelas incontáveis horas de reflexão e autoconhecimento.

À querida Luiza pela inspiração e companheirismo. Obrigada por ter tornado essa trajetória um caminho bem mais leve e menos solitário. Obrigada por todo o diálogo e cuidado.

À querida Jenifer e ao querido Matheo, por toda a compreensão. Obrigada por sempre terem se disponibilizado a me ajudar e por tornarem o segundo ano de mestrado cheio de novidades, reflexões sobre a vida e momentos de descontração.

Ao meu amigo Lázaro pela parceria sem medidas. Obrigada por estar sempre ao meu lado, unindo forças para que eu chegasse até o final.

Às minhas amigas de infância pelo interesse e incentivo nas minhas decisões e também por sempre me proporcionarem momentos felizes.

À minha família, Cleusa, Daniel, Danny, Aline, Bruno e Helena, por serem minhas fortalezas. Obrigada por trazerem sentido à minha vida, por sempre acreditarem em mim e pelo apoio irrestrito.

Ao meu companheiro de vida, Diogo, pela dedicação e suporte incondicional. Ao seu lado, os momentos mais difíceis se tornam aconchego e, os mais felizes, as memórias mais lindas. Obrigada!

O Crisóstomo disse ao Camilo: todos nascemos filhos de mil pais e de mais mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se os nossos mil pais e mais as nossas mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos por aí irmãos, irmãos uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós.

(O filho de mil homens, Valter Hugo Mãe)



## RESUMO

A morte de uma pessoa querida impõe uma das experiências mais marcantes em nossas vidas. Do ponto de vista existencial, o luto é entendido como uma vivência que se inicia a partir da supressão abrupta da existência do outro, trazendo a realidade da morte como irreversível e imutável. Com a morte deste outro, a/o enlutada/enlutado perde uma maneira singular de ser, pois suas possibilidades de expressão que se apresentavam naquela relação particular já não são mais possíveis. A experiência de enlutamento e suas significações dependerão, assim, do vínculo da/do enlutada/o com o morto e dos sentidos existentes nessa relação. O luto pela perda da/do mãe/pai é considerado uma das experiências mais estressantes e profundas que as/os filhas/filhos podem vivenciar, em particular quando estas/estes são crianças ou adolescentes. Mesmo havendo consenso sobre a existência de importantes impactos na vida dessas/desses filhas/filhos, poucos são os estudos que se propuseram a compreender o modo como essa experiência é vivenciada por elas/eles, especialmente no contexto brasileiro. Nessa direção, essa pesquisa tem por intuito compreender a vivência de luto de filhas/filhos pela morte do pai durante a adolescência, buscando apreender como foi essa experiência e quais foram os impactos sentidos por elas/eles no decorrer de suas vidas. Para tanto, optou-se pelo caminho da pesquisa qualitativa e pelo método fenomenológico de investigação proposto por Amadeo Giorgi. Após aprovação pelo Comitê de Ética, CAAE 71548017.4.0000.0102, foram realizadas entrevistas com quatro enlutadas/enlutados que perderem o pai por morte repentina durante a adolescência. A análise das entrevistas revelou dez elementos constituintes, que articulados em um todo evidenciam a experiência de perda de um pai na adolescência. São elas: A vivência do repentino, Perda de um apoio, Ausência, Abandono, Sentimento de futuro roubado, Amadurecimento, Transformação nos modos de ser filha/filho, Suporte nas relações sociais, Evitação e Espiritualidade. A morte do pai significou a perda e a resignificação de uma referência e, assim, sentimentos como desamparo, falta de suporte e mudança na experiência de temporalidade emergiram. A ausência do pai passa a ser marcante na vida dessas/desses filhas/filhos em um momento em que consideram como fundamental tê-lo presente, seja para dar apoio, consentimento na tomada de decisões e reconhecimento das conquistas, seja para partilhar suas existências e trajetórias de vida. Nessa direção, compreendemos que é no entrelaçamento desses dois aspectos, a perda e resignificação dessa referência e o momento em que a morte acontece, que a experiência de luto de filhas/filhos pela morte do pai na adolescência se dá.

Palavras-chave: luto, filhas/filhos, adolescência, fenomenologia.

## **ABSTRACT**

The death of a loved one imposes one of the most remarkable experiences in our lives. From the existential point of view, bereavement is as an experience that begins from the abrupt suppression of the existence of the other in someone's life, disclosing the reality of death as irreversible and immutable. With the death of this significant other, the mourner loses a unique way of being-with, which were possible in this particular relationship and are no longer possible. The mourning experience and its significations will thus depend on the bond of the mourner to the deceased and their relationship meaning. Mourning for the loss of a parent is considered one of the most stressful and profound experiences for offspring, mainly when they are children or adolescents. Even though there is a consensus about the existence of relevant impacts on the life of these daughters or sons, few studies attempt to understand how they experience this process, especially in the Brazilian context. The present research aims to understand the experience of mourning of daughters and sons by the death of the father during the adolescence, trying to apprehend how this lived experience was and what the impacts felt by them during their lives. Therefore, it was chosen the qualitative phenomenological method of investigation proposed by Amadeo Giorgi. After approval by the Ethics Committee, CAAE 71548017.4.0000.0102, interviews were conducted with four participants who lost their father due to sudden death during adolescence. The analysis of the interviews revealed ten constituent elements that articulated in a whole, evidences the experience of loss of a father in the adolescence. They are, The experience of sudden, Loss of support, Absence, Abandonment, Feeling of stolen future, Maturity, Transformation in the ways of being daughter/son, Support in social relationships, Avoidance and Spirituality. The father's death meant the loss and a new meaning for a reference, and feelings like helplessness, lack of support and a change in the experience of temporality consequently emerged. The father's absence becomes stressed by a lifetime which they consider central to have the father presence, either to give support, to consent in making decisions, to recognize their achievements or to share their lives and life trajectories. In this direction, we understood that the experience of mourning of offspring by father's death in adolescence happens in the interconnection of the loss and the new meaning of this reference and the moment of death.

Keywords: mourning, offspring, adolescence, phenomenology.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 ADOLESCÊNCIA E VÍNCULOS FAMILIARES.....</b>	<b>17</b>
1.1 ADOLESCÊNCIA.....	17
1.2 VÍNCULOS FAMILIARES E A/O FILHA/FILHO ADOLESCENTE .....	23
<b>2 LUTO, MORTE E FAMÍLIA .....</b>	<b>34</b>
2.1 LUTO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA .....	34
2.2 MORTE E LUTO: IMPACTOS SOBRE O SISTEMA FAMILIAR.....	37
<b>3 IMPACTOS NA VIDA DA/DO ADOLESCENTE PELA PERDA PARENTAL PRECOCE: UMA REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>40</b>
<b>4 MÉTODO .....</b>	<b>50</b>
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>62</b>
<b>6 CONCLUSÕES.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>113</b>
ANEXO I: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS .....	113
ENTREVISTA I: CAMILO .....	113
ENTREVISTA II: CARMINDA .....	132
ENTREVISTA III: ISAURA.....	152
ENTREVISTA IV: MATILDE .....	178

## INTRODUÇÃO

Debruçar-se sobre um tema de estudo muitas vezes envolve muito mais do que a curiosidade de compreender melhor determinado assunto. Sabemos que a experiência de vida do pesquisador é um significativo convite a ampliar reflexões sobre o mundo da vida. A inspiração para o estudo desse tema não foi diferente e tem dois importantes motivos para sua realização. Em um nível menos consciente no que diz respeito à escolha, tem uma marca importante em minha vida. Foi na adolescência que passei pelo meu primeiro grande luto. Nos meus recém quinze anos completos, minha avó paterna, única com quem convivi, faleceu repentinamente. Diante dessa experiência, percebo hoje alguns aspectos dessa relação interrompida se fazendo presente em minhas escolhas.

O segundo motivo se apresenta anos mais tarde em minha prática psicoterapêutica. Histórias de pacientes já adultas/os que vinham para atendimento por diversos outros motivos, eram delineadas por grandes perdas por morte na adolescência. Em sua maioria, perda de mães, pais e irmãos ou irmãs. Trabalhar com a vivência de luto é entrar em um campo complexo e delicado. Por se tratar de uma vivência que revela uma condição da existência humana e considerando que a maioria das pessoas em algum momento da vida presenciam a morte de alguém, este acaba sendo um tema bastante recorrente no trabalho da/o profissional de Psicologia. Isso faz com que estudar e compreender temas como morte, morrer e luto seja necessário nesse campo.

Minha trajetória enquanto Psicóloga Clínica iniciou em 2014 e nesse mesmo ano atendi um caso de uma paciente que aos quatro anos perdeu o pai em um acidente de carro, aos 11 perdeu a mãe por câncer e aos 25 o irmão por homicídio. Por conta dessas perdas, sua vida teve mudanças bruscas desde muito cedo. Em especial, depois da morte da mãe, sua vida passou por grandes transformações: ela foi separada do irmão, mudou de casa e escola e no decorrer de alguns anos morou com uma série de tias e tios. Durante o processo terapêutico, muitas questões

relacionadas a suas perdas e às consequentes mudanças em sua vida foram trazidas, trabalhadas e ressignificadas. Em 2015, recebi uma adolescente com 14 anos que há dois anos havia perdido sua mãe por problemas cardíacos. Essa paciente em especial me chamou muita atenção. Ela deixou bem claro que não precisava trabalhar questões em terapia relacionadas à perda da mãe e em vários momentos me disse que já tinha entendido que sua mãe havia morrido e que estava bem com esse fato. Por esse motivo e pelo pouco tempo que durou o seu processo terapêutico, não tivemos oportunidade de aprofundar as questões relacionadas a essa morte. Em 2016, recebi outras/os nove pacientes já adultos/os que perderam a mãe, o pai ou irmã/irmão durante a adolescência. Elas/eles buscaram terapia por vários outros motivos que não o luto, mas em algum momento do processo esse tema veio à tona e muitos passaram a perceber em suas vidas profundas marcas relacionadas a essa perda. Algumas/alguns relatavam estar falando sobre o assunto pela primeira vez após a morte da/do ente querida/o, outras/os afirmavam não lembrar de muitos aspectos dessa vivência, outras/os passavam a perceber o quanto de suas escolhas de vida estavam relacionadas a essa perda. Essas reflexões e percepções eram permeadas de uma mistura de sofrimento, dor e alívio.

Assim, a vivência dessas/desses pacientes, bem como minha experiência de enlutamento suscitaram diversas reflexões, sobretudo sobre como a vivência de perda de uma pessoa de fundamental importância durante a adolescência impacta a vida da/do enlutada/o.

É sabido que a experiência de luto e suas significações dependerão do vínculo da pessoa enlutada com aquela/aquele que morreu (Brown, 2001; Freitas, 2013; Kovács, 1992a). O sentido existencial do ser humano está associado ao que ele pode ser na relação com alguém e para alguém. Assim, a forma como o luto é vivenciado depende também da qualidade da relação que se tinha com quem se perdeu. É preciso considerar que há várias formas de ser mãe, irmão ou filho, uma vez que há um campo de singularidades na constituição de cada relação (Freitas, 2013). Além disso, em nossa cultura, a família é um grupo de notável relevância para seus

membros, bem como para a sociedade (Carter & McGoldrick, 2001; Freitas, 2013; Pratta & Santos, 2007; Rosa, Boris, Melo & Santos, 2016). A morte de um dos membros desfaz o equilíbrio familiar e este desequilíbrio é afetado por uma série de aspectos, como por exemplo, o momento da morte no ciclo familiar, a natureza da morte e o papel da pessoa dentro do sistema familiar (Brown, 2001).

A literatura tem largamente apontado que a morte da/do mãe/pai é um evento complexo que pode ser considerado como uma das vivências que exige os maiores desafios adaptativos no que se refere à dinâmica das relações familiares pois é uma das experiências mais marcantes e estressantes na vida das/dos filhas/filhos crianças ou adolescentes (Brown, 2001; Goenjian et al., 2009; Hagan et al., 2011; Hamdan et al., 2012; Hirooka, Fukahori, Ozawa, & Akita, 2017; Luecken, Kraft, Appelhans, & Enders, 2009; Norton, Østbye, Smith, Munger, & Tschanz, 2009; Walsh & McGoldrick, 2013). Apesar do consenso a respeito de haver grandes impactos na vida dessas/desses filhas/filhos, poucos estudos estão sendo realizados em uma perspectiva que se proponha a compreender essa experiência a partir daquele que a vivencia, em especial no contexto brasileiro.

Portanto, essa pesquisa tem por objetivo compreender a vivência de luto de filhas/filhos pela morte do pai durante a adolescência, buscando apreender como foi a experiência de perda e quais foram os reflexos sentidos por elas/eles no decorrer de suas vidas. Acreditamos que essas respostas poderão trazer importantes reflexões a respeito dessa vivência e, como consequência, significativas considerações para a prática da/o profissional da Psicologia, frente às possibilidades e desafios de atuação com esta população.

Este trabalho está dividido, desse modo, em seis capítulos. O primeiro contempla dois tópicos principais. Um deles abordará a questão da adolescência a partir de uma reflexão a respeito do desenvolvimento humano, bem como do surgimento histórico da adolescência enquanto uma fase do desenvolvimento. Além disso, ainda neste tópico, há considerações a

respeito do ser adolescente como abertura para novas possibilidades e novos modos de relacionar-se com o mundo e com o outro. O outro tópico trará apontamentos a respeito dos vínculos familiares e a/o filha/filho adolescente. Para tanto, busca-se trazer à tona elementos sobre a constituição histórica da família, bem como sobre as configurações e arranjos familiares na sociedade ocidental contemporânea, compreendendo família para além da consanguinidade. Ainda, busca-se refletir sobre a importância das relações estabelecidas entre mãe/pai e filhas/filhos durante o adolescer, considerando que essa relação produz sentidos e significados específicos durante o decorrer da vida individual e familiar.

O segundo capítulo também está dividido em dois tópicos. No primeiro, evidenciamos o nosso entendimento de luto a partir de uma perspectiva fenomenológica, compreendendo essa experiência como iniciando pela abrupta supressão do outro que exigirá da/do enlutada/o uma resignificação de seu ser no mundo. Tal resignificação acontecerá a partir da ausência desse outro que não cessa de se apresentar no mundo da vida da/do enlutada/o. No segundo tópico, levantamos algumas questões a respeito da morte e do luto dentro do ambiente familiar, trazendo reflexões sobre o impacto que o evento traz nas relações como um todo, mas principalmente levando em consideração a repercussão da morte da mãe ou do pai na/no adolescente.

No capítulo três apresentamos uma revisão de literatura a respeito do que as/os autoras/es têm investigado sobre a perda parental na adolescência e quais são os reflexos na vida dessas/desses adolescentes que têm sido descritos, de modo a obter um panorama geral sobre as produções a respeito do tema. Para tanto, foi realizada uma busca de artigos publicados entre os anos de 2008 e 2017, nas bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online) e Portal de Periódicos CAPES.

O quarto capítulo apresenta o delineamento da metodologia que foi utilizada em nosso estudo. Esta pesquisa foi feita a partir do enfoque qualitativo e, para a compreensão dos dados obtidos, foi utilizado o método fenomenológico proposto por Amadeo Giorgi (2010). A escolha por essa abordagem e método se deu a partir do entendimento de que para alcançar o sentido da experiência de enlutamento, se faz necessário debruçar-se sobre essa vivência a partir do próprio sujeito da experiência. Entendemos que o rigor do método possibilitou a apreensão do sentido, bem como aos elementos essenciais da experiência estudada.

No capítulo cinco expomos individualmente as constituintes da experiência de perda parental durante a adolescência estabelecendo um diálogo com a literatura pesquisada, bem como apresentamos a articulação destas constituintes na compreensão da totalidade dessa vivência. A análise e revelação dessa estrutura é o objetivo principal deste estudo, pois é a partir disto que é possível compreender as especificidades da experiência sobre a qual nos debruçamos. Por fim, no último capítulo apresentamos as conclusões surgidas no decorrer da realização desta pesquisa.



## **1 ADOLESCÊNCIA E VÍNCULOS FAMILIARES**

### **1.1 ADOLESCÊNCIA**

Adolescência é um conceito que carrega em si ideários negativos e marcas de uma história naturalizante. Levantada a questão “o que é adolescência?”, imagens como rebeldia, agressividade, transgressão, desrespeito, chatice e crise são as primeiras a serem pensadas (Frota, 2007). Esses desequilíbrios e instabilidades, considerados como inerentes às/aos adolescentes, constituem uma noção de crise preexistente da adolescência, caracterizando a naturalização e a universalização do comportamento que tem dominado a concepção desse período de vida (Aguilar, Bock, & Ozella, 2002).

A problematização a respeito de crianças e, mais expressivamente, de adolescentes infratores, são relatados há séculos. Assim, muitos dos estudos iniciais a respeito da infância e da adolescência no campo da psiquiatria foram dirigidos aos ditos comportamentos infratores e agressivos dessa faixa etária (Marmorato, 2008):

Com o surgimento da psiquiatria moderna a partir do século XIX, esses jovens passaram a receber um olhar médico, ainda que atrelado a questões judiciais, e passou-se a postular a ocorrência de alterações mentais que justificassem a recorrência de atos delinquenciais. (p. 48)

Na Psicologia, o cenário dos estudos iniciais com adolescentes tem uma marca importante da Psicanálise, uma vez que esta tem reconhecida influência na construção do conhecimento psicológico. Desde quando a adolescência passou a ser de interesse da ciência, no campo da Psicologia (principalmente a partir de Stanley Hall) essa fase passou a ser reconhecida como marcada por tormentos e conturbações relacionadas à emergência da sexualidade (Aguilar et al., 2002).

Ainda nos dias de hoje, tradicionalmente são os aspectos emocionais disruptivos os objetos de atenção de muitas das teorias do desenvolvimento (Baroncelli, 2012; Frota, 2007).

Para Calligaris (2013) a adolescência “é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época” (p. 9) e além de jovens passarem por uma série de transformações em seus corpos, vínculos e significações, “precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais” (p. 9).

Não podemos perder de vista que a adolescência é uma concepção sobre um determinado momento do desenvolvimento que nem sempre existiu. Esta noção surge em profunda relação com o advento da sociedade moderna industrial e das novas tecnologias, que exigiram maior tempo de formação e mantiveram as/os jovens mais tempo junto de suas famílias. Foi com o tempo de permanência maior nas escolas e a postergação da entrada no mercado de trabalho que nasceu a adolescência conforme entendemos hoje (Aguiar et al., 2002; Frota, 2007; Palácios, 1995). Na sociedade contemporânea, essa valorização no aperfeiçoamento profissional é ainda mais marcante, aumentando ainda mais o tempo de preparação de adolescentes para o mercado de trabalho (Frota, 2007). Ainda segundo Aguiar et al. (2002), além da exigência de uma formação prolongada, o desemprego estrutural da sociedade capitalista demandou o retardamento da entrada da juventude no mercado de trabalho. Também teve papel importante o impacto da ciência nos hábitos de higiene e nos cuidados com a saúde, o que aumentou a expectativa de vida das pessoas e trouxe novos desafios em relação ao mercado de trabalho e formas de sobrevivência.

A adolescência se refere, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico. Essas questões sociais e históricas vão constituindo uma fase de afastamento do trabalho e de preparo para a vida adulta. O desenvolvimento e aparecimento de transformações no corpo vão sendo tomadas como marcas do corpo, que sinalizam a adolescência. (Aguiar et al., 2002, p. 170)

A adolescência é tida, assim, como uma fase de preparação para a vida adulta em que características como maturidade, independência e responsabilidade devem ser desenvolvidas como condições para a entrada na adultez. É contido nesse pensamento uma noção de desenvolvimento que considera a adolescência como uma fase de incompletude a ser passada pelo jovem a caminho da vida adulta — fase em que se estaria, por fim, completo.

Na psicologia, há teorias de desenvolvimento mental e de personalidade que propõem sequências de fases ou estágios, que vão sendo superados até que o desenvolvimento chegue à forma final própria da idade adulta. Formas de comportamento consideradas inadequadas ou doentias são vistas como regressões àquelas etapas que já deviam ter sido superadas... Segundo tal concepção, cada fase anterior serve de base para a seguinte e nesta se oculta e se integra. Etapas precisam desaparecer para que outras possam surgir. É como se devesse haver, entre passado e presente, uma separação nítida, uma margem que separa um do outro. (Pompéia & Sapienza, 2014, pp. 120-121)

Tomando a noção de maturidade como percurso, Pompéia e Sapienza (2014) afirmam que esta é comumente associada à plenitude de um ser humano ideal, que chegou ao seu ápice de desenvolvimento e assim, atitudes maduras são entendidas como boas e positivas em detrimento dos comportamentos ditos infantis e adolescentes. A infância e a adolescência seriam, então, os períodos de preparação para a chegada dessa maturidade. Os autores vão abandonar essa ideia de desenvolvimento como uma sequência em linha reta na qual as etapas ocorrem em uma progressão constante, em direção a um ponto final, trazendo uma noção interessante para pensar o desenvolvimento. Pensam o percorrer da vida humana como um círculo que se amplia, sendo esta uma ampliação da trajetória humana:

Na representação de um círculo que se amplia, ou seja, da existência que se amplia, tudo aquilo que fez parte do percurso, todo o já “sido” não fica para trás nem para fora do círculo, mas permanece ali. Isso quer dizer que se ampliam as possibilidades, aparecem

novas formas de relacionamento com o mundo, mas essas formas não competem com as anteriores. (Pompéia & Sapienza, 2014, pp. 122–123)

Frota (2006) também traz uma representação interessante para pensar o desenvolvimento humano. A autora afirma que este pode ser pensado como uma curva espiral, que vai e vem, em constante movimento. Movimento este que não necessariamente tem uma única direção ou um ponto final a se chegar. Dessa forma, os diversos momentos do desenvolvimento são alcançados e vividos diversas vezes e “... em qualquer momento da vida, o indivíduo pode reviver períodos vividos, ou lançar-se para o futuro” (Frota, 2006, p. 53). Nessa direção, pensamos o desenvolvimento como horizontes que se abrem durante a trajetória de vida de cada um, em que novos elementos emergem como possibilidades e em que as experiências já vivenciadas se mantêm como parte da existência. Na adolescência, por exemplo, o processo de tomar decisões e o assumir novas responsabilidades são possibilidades que se abrem ao existir dessa/desse adolescente. Diferente de pensar que fazer escolhas e se responsabilizar por elas são objetivos a serem cumpridos para se chegar a vida adulta, podemos pensar que no decorrer dos anos as/os mães/pais passam a fornecer mais abertura para que as/os filhas/filhos tomem suas próprias decisões e as/os filhas/filhos começam a se apropriar gradativamente delas. Com isso, também não estamos dizendo que a criança não tenha condições de fazer escolhas, mas que as escolhas que se fazem possíveis no decorrer da adolescência são diferentes das que acontecem na infância e, nesse sentido, os horizontes de possibilidades que se abrem à/ao adolescente é diferente daqueles que se abrem à criança. É na adolescência, por exemplo, que a escolha por uma carreira profissional começa a ser desenhada. É também na adolescência que, segundo Kovács (1992a), há a ampliação das capacidades cognitivas, a possibilidade de participar das conversas de pessoas adultas com ideias elaboradas por meio de conhecimentos adquiridos, assim como intensas manifestações dos sentimentos e necessidade de autoafirmação.

Oliveira, Rosa e Freitas (2017), em uma revisão sistemática de literatura sobre os estudos fenomenológicos a respeito da criança e da infância no Brasil, concluem que se faz necessário refletir sobre o desenvolvimento considerando a criança como um ser que não é definido pela falta ou incompletude, mas sim como um ser no mundo, que com suas particularidades experiencia sua existência: “Idade adulta e infância não são fenômenos separados, sem relação ou sem campo comum, ao contrário, a criança está no mundo, assim como os adultos e, portanto, partilham a mesma condição histórica e humana” (Freitas, 2015, p. 35). Podemos compreender a/o adolescente da mesma forma. Um ser no mundo que com suas particularidades experiencia as possibilidades que emergem em sua vivência.

Outro fator que se faz presente durante o adolescer diz respeito às mudanças que acontecem em seu corpo. O corpo infantil começa a dar lugar a uma série de novas características físicas, ganhando novos contornos. Os pelos que eram finos se fazem notados, a voz começa a ganhar novos tons, as mudanças hormonais passam a interferir no humor e assim por diante. Essas mudanças vão sendo anunciadas diariamente na vivência da/do adolescente por meio do seu corpo que se modifica. Ela/ele é convidado e convocado a habitar um novo corpo (Outeiral, 1994), que passa por transformações que são mais expressivas do que o que se viveu até o momento. Costumeiramente, essas transformações acabam por ocupar um lugar central nas preocupações das/dos adolescentes (Palácios, 1995; Talamoni, 2008) e levam a impactos na forma como estes passam a se ver, descrever e avaliar, bem como na forma como passam a ser percebidos por outros (Preto, 2001). Reforçamos, porém, que com isso não estamos dizendo que puberdade e adolescência são sinônimos. Puberdade não define a adolescência, e nem mesmo se confunde com ela. A puberdade introduz paulatinamente o novo, contribuindo no processo de transformação da/do adolescente no mundo. Segundo Alvim (2011), o corpo é entendido a partir de Merleau-Ponty como aquilo que nos enraíza no mundo e a partir do qual as significações são possibilitadas. Esse corpo do qual se fala não é só o físico

ou biológico, é também o corpo da experiência e assim, são dimensões de uma mesma totalidade entrelaçadas. O corpo que passa por transformações biológicas é também subjetividade encarnada que possibilita significações e sentidos às vivências (Alvim, 2011). Assim, apesar de entendermos que a puberdade não define a adolescência, compreendemos que é importante pensar que o processo de significação do mundo passa por esse corpo que, na adolescência, se encontra em constante e intensa transformação. O corpo que se transforma não é separado do corpo enquanto significação e esta vai sendo produzida no encontro da/do adolescente com o mundo. Palácios (1995) defende que o termo transformação é relevante para falar da adolescência, pois este permite manter uma certa continuidade com o passado ao mesmo tempo em que implica a ideia de novidade, de mudança. As transformações demandam novos ajustes e adaptações a elementos e situações que não faziam parte da vida até então.

A adolescência não é um fenômeno estanque ou natural, que se inicia e finaliza da mesma forma para todas e todos que passam por ele. Apesar de possuir elementos comuns a esta vivência, é preciso considerar que há tantas experiências de ser adolescente, quanto jovens adolescentes. Azevedo e Dutra (2012), defendem que “cada adolescente é único e vive a adolescência de maneira singular” (p. 21), sendo este momento conturbado e recheado de questionamentos em relação à própria vida e ao próprio corpo para alguns, ao mesmo tempo em que, para outros, será apenas uma etapa da vida em que algumas mudanças vão acontecer. As autoras ainda defendem que não consideram a adolescência

como um fenômeno universal, que se apresenta da mesma forma em qualquer cultura ou lugar; ao invés disso, estamos sugerindo que essa etapa do desenvolvimento se apresenta de forma singular em cada indivíduo, estando relacionada à maneira como o sujeito existe no mundo, e como se relaciona com o contexto social e histórico que constituem o ser no mundo. (Azevedo & Dutra, 2012, p. 21)

Na mesma direção, Baroncelli (2012) defende que ser adolescente diz respeito a uma experiência que tem uma multiplicidade de fatores em jogo - o corpo que se transforma, a sociedade e a cultura em que se está inserido, a classe social, a etnia, a família – mas que será significada por uma determinada pessoa de forma sempre única.

Defendemos, dessa forma, que a adolescência remete a um período em que novas possibilidades se abrirão à/ao adolescente em constante transformação, que com suas particularidades vai significando sua existência no seu encontro com o mundo de maneira singular. O adolescer abre possibilidades de um novo relacionar-se com o mundo, e, conseqüentemente, de um novo modo de relacionar-se com os outros. Ser adolescente é, portanto, ser um determinado corpo que sente, transforma, percebe e é percebido, em um determinado tempo, cultura e sociedade, em uma determinada família, não sendo possível, dessa maneira, compreendê-lo fora do contexto de suas relações, sejam elas com as pessoas do seu convívio, seja com o contexto mais amplo. Considerando os objetivos deste trabalho, no próximo tópico nos debruçaremos a respeito da/do adolescente e de seu âmbito familiar.

## **1.2 VÍNCULOS FAMILIARES E A/O FILHA/FILHO ADOLESCENTE**

Atualmente, os debates sobre o que é uma família e os elementos que a definem extrapolam os muros da academia. Ao longo dos anos, o conceito de família sofreu importantes transformações em decorrência das modificações na sociedade e, com isso, é importante pensá-la a partir do contexto em que está inserida. No momento em que vivemos, pensar família a partir de núcleo familiar composto de pai, mãe e filhas/filhos é desconsiderar uma gama de arranjos familiares comuns e mais amplos:

Algumas das composições familiares encontradas, mais especificamente no século XXI podem ser denominadas de família nuclear, família patriarcal, família monoparental, casais sem filhos, famílias unipessoais, famílias extensas, família homoafetiva, famílias

consensuais, famílias por associação. Não se deve omitir as famílias com avós como referência familiar que são tão comuns na sociedade e ainda a família objeto deste estudo que são as reconstituídas. (Christiano & Nunes, 2013, p. 39)

Considerando essa diversidade de arranjos e as transformações ocorridas no âmbito familiar, Rosa et al. (2016) defendem que o termo família deve ser pensado no plural e não mais no singular. Os autores afirmam ainda que a grande mudança no modelo tradicional de família (pai, mãe e filhas/filhos) não pode ser considerada como sinônimo de falência da instituição familiar, pois apesar das transformações ocorridas, esta segue sendo uma das instituições mais vigorosas na sociedade. Pratta e Santos (2007) também defendem esta ideia, evidenciando que apesar das mudanças, “a família ainda mantém o papel específico que exercia no contexto social e continua a ser uma instituição reconhecida e altamente valorizada, uma vez que prossegue exercendo funções capitais durante todo o processo de desenvolvimento de seus membros” (p. 50).

Ariès (1981) em seu livro *A história social da criança e da família*, traz uma importante contribuição a respeito de como o sentimento de família surgiu na sociedade ocidental. Ele demonstra a partir de uma análise iconográfica de como no decorrer dos séculos a noção de infância foi sofrendo importantes transformações e como estas tiveram impactos significativos no lugar assumido pela família nas sociedades modernas. O autor afirma que durante a maior parte da Idade Média não existia um sentido de infância como um momento do desenvolvimento humano diferente do período adulto. Foi gradativamente durante os séculos XV, XVI e XVII que a infância passou a ser reconhecida. Até então, era comum por exemplo, o infanticídio, que passou a não mais ser aceito quando mudanças importantes com relação aos cuidados das crianças se deram sob fortes influências da Igreja, moralistas e educadores. Outra prática bastante comum era que completados sete anos, as crianças eram enviadas à casa de



outras famílias para trabalharem com as atividades domésticas, sendo consideradas como aprendizes:

Assim, o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação. A criança aprendia pela prática, e essa prática não parava nos limites de uma profissão, ainda mais porque na época não havia (e por muito tempo ainda não haveria) limites entre a profissão e a vida particular; a participação na vida profissional - expressão bastante anacrônica, aliás - acarretava a participação na vida privada, com a qual se confundia aquela. Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança, não ao seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir. (Ariès, 1981, p. 228)

Dessa forma, não se criavam laços afetivos importantes entre mãe, pai e filhas/filhos: “A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental” (Ariès, 1981, p. 231). O autor ressalta que essa era uma prática difundida em todas as classes sociais da época. O conhecimento era passado entre as gerações por meio da participação das crianças na vida adulta e a educação não ocorria nas escolas. Foi a partir do século XV que gradualmente essa realidade se transformou.

As escolas que antes eram reservadas somente aos clérigos, progressivamente passaram a ser o lugar da passagem da infância à fase adulta. Isso se deu devido a uma preocupação moral de isolar a juventude do mundo de tentações da adultez, e também de um desejo da mãe e do pai de manter suas/seus filhas/filhos mais perto. Ariès (1981) defende que devido à importância dada à educação, surge um novo sentimento dentro do ambiente familiar: a mãe e o pai passaram a se interessar pelos estudos de suas/seus filhas/filhos, não sendo mais tão importante estabelecer com elas/eles uma relação voltada exclusivamente aos bens e à honra. O que foi denominado de sentimento de família pelo autor estava caracterizado pela intimidade que

passou a ser parte da relação entre os membros de determinada casa, uma necessidade maior de privacidade com relação à vida pública e de proteção dos mais jovens com relação ao mundo adulto. Ainda, a mãe e o pai se tornaram responsáveis pela educação e o bom comportamento de suas/seus filhas/filhos. Afirmar Ariès (1981), “O clima sentimental era agora completamente diferente, mais próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar as crianças na escola” (p. 232). Assim, mudanças que aconteceram na atitude dos membros adultos para com as crianças influenciaram direta e profundamente as relações internas familiares. Relações estas que deram ao afeto um lugar de destaque como importante elemento familiar e que até os dias de hoje é considerado como fundamental, mesmo com todas as transformações ocorridas na constituição da família.

Contextos econômicos e sociais são outros fatores a serem considerados quando se fala sobre família, pois cada família está inserida em um contexto diferente, o que irá interferir no modo como cada uma delas se estrutura. Segundo o censo demográfico de 2015 do IBGE, 58,73% das famílias brasileiras têm rendimento mensal de até três salários mínimos, 19,12% entre três e cinco salários mínimos e 19,97% acima de cinco salários mínimos (IBGE, 2015). Uma análise sobre as estatísticas familiares brasileiras do censo de 2010 com relação a gênero evidencia que, no que diz respeito à composição familiar, o número de mulheres responsáveis pelas famílias compostas por casais e com filhas/filhos corresponde a 22,7%, enquanto que nas famílias monoparentais as mulheres são a maioria ocupando a condição de responsável pela família, totalizando 87,4%. Em 40,8% das famílias com rendimento de até meio salário mínimo per capita, a mulher é a responsável pelo lar, enquanto em famílias com mais de dois salários mínimos per capita, esse número cai para 32,7%. É perceptível que em famílias monoparentais (formadas pelo responsável sem cônjuge e com filhas/filhos) e de classes sociais mais baixas é bem mais comum o arranjo familiar em que a mulher é a responsável pela família. Outro dado interessante tem relação com a presença de filhas/filhos com idade até cinco anos. Em 30,3%

das famílias em geral, a mulher é a responsável por cuidar delas/deles, indicando que apesar do compartilhamento dos cuidados das/dos filhas/filhos entre a mãe e o pai estar se tornando mais frequente, ainda é sobre ela que recai a responsabilidade por assumir essa função (IBGE, 2014).

Esses são apenas alguns dados que nos indicam a variedade do perfil da família brasileira segundo a classe social, e que nos apontam a relevância de levar em consideração não só a multiplicidade de arranjos familiares, mas de que modo esses arranjos se articulam com as questões sociais e mesmo com as relações intrafamiliares, como também o modo de se desempenhar os diferentes papéis. Entendemos que esses e outros elementos — como quem trabalha e quem não trabalha, qual o tipo de trabalho desses familiares, qual o tempo possível para dedicação e de convivência com a família, quem cuida das/dos filhas/filhos, qual a rotina da casa, qual a alimentação que essa família tem disponível e assim por diante — possuem influências no modo de estruturação familiar. Assim, precisamos levar em consideração que famílias monoparentais de classe baixa chefiadas por mulheres, por exemplo, se organizam de forma bastante distinta de famílias constituídas por casais da classe média.

No contexto geral, pensamos a família como sendo mais do que a soma de seus membros. Delgado (2005), apoiada no pensamento de Heidegger, afirma que é no mundo da família que o ser inicia a sua existência. Este mundo é o espaço em que os membros compartilham vivências no cotidiano, sendo, assim, um ambiente de geração de significados. Os membros participam desse âmbito familiar com seus modos de ser e viver e no cotidiano constituído de acontecimentos familiares e individuais, a família vivencia a si mesma como algo único, “integrada por projetos, expectativas, frustrações, dificuldades, reflexões, alegrias, responsabilidades assumidas ou não, conquistas individuais e grupais, perdas, todas as vivências e experiências que co-existem na con-vivência da família” (Delgado, 2005, p. 87). A autora ainda ressalta que cada um dos membros tem seu espaço dentro do ambiente familiar, e que se relaciona com este a partir de suas próprias possibilidades de ser, bem como com as

possibilidades que pode encontrar dentro do mundo da família. Dessa forma, “no mundo da família são possíveis, ao mesmo tempo, uma história de vida particular de cada membro e uma história de vida compartilhada” (p. 89).

Nota-se que estamos nos referindo à família como sendo um sistema complexo, inserido em um contexto histórico, cultural e social, em que as pessoas que ali convivem estão em contínua interação, escrevendo juntas uma história, ao mesmo tempo particular e comum, a partir daquilo que as ligam. Neste trabalho, ao nos referirmos à família estamos levando em consideração a noção de laço familiar:

O laço familiar é uma relação marcada pela identificação estreita e duradoura entre determinadas pessoas que reconhecem entre elas certos direitos e obrigações mútuos. Essa identificação pode ter origem em fatos alheios à vontade da pessoa (laços biológicos, territoriais), em alianças conscientes e desejadas (casamento, compadrio, adoção) ou em atividades realizadas em comum (compartilhar o cuidado de uma criança ou de um ancião, por exemplo). (Fonseca, 2005, p. 54)

Nesse cenário, defendemos que, ao pensar sobre vínculos familiares existente nos laços afetivos, precisamos considerar alguns fatores: a família é entendida como o espaço privilegiado para o desenvolvimento dos indivíduos e também um lugar para a formação e manutenção de afetos. Além disso, se estrutura a partir das condições sociais e econômicas em que está inserida. Ainda, é preciso levar em consideração o papel que cada familiar exerce dentro desse sistema e também os relacionamentos que se dão entre cada um e entre todos os membros, que possibilitarão significações únicas a essas relações e também à família como um todo. Todos esses elementos em conjunto permitirão que sentidos particulares emergjam a cada membro e a cada família. Assim, ao falarmos de vínculos familiares estamos nos referindo mais do que a papéis específicos (mãe, pai, filha, avó) exercidos. Estamos falando sobre os sentidos que emergem neste contexto amplo que permitem aos membros serem aquela/aquele quem cria,

aquela/aquele quem dá o apoio emocional, aquela/aquele que funciona como suporte financeiro, aquela/aquele que é afetiva/o, aquela/aquele que obedece, aquela/aquele que desrespeita, aquela/aquele que é inflexível, aquela/aquele que é mais fechada/o, aquela/aquele que é comunicativa/o e aberta/o e assim por diante em infinitas possibilidades.

Essas reflexões são fundamentais para pensarmos acerca da importância dos vínculos familiares no desenvolvimento de seus membros, uma vez que o ciclo de vida de cada um acontece dentro do ciclo de vida familiar. Nos deteremos, para os fins deste trabalho, mais especificamente na relação entre mães/pais e filhas/filhos adolescentes. Por ser um sistema que se move e se desenvolve através do tempo, ao longo da trajetória de vida dos filhas/filhos, os/as mães/pais são convidados a desempenhar diferentes tarefas, papéis (Betty Carter & McGoldrick, 2001; Preto, 2001) e modos de ser mães/pais, uma vez que as relações vão ganhando novos contornos com os horizontes que se abrem nas diversas etapas da vida.

Como ressaltado anteriormente, a adolescência, ao abrir novas possibilidades à/ao adolescente, inaugura novos modos de ser e estar em relação. Outeiral (1994) afirma que uma das tarefas básicas da adolescência diz respeito ao “processo de estabelecimento de novos vínculos com a família e a sociedade, não mais em termos infantis e sim dentro de um modelo mais adulto” (p. 18). Vamos um pouco além. Entendemos a adolescência não como o processo de estabelecimento de novos vínculos e sim como o período de grandes transformações desses vínculos e do relacionar-se com o outro, inaugurando um novo campo de possibilidades à/ao adolescente em seu projetar-se no mundo. Essas transformações vão levar a mudanças na maneira como os membros da família se relacionam, possibilitando novas nuances nos vínculos familiares, em especial no que diz respeito ao processo de tornar-se independente e da aquisição de autonomia.

A literatura tem apontado esses dois aspectos (tornar-se independente e adquirir maior autonomia) como questões fundamentais implicadas nos vínculos familiares durante o período

da adolescência (Brown, 2001; Féres-Carneiro, Mello, Machado, & Magalhães, 2017; Ponciano & Féres-Carneiro, 2014; Preto, 2001). Mãe e pai passam a lidar com a filha ou o filho em processo de independização. Ressalta-se que este não é sinônimo de ruptura com a família, mas sim um marco na modificação dos vínculos até então existentes (Outeiral, 1994; Ponciano & Féres-Carneiro, 2014; Preto, 2001). Aqui se faz importante reforçar que ao citar a expressão “mãe/pai” estamos considerando os diversos arranjos familiares, como citado anteriormente. Ou seja, estamos nos referindo ao papel exercido e não necessariamente ao vínculo biológico de maternidade ou paternidade. Assim, estamos dizendo também do papel materno/paterno das famílias monoparentais, famílias com filhas/filhos adotivas/adotivos, criadas/os por avós, por pessoas do mesmo gênero, entre outros arranjos e de seus entrelaçamentos com as questões sociais e de classe.

Ponciano e Féres-Carneiro (2014) defendem que é indiscutível a importância da participação ativa das/dos mães/pais nas transições das etapas das vidas de suas/seus filhas/filhos, sendo na adolescência importantes suportes no desenvolvimento de autonomia:

O encorajamento parental e a presença de seu suporte são importantes para a tomada de decisão e a solução de problemas dos filhos jovens. O processo de diferenciação não acontece sem os pais, mas com eles. Desse modo, a relevância da relação pais e filhos, ligando a infância, a adolescência e a idade adulta, é destacada. A participação dos pais fomenta a autonomia em um contexto de disponibilidade e de presença. (Ponciano & Féres-Carneiro, 2014, pp. 389–390)

Nessa mesma direção, Preto (2001) também evidencia a importância das relações entre mãe/pai e filhas/filhos nesse processo, afinal de contas, é com relação àquelas/es que estas/es se tornam independentes: “Para estabelecer autonomia, eles precisam tornar-se cada vez mais responsáveis por suas próprias decisões e ao mesmo tempo sentir a segurança da orientação dos pais. A flexibilidade é a chave do sucesso para as família neste estágio” (Preto, 2001, p. 225).

Em um estudo sobre as expectativas parentais na temporalidade contemporânea, Féres-Carneiro et al. (2017) identificaram que quem as/os filhas/filhos se tornarão na vida adulta é uma preocupação bastante presente na relação entre mães/pais e filhas/filhos. As falas dos mais de 130 entrevistadas/os pertencentes ao segmento médio da população carioca e com os mais variados arranjos familiares, coloca em foco a valorização da esfera profissional perpassando a relação estabelecida entre elas/eles e o processo de educação dedicado. Esse fato também ficou evidente na resposta das/dos filhas/filhos que igualmente apontaram a questão profissional como foco, quando questionadas/os a respeito dos seus projetos de futuro, bem como do que imaginam que suas/seus mães/pais esperam delas/deles. Nessa direção, podemos refletir que a expectativa colocada no processo de tornar-se independente e autônomo das/dos mães/pais diz respeito não somente às questões emocionais, mas também em relação a questões financeiras.

Em uma investigação sobre como se dá a relação entre mães/pais e filhas/filhos adolescentes, na perspectiva da/do própria/próprio adolescente pertencentes às camadas popular e média, Reis (2014) também destaca que na camada média as/os adolescentes atribuem às/aos mães/pais grande preocupação com o direcionamento do seu futuro, particularmente no que diz respeito ao crescimento profissional e econômico. Nesses casos, filhas/filhos apontam que o diálogo estabelecido com suas/seus mães/pais é muito voltado a cobranças diárias e intensas no que diz respeito ao alcance de metas educacionais, o que na percepção da/do adolescente faz com que sua totalidade e singularidade seja muitas vezes negligenciada. Apesar disso, as/os adolescentes desse segmento social, afirmam um desejo em terem independência financeira e esta é relacionada a necessidades de autoafirmação e da não necessidade de depender da/do mãe/pai para todas as suas demandas. Já na camada popular, o desejo em relação à independência financeira está intimamente ligado à necessidade de sobrevivência e de ajuda à família. Ao falarem sobre a perspectiva de tempo e do modo como deve ser

aproveitado, as/os adolescentes de ambos segmentos demonstram receio em se arrependem por não aproveitar as oportunidades de viver esse momento da vida, mas

Apesar dos adolescentes de ambas as camadas sociais apresentarem esta inquietação, nas narrativas de muitos jovens de camada popular o futuro parece já ter chegado. Eles se percebem adultos, ao entrarem na adolescência sentem-se com a obrigação de ajudar no sustento da casa, e apesar de alguns considerarem “normal” trabalhar na adolescência, a maioria percebe o trabalho como um fator impeditivo para aproveitar esta fase. (...) Desta forma, para os adolescentes de camada popular, o trabalho implica em uma visão mais madura e em assumir certa responsabilidade. Segundo eles, os pais trazem este discurso desde quando são crianças. (Reis, 2014, pp. 46-47)

Esses dados apontam que a temporalidade é vivida de modo distinto pelas/pelos adolescentes das camadas popular e média e o amadurecimento e o processo de tornar-se independente dessas/desses jovens parecem acontecer em tempos diferentes.

Apesar disso, a mesma autora afirma que as/os adolescentes de ambas as classes sociais apontam que há um paradoxo entre as suas necessidades e a postura de suas/seus mães/pais a seu respeito. Ao mesmo tempo que as/os mães/pais se sentem inseguras/os em deixar que as/os filhas/filhos explorem novos espaços, tratando-os muitas vezes como ainda não capazes por tomar decisões, as/os filhas/filhos falam que percebem suas/seus mães/pais estressadas/os, autoritárias/os e taxativas/os em cobranças repetitivas a respeito dos estudos, organização e cuidados com os perigos da sociedade. Ainda, as/os adolescentes percebem que a relação com suas/seus mães/pais fica fragilizada pela ausência de diálogo, afirmando que estes não entendem suas necessidades diante das diversas formas de vivenciar a adolescência. Por fim, a autora realça que

na percepção dos adolescentes das duas camadas socioeconômicas, os conflitos entre pais e filhos frequentemente emergem das controvérsias de valores entre as gerações as



quais podem ser contornadas com certa naturalidade. As relações com os pais, na maioria dos casos, são equilibradas, exceto nos casos em que a postura dos pais para com os filhos carece de afeto e vínculo. (Reis, 2014, p. 67)

Todos esses autores e estudos parecem apontar em uma mesma direção. A relação que se estabelece entre mães/pais e filhas/filhos produz significações e sentidos específicos durante a trajetória de vida familiar e individual. Na adolescência, um novo modo de viver a autonomia e a independência se faz possível, sendo as/os mães/pais ainda importantes fontes de suporte, apoio e desenvolvimento desses aspectos. Mas para além das questões de autonomia e independência, podemos pensar quais outros elementos fazem parte desse processo. Uma história que compartilham juntas e juntos, projetos e planos para um futuro, frustrações das expectativas sobre cada um, mudanças nos conteúdos e em especial nas formas de comunicação estabelecidos, conflito ou coerência entre os interesses e necessidades, perdas e conquistas, respeito, cuidado e afeto (ou até mesmo a falta deles) e, assim por diante, produzem sentidos únicos a cada relação.

Podemos pensar, portanto, que a experiência de perda de uma/um mãe/pai coloca em evidência essas significações construídas e levam a/o filha/filho a uma resignificação dessa relação, que não mais poderá acontecer mais via intercorporeidade. Nos debruçaremos a respeito da perspectiva de luto da qual partimos, bem como sobre a morte no contexto familiar e a perda parental no próximo capítulo.

## **2 LUTO, MORTE E FAMÍLIA**

### **2.1 LUTO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA**

O luto pela perda por morte de uma pessoa querida é uma das experiências mais marcantes que a maioria de nós vivencia no transcorrer de nossas vidas. Do ponto de vista de uma análise existencial, a realidade que se apresenta à pessoa enlutada após a morte de alguém querido é de uma ausência que ainda se faz presente em seu mundo vivido. Portanto, essa será uma relação que acontecerá somente nessa ausência. Com a morte de um alguém próximo, morre também uma maneira singular de ser do próprio enlutado. Ao enlutar-se, perde-se um espaço expressivo de si mesmo, perde-se uma maneira habitual de ser-no-mundo, o que exige da pessoa enlutada, portanto, uma nova forma de ser-no-mundo (Freitas, 2013).

Ao buscar compreender de que modo o processo de enlutamento é vivenciado na sociedade brasileira atual e qual o significado social do luto e o processo de individuação de quem o sofre, Koury (2010) percebeu que o distanciamento vivido em relação às pessoas enlutadas e às que morreram é a característica principal dessa sociedade das últimas duas décadas. A manifestação da dor e do sofrimento em público se tornou estranha no cotidiano e há com relação a ela, uma condenação velada. Em seu estudo sobre a forma como a população urbana do Brasil expressa seu luto, Koury descobriu que a discrição é o comportamento relatado como ideal quando se perde alguém, tendo 77,6% da sua amostra evidenciado que a expressão da dor e o lidar com o sofrimento em público deve ser discreto. O autor ressalta que a discrição não é sinônimo de não sofrer, mas sim de que o sofrimento interessa somente a quem o está vivenciando. Esse cenário denuncia mais do que a falta de espaço para falar sobre a dor, a morte e o sofrimento. Denuncia a inabilidade e a dificuldade da sociedade contemporânea em ouvir sobre a dor, a morte e o sofrimento.

A falta de espaços e possibilidades para verbalizar o sofrimento imposto pelo luto é uma fala frequente no discurso das pessoas enlutadas. Fujisaka (2009), em seu estudo com

indivíduos adultos sobre a compreensão de suas perdas da mãe durante a infância, evidencia que a maioria relatou ter sentido a necessidade de poder conversar e expressar seus sentimentos com aqueles que estavam ao seu redor de modo a sentir-se amparada e de ter a possibilidade de ressignificar a dor. Este fator também pode ser evidenciado na pesquisa realizada por Michel (2017) sobre a vivência de psicoterapia de mães que perderam suas/seus filhas/filhos por morte. Em seus relatos, as participantes consideram como importantes fatores na relação psicoterapêutica poder falar livremente sobre questões relacionadas ou não ao luto, expressar sentimentos que são entendidos como negativos socialmente (com raiva e desejo de vingança) e poder expressar o sofrimento que vivenciam pela perda:

Assim, importa destacar que as mães enlutadas puderam ter a experiência de expressar sofrimento na psicoterapia. Tal dado indica a relevância que um processo psicoterápico pode ter para essas mães, ao mesmo tempo em que denuncia a ausência de espaços e relações em nossa sociedade em que essa experiência seja possível. (Michel, 2017, p. 99)

Apesar de ser um tema com pouco espaço para ser discutido socialmente, é importante considerar que vida e morte estão entrelaçadas durante todo o processo de desenvolvimento (Kovács, 1992b). Não somente as mortes consideradas simbólicas (mudança de fase de desenvolvimento, perda de um emprego, término de um relacionamento, entre outras), mas principalmente a morte como supressão da vida. Para Freitas, Michel e Zomkowski (2015), esta morte tem uma diferença importante em relação à morte simbólica. A morte como aniquilamento do corpo é uma supressão abrupta da existência do outro e traz como realidade marcante em sua imposição a irreversibilidade e a imutabilidade. Não há, portanto, nenhuma possibilidade de restabelecimento de uma relação na intercorporeidade (Freitas, 2010).

Entendemos ainda que, para a compreensão da experiência de enlutamento, é fundamental aproximar-se do sentido da perda, bem como do sentido da relação que se

estabelecia entre a pessoa que morreu e a enlutada. Olhar para o luto é deparar-se com a alteridade, com a maneira pela qual se vive no mundo conjuntamente. No luto não se perde somente o outro, perde-se um mundo de sentidos que se apresentava a mim na própria vivência conjunta (Freitas et al., 2015): “Ele morre em sua corporeidade, eu em minhas possibilidades de ser com ele, o “nós” enquanto temporalidade compartilhada” (p. 18). Sob este ponto de vista, o trabalho do luto se dará na ressignificação dessa relação e não em sua superação, pois não há como retornar à mesma vida que se vivia antes da morte do ente querido se fazer presente. Há uma incorporação desta morte na vida de quem sobrevive, que seguirá sua vivência no mundo a partir de uma nova relação com o ente perdido (Freitas, 2013). Assim,

enlutar-se não designa apenas um período necessário a ser esquecido ou superado, mas uma crise de sentido que permite um novo relacionar-se com o que se perdeu do outro e, portanto o que se perdeu de possibilidades de sua existência singular enquanto ser-no-mundo, seja no esquecer, ou mesmo no manter uma coexistência na presença-ausente da saudade. (Freitas, 2013, p. 104)

Dessa forma, o luto é uma vivência característica da mudança brusca nas formas da pessoa enlutada se apresentar na relação (Freitas, 2013). A morte de um ente querido impõe à vida da/do enlutada/o a ausência abrupta desse outro que partilhava sua existência no tempo e espaço comigo e que me permitia ser sujeito nessa relação, implicando uma profunda transformação nos modos de ser no mundo (Freitas et al., 2015).

Além dessa realidade imposta à/ao enlutada/o, é preciso levar em consideração que essa morte acontecerá dentro de um contexto familiar. Ao mesmo tempo em que morre um pai, morre um marido, um filho, um sobrinho. Nesse sentido, o próximo tópico buscará refletir sobre os impactos causados na vida familiar em decorrência da morte de um dos seus membros.

## **2.2 MORTE E LUTO: IMPACTOS SOBRE O SISTEMA FAMILIAR**

No contexto familiar, a morte de um dos membros afeta todo o sistema. Ela traz consigo um conjunto complexo de condições e evidencia perdas múltiplas em inúmeros relacionamentos, nos papéis funcionais e nos planos familiares. Este evento revela desafios de adaptação e reorganização tanto imediatos quanto de longo prazo para as famílias (Walsh & McGoldrick, 1998, 2013). “De todas as experiências humanas, a morte coloca os desafios adaptativos mais dolorosos para as famílias” (Walsh & McGoldrick, 1998, p. 50).

O impacto no equilíbrio dependerá de uma série de fatores, como o contexto social e étnico, a história de perdas anteriores, o momento da morte no ciclo de vida, a natureza e circunstância da morte, o papel da pessoa na família, a abertura do sistema familiar e as próprias relações familiares (Brown, 2001; Walsh & McGoldrick, 2013). Quanto mais significativa a pessoa que morreu for no sistema familiar, maior a tendência de sua morte ter impactos nas várias gerações. Além disso, quanto mais central for o membro familiar falecido no funcionamento da família, maior será o impacto. Este impacto irá depender fortemente do papel funcional e do grau de dependência emocional da família em relação a esta pessoa (Brown, 2001; Walsh & McGoldrick, 2013). Esse fato pode ser exemplificado pela pesquisa de Fujjisaka (2009). A morte da mãe trouxe várias mudanças na estrutura das famílias de todos que participaram em seu estudo, uma vez que a mãe possuía papel fundamental na dinâmica familiar:

Assim, a necessidade de rearranjos para suprir o papel que a mãe cumpria na vida da criança e da família trouxe, a partir das modificações, outras perdas aos órfãos como, por exemplo, da rotina, da casa, da escola, o afastamento de amigos e parentes, além das dificuldades que surgiram ou vieram à tona entre os membros da família, entre outras. Para alguns as mudanças foram tão drásticas que seria possível dividir suas vidas em “antes e depois” da morte da mãe. (Fujjisaka, 2009, p. 155)

Levando em consideração a multiplicidade de arranjos familiares, se faz fundamental ter uma visão ampliada do ciclo de vida familiar. Transições implicam múltiplas perdas e exigem reconfiguração da vida familiar em arranjos mais fluidos e complexos. Assim, quando há a morte, é necessário olhar para a complexa rede de relações familiares e também para as perdas e reestruturações já existentes ao longo do tempo. Em famílias divorciadas, por exemplo, a morte da mãe ou do pai com a custódia pode levar a conflitos com as avós ou avôs durante a futura criação de filhas/filhos. A morte da mãe ou do pai em famílias do mesmo sexo trazem como possibilidade a desaprovação familiar e religiosa, quando este assunto não é bem encarado na família e, além disso, estas famílias podem passar por questões legais e sociais nos casos do sobrevivente não-biológico (Walsh & McGoldrick, 2013). Em famílias monoparentais, as mudanças para as/os filhas/filhos podem ser radicais. Muitas vezes demandam mudança para a casa de familiares próximos ou até de cidade, irmãs/irmãos podem ser separadas/separados. Quando são maiores de idade, a nova vida pode lhes exigir uma reestruturação econômica e a entrada no mercado de trabalho, além de subitamente precisarem lidar com a orfandade.

Além das questões já apontadas, o momento da morte no ciclo da vida da pessoa é um elemento importante quando se fala de perdas no contexto familiar. Quando um membro idoso da família morre, é comum a crença de que o mesmo tenha completado todas as fases de sua vida. Porém, quando a morte chega em outra fase do desenvolvimento, considera-se que encerra uma vida ainda incompleta. O momento é, então, considerado como errado, estando fora de sincronia. As mortes que acontecem quando a pessoa está na plenitude da vida, são as que provocam maior ruptura no ciclo familiar (Brown, 2001): “As mortes que são cronologicamente prematuras, particularmente a viuvez precoce, a perda precoce dos pais ou a morte de uma criança, tendem a ser mais difíceis para a família suportar” (Walsh & McGoldrick, 2013, p.

23).<sup>1</sup> No caso da morte da/do mãe/pai, serão exigidas mudanças na estrutura desse sistema. Em famílias biparentais, por exemplo, a morte evidencia a “necessidade de realinhar papéis e recursos como famílias monoparentais. As demandas combinadas de emprego, financiamento e educação infantil podem esgotar a energia da/do mãe/pai sobrevivente e interferir no luto” (Walsh & McGoldrick, 2013, p. 24).<sup>2</sup>

Para finalizar, reforça-se que “uma mesma morte pode envolver a perda de um cônjuge, de um filho, de um pai, de um primo ou de um tio ao mesmo tempo” (McGoldrick & Walsh, 1998, p. 56). Assim, além de a morte acontecer em determinado contexto, cultura, tempo e espaço, acontece dentro no ambiente familiar. Como ressaltamos anteriormente, a família precisa ser compreendida como um sistema complexo no qual seus membros criam em conjunto uma história, formam vínculos únicos e relações particulares dotadas de significados. A morte irá impor a todos esses familiares uma realidade inevitável e irrevogável, que lhes demandará ressignificação da relação particular interrompida e, conseqüentemente, todo o sistema familiar irá ser ressignificado e reestruturado. Dessa forma, o processo de luto exigirá da pessoa enlutada além de uma nova forma de ser no mundo nesta relação particular, também uma nova forma de ser no mundo dentro desta família.

Uma vez que esta pesquisa investiga a experiência de luto a partir de um membro familiar específico, a/o filha/filho que perdeu o pai na adolescência, o próximo capítulo irá se debruçar a respeito da perda parental precoce a partir de pesquisas de autoras/autores que estudam este assunto.

---

<sup>1</sup> Trecho original: “Deaths that are chronologically premature, particularly early widowhood, early parent loss, or death of a child, tend to be harder to bear for families”.

<sup>2</sup> Trecho original: “The death of a parent in two-parent families is complicated by the need to realign roles and resources as single-parent households. Combined job, financial, and child-rearing demands can deplete the surviving parent’s energy and interfere with mourning”.

### **3 IMPACTOS NA VIDA DA/DO ADOLESCENTE PELA PERDA PARENTAL PRECOCE: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

O que as/os pesquisadoras/pesquisadores têm investigado sobre a perda parental na adolescência na última década? De modo a responder esta questão, foi realizada uma revisão de literatura a partir do levantamento de artigos publicados entre os anos de 2008 e 2017, nas bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online) e Portal de Periódicos CAPES, utilizando os descritores: “adolescente” e “luto”; “adolescente” e “luto” e “pais”; “adolescente” e “luto” e “pai”; e “adolescente” e “luto” e “mãe”. Os artigos que não possuíam acesso livre via biblioteca institucional ou os cujas revistas não possuíam avaliação da CAPES *Qualis* A ou B foram excluídos da amostra.

Este capítulo tem por intenção descrever quais os impactos relatados pelos 33 artigos da amostra na vida das/dos adolescentes parentalmente enlutadas/os. Os achados dos artigos foram organizados em temas a partir dos assuntos abordados nas pesquisas realizadas e, em alguns casos, o mesmo artigo possui mais de um deles. Os temas percebidos com relação aos impactos foram: aspectos fisiológicos e cognitivos, comportamentos de risco e saúde mental, possibilidades e fatores relevantes no processo de luto.

#### **Aspectos fisiológicos e cognitivos**

Três pesquisas investigaram as relações existentes entre a atividade de cortisol e a perda das/dos mães/pais na adolescência. Isso porque a literatura especializada tem apontado que o estresse nas fases iniciais do desenvolvimento tem implicações negativas no funcionamento do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HPA), e por consequência na regulação da liberação de cortisol. Um dos estudos sugere que adolescentes que são expostos a eventos estressantes após perda de uma/um das/dos suas/seus mães/pais têm maior probabilidade de ter a atividade de



cortisol reduzida a longo prazo (Hagan, Luecken, Sandler, & Tein, 2010). Na sequência dessa pesquisa, Hagan, Roubinov et al (2011) descobriram que adolescentes enlutadas/os que apresentaram menor nível de parentalidade positiva no passado possuem a produção de cortisol aumentada em situações de exposição a eventos negativos recentes. Os autores definem parentalidade positiva como sendo a relação entre genitora/genitor e filhas e filhos caracterizada pelo calor humano, aceitação e práticas disciplinares eficazes. Dietz et al. (2013) afirmam que em comparação ao grupo de filhas/filhos não enlutadas/os, os jovens que passaram pela perda de um dos pais apresentam uma maior produção de cortisol, combinada a uma menor reatividade do cortisol ao estresse social. Além disso, podem estar expostos a efeitos adversos à saúde devido a este aumento e ter a capacidade de resposta adaptativa a estressores agudos reduzida.

Considerando a morte precoce de um dos pais como um dos eventos que exige os maiores desafios adaptativos e que coloca na vida da/do filha/filho potenciais estressores, Norton, Østbye, Smith, Munger & Tschanz (2009) descobriram que existe uma relação entre a morte prematura da/do mãe/pai e o risco aumentado para Alzheimer. Outro artigo buscou compreender o impacto da perda de um pai na guerra do Afeganistão sobre a memória autobiográfica específica das/dos adolescentes. Os resultados indicam que as/os jovens enlutadas/os recuperaram significativamente menos memórias específicas e significativamente mais memórias estendidas e categóricas que as/os adolescentes não enlutadas/os. Os autores concluem, portanto, que as/os adolescentes cujo pai morreu, possuem a memória autobiográfica específica prejudicada após a perda (Doost et al., 2014).

Weinberg et al. (2013) realizaram uma pesquisa para avaliar o índice de massa corporal de adolescentes que perderam a/o mãe/pai cinco anos antes do estudo. Os achados revelam que as/os jovens parentalmente enlutadas/os são mais propensos a serem obesos do que os que não haviam perdido um de seus pais. Além disso, houve uma relação significativa entre a

história de depressão do cuidador e a obesidade da prole na amostra geral (enlutadas/os e não-enlutadas/os), revelando que a depressão do cuidador aumenta o risco de obesidade em jovens não-enlutadas/os e em contrapartida aumenta a probabilidade das/dos enlutadas/os de ter um índice de massa corporal (IMC) dentro da normalidade.

### **Comportamentos de risco e saúde mental**

Três artigos são frutos do mesmo grupo de pesquisa e investigaram a relação entre autolesões de adolescentes na perda parental por câncer. A probabilidade de autoagressão entre estas/estes adolescentes é duas vezes maior se comparado ao grupo de não enlutadas/os (Bylund-Grenklo, Kreicbergs, Hauksdóttir et al., 2013). Além disso, a automutilação é relatada como mais frequente quando o ambiente familiar é considerado negativo. Ainda neste estudo, foi considerado como um agravante para o ato a insatisfação com relação ao atendimento e cuidado médico ofertados ao familiar falecido (Bylund-Grenklo, Kreicbergs, Valdimarsdóttir et al., 2014). Aproximadamente metade das/dos adolescentes que perderam um de seus pais por câncer relatam sofrerem pela perda depois de seis a nove anos do falecimento. O ato de automutilação, luto não resolvido, exaustão, uso de sedativos, insônia, fadiga e sintomas depressivos também são impactos descritos (Bylund-Grenklo, Fürst et al., 2017).

A maior probabilidade para sintomas depressivos também apareceu em outros quatro estudos (Goenjian et al., 2009; Gray, Weller, Fristad, & Weller, 2011; Kaggwa & Hindin, 2010; Melhem, Walker, Moritz, & Brent, 2008). Em comparação com grupo de filhas/filhos não enlutadas/os, foram encontradas diferenças significativas para a presença de sintomas depressivos nas/nos adolescentes que perderam um de seus genitores em todos os estudos. Também são descritos maior probabilidade para abuso de substâncias, transtorno bipolar, transtorno de personalidade e transtorno de estresse pós-traumático. Os estudos de Goenjian et al., (2009) e Kaggwa e Hindin (2010) apontam ainda diferenças entre a perda de um pai e de

uma mãe, afirmando que há maior probabilidade de as filhas/filhos apresentarem sintomas depressivos no caso da perda do pai. As/os autoras/autores sugerem que essa diferença pode acontecer em decorrência da diferença entre o apoio recebido pelo/a genitor/a sobrevivente (Goenjian et al., 2009; Kaggwa & Hindin, 2010).

O comportamento relacionado ao abuso de substâncias também é relatado em outros três artigos, que apontam que adolescentes parentalmente enlutadas/os apresentam maior risco de desenvolver um quadro de abuso ou dependência química (Hamdan, Melhem, Porta, Song, & Brent, 2013; Kaplow, Saunders, Angold, & Costello, 2010; Steeves, Parker, Laughon, Knopp, & Thompson, 2011). Nas pesquisas de Muñiz-Cohen, Melhem e Brent (2010) e Hamdan et al. (2012), também foi investigada a relação entre a perda parental em adolescentes e comportamentos de risco em geral. Muñiz-Cohen, Melhem e Brent (2010) identificaram que não houve diferenças significativas nove meses após a perda para comportamentos de risco tais como violência e uso de álcool e outras drogas ao comparar adolescentes enlutadas/os e o grupo controle. Embora esse estudo de Muñiz-Cohen, Melhem e Brent (2010) não tenha encontrado diferenças significativas, uma nova pesquisa feita a partir de uma medida diferente evidenciou que jovens enlutadas/os apresentaram número maior de comportamentos de risco à saúde durante três anos após a perda em comparação com o grupo não-enlutado/o (Hamdan et al., 2012).

A pesquisa de Stikkelbroek, Bodden, Reitz, Vollebergh e van Baar (2016) teve por intuito examinar o impacto do luto na saúde mental de adolescentes e investigar quais são os fatores anteriores à perda que contribuem para a piora da saúde mental. Os resultados indicam que o luto tem um efeito significativo no aumento dos problemas de internalização em dois anos após a perda e que, aos 19 anos de idade, os jovens experimentam mais problemas de internalização — sintomas de ansiedade, retraimento e depressão, e externalização, manifestada por meio de atos motores como a agressividade — do que seus pares não enlutadas/os

(Stikkelbroek, Bodden, Reitz, Vollebergh, & van Baar, 2016). Outro estudo demonstrou que as/os jovens enlutadas/os têm maior dificuldade no trabalho, um planejamento de carreira menos elaborado, menos aspirações educacionais e menor vinculação com colegas (Brent, Melhem, Masten, Porta, & Payne, 2012).

Dehlin e Reg (2009) realizaram um estudo fenomenológico de modo a compreender a experiência de adolescentes que além de terem perdido um dos pais, acompanharam processos de doença deles. Os resultados foram descritos em três categorias: vivendo sob ameaça (tem relação com o processo de doença), suporte isso sozinho (sentimentos de solidão e alienação) e uma vida modificada (percepção de uma profunda mudança na própria vida). Após a morte, as/os adolescentes descrevem um profundo pesar da ausência da/do mãe/pai em momentos importantes da vida. Além disso, descrevem que a experiência de adoecimento e perda os exigiu amadurecimento, o que não era exigido a seus colegas.

Resultados com relação ao estresse pós-traumático são descritos nas pesquisas de Goenjian et al. (2009), Kaplow et al. (2010) e Melhem et al., (2008) e somente nesta última é apontado maior risco para o transtorno em relação à perda parental. A investigação de Goenjian et al. (2009) sobre a perda de um ou ambos os pais em um desastre natural evidenciou que não houve diferença significativa entre os grupos comparados (perda de ambos os pais, um deles ou nenhum). Os autores afirmam que a falta dessa diferença pode refletir o fato de que essas/esses adolescentes foram expostas/os à mesma situação traumática (o desastre). Kaplow et al. (2010) também não encontraram diferenças significativas em relação ao estresse pós-traumático entre grupos de adolescentes enlutadas/os (tanto na perda de pais, quanto na perda de outros entes queridos) e não enlutadas/os. Os pesquisadores levantam a hipótese de que o motivo de não haver essa diferença é devido ao fato de que o foco do estudo foi em perdas por processo de doença e não por mortes súbitas.

## **Possibilidades**

Em relação às possibilidades, dois artigos buscaram identificar fatores de crescimento pós-traumático após a perda. Por meio de um estudo longitudinal prospectivo, Wolchik, Coxe, Tein, Sandler e Ayers (2008) identificaram que processos de enfrentamento intra e interpessoal, avaliados em média nove meses após a perda, anteviram crescimento nas/nos adolescentes seis anos depois em quatro âmbitos: relacionando-se com os outros, novas possibilidades, força pessoal e valorização da vida. Mais recentemente, uma pesquisa identificou que as reações de luto apontam maior trauma e também maior crescimento pós-traumático nos âmbitos “novas possibilidades” e “força pessoal”, nas/nos adolescentes que perderam a/o mãe/pai se comparados a adolescentes que perderam os avós (Hirooka et al., 2017).

Baseado no que a literatura diz sobre os possíveis impactos na vida de uma/um adolescente que perde um dos pais por câncer, Patterson & Ranganathan (2010) buscaram compreender quais são as necessidades apontadas por essas/esses adolescentes tanto no período de adoecimento quanto após a morte, bem como se essas necessidades foram atendidas. As necessidades identificadas foram: mais suporte e compreensão dos outros; ajuda para lidar com os variados sentimentos; falar com alguém que tenha tido uma experiência similar; ter mais informações sobre câncer e o estado da/do mãe/pai doente; dar um tempo e se divertir; ter tempo e espaço para o próprio luto; necessidade de ajuda para lidar com as responsabilidades da casa. As três últimas foram indicadas somente por mulheres e apontadas como não atendida por quase metade delas. As quatro demais necessidades foram colocadas como não atendidas por quase metade dos investigados.

Resultados de outro estudo mostram que as formas pelas quais as/os adolescentes mantêm o vínculo com suas/seus mães/pais já falecidos as/os auxiliam na construção de significado para a perda e na adaptação à sua vida sem a/o mãe/pai. Foram encontradas três principais categorias: guia interior, descrito como uma voz duradoura com mensagens deste

que faleceu; encontros, como sendo as experiências inesperadas com a/o mãe/pai falecida/falecido; e recordações, como um ato de manter objetos que os faziam se sentir conectados com o genitor perdido (Hansen, Sheehan, Stephenson, & Mayo, 2016).

### **Fatores relevantes no processo de luto**

Além de todos esses impactos descritos, alguns artigos apontam para fatores relevantes no processo do luto dessas/desses adolescentes. São eles: intervenções em luto, ambiente familiar e apoio social.

Com relação à intervenção em luto, dois artigos apontam condições e características de um trabalho analítico em contexto clínico com adolescentes parentalmente enlutadas/os. A partir de casos clínicos, ambos buscam compreender o papel do analista, bem como as peculiaridades desse tipo de processo terapêutico (Sugarman, 2010; Tanis, 2009). Os estudos de Sandler et al. (2010), McClatchey & Wimmer (2012) e Ayers et al. (2013) tiveram por objetivo avaliar a eficácia de grupos de intervenção em luto. As pesquisas apontam que os programas de intervenção em luto levam a níveis mais baixos de problemas de saúde mental e melhora na autoestima dos jovens (Sandler et al., 2010). Além disso, promovem atividades de intervenções terapêuticas como sessões de aconselhamento, atividades de ritual funerário e atividades tradicionais de acampamento, que permitiram as/os adolescentes verbalizar seus sentimentos e lidar com a perda, além de proporcionar momentos de diversão e conexão com os pares (McClatchey & Wimmer, 2012). Ainda, os programas de intervenção promovem melhora na qualidade do relacionamento cuidador-criança, reduções nos eventos negativos, coping positivo, diminuição da inibição da expressão de sentimentos, melhora na expressão emocional, entre outros (Ayers et al., 2013).

Dados relevantes sobre o ambiente familiar são apontados em cinco dos artigos dessa amostra (Bylund-Grenklo et al., 2014; Ellis, Dowrick & Lloyd-Williams, 2013; Hagan et al.,

2011; Kaggwa & Hindin, 2010; Luecken et al., 2009). Eles apontam que o ambiente familiar tem papel fundamental no processo de luto das/dos filhas/filhos após a perda de um dos genitores. Além de a automutilação das/dos jovens ser mais comum nos ambientes familiares percebidos por elas/eles como hostil (Bylund-Grenklo et al., 2014), a produção de cortisol ser maior em eventos negativos nas/nos adolescentes que tiveram menor nível de parentalidade positiva no passado (Hagan et al, 2011) e nível mais elevado de sintomas depressivos em ambientes familiares difíceis (Kaggwa & Hindin, 2010), alguns outros fatores podem ser descritos. A exposição precoce a um estressor importante, tal como o falecimento de um dos pais, possibilita que as/os filhas/filhos aperfeiçoem habilidades de avaliação e enfrentamento de estresses ao longo da vida, quando o relacionamento estabelecido com o genitor sobrevivente é forte e pautado em atenção (Luecken et al., 2009). A relação com o genitor sobrevivente também foi apontada no estudo de Ellis, Dowrick e Lloyd-Williams (2013). As/Os entrevistadas/os apontaram como angustiante acompanhar e conviver com as mudanças do cuidador sobrevivente, relatando muitas vezes não compreender o que estava acontecendo. Esse estudo ainda aponta que o impacto nos jovens é sentido como maior quando acontecem muitas interrupções na vida diária, demonstrando maiores dificuldades emocionais, sentimento de insegurança e solidão na vida adulta. O suporte fornecido pelas redes de apoio das/dos adolescentes (igreja, vizinhos, escola, entre outros) proporcionou sensação de segurança, modelos de referências maternais/paternas e orientação moral. Sentimentos como angústia, solidão e isolamento foram percebidos nos casos em que as/os entrevistadas/os não tiveram qualquer apoio social. Além disso, as/os filhas/filhos enlutadas/os apontam como importante a comunicação clara das situações que envolvem a morte de um dos pais, uma vez que isso os ajuda a entender a própria experiência. Como conclusão, as autoras sugerem que o apoio ao luto consiste em garantir que os diversos contextos de continuidade e de suporte possam ser aproveitados e mantidos pelas/pelos filhas/filhos enlutadas/os. Ainda com relação ao apoio

social, a pesquisa de LaFreniere e Cain (2015) estudou a experiência de jovens enlutadas/os com seus pares, explorando aspectos considerados positivos e negativos. Os resultados não foram percebidos de forma unânime pelas/pelos entrevistadas/os, evidenciando que aquilo que foi considerado como positivo por uns, foi considerado como negativo por outros. Apesar disso, um desejo de ser tratado como normal esteve presente em quase todos os discursos das/dos entrevistadas/os e muitos deles temeram serem abandonados por conta da sua suposta peculiaridade. Somado a isso, muitos desejaram manter sua vida social como era antes da morte, esperando que seus colegas agissem como se a perda não tivesse acontecido. Evitação intencional da interação ou do apoio dos pares, falta de suporte dos pares, múltiplas funções de suporte dos pares e natureza das relações das/os amigas/os próximas/os *versus* pares no geral também foram resultados apontados pela pesquisa (LaFreniere & Cain, 2015).

Como um panorama geral, é possível perceber que a grande maioria dos artigos descrevem impactos negativos na vida das/dos jovens parentalmente enlutadas/os, sejam eles de caráter fisiológico ou emocional. Interessante notar que apenas cinco artigos (Dehlin & Reg, 2009; Ellis et al., 2013; LaFreniere & Cain, 2015; Steeves et al., 2011; Patterson & Ranganathan, 2010) buscaram compreender a vivência de perda de um dos pais, tal como percebida pela/o enlutada/o, estando o maior foco dos estudos na identificação da presença de sintomas diversos ou de transtornos mentais. É possível pensar que isso seja uma decorrência de a maior parte dos estudos adotarem uma metodologia quantitativa, uma vez que apenas dez artigos (Ayers et al., 2013; Dehlin & Reg, 2009; Ellis et al., 2013; Hansen et al., 2016; LaFreniere & Cain, 2015; McClatchey & Wimmer, 2012; Patterson & Ranganathan, 2010; Steeves et al., 2011; Sugarman, 2010; Tanis, 2009) partiram de uma abordagem qualitativa e destes somente dois (Dehlin & Reg, 2009; Steeves et al., 2011) utilizaram o método fenomenológico.



Entendemos, dessa forma, que a escassez de estudos qualitativos, em especial a partir da metodologia fenomenológica, evidencia a relevância de nossa pesquisa. É perceptível que a perda de um dos pais precocemente é uma vivência que traz muitos desafios, mudanças e reflexos à vida das/dos filhas/filhos. Levando isso em consideração e entendendo que o luto é uma experiência de profunda transformação nos modos de ser da/o enlutada/o, frisamos como fundamental dar voz a essas pessoas para compreender a partir de suas próprias vivências os sentidos e os significados da experiência de enlutamento.

#### 4 MÉTODO

Este trabalho tem por objetivo compreender a vivência de luto de filhas/filhos pela morte do pai durante a adolescência, buscando apreender como foi a experiência de perda e quais foram os reflexos sentidos por elas/eles no decorrer de suas vidas. Entendendo que realizar pesquisa no campo das ciências humanas é ir em direção aos significados (Holanda, 2014) e, considerando que esta pesquisa tem por intenção debruçar-se sobre a experiência vivida, ela será realizada a partir do enfoque qualitativo. Segundo Turato (2000), os sentidos e os significados dos fenômenos são notoriamente o que há de mais significativo para quem realiza pesquisa qualitativa. Ainda segundo este autor, “não é diretamente o estudo do fenômeno em si que interessa a esses pesquisadores, seu alvo é, na verdade, a significação que tal fenômeno ganha para os que o vivenciam” (Turato, 2005, p. 509).

González Rey (2005) afirma que a pesquisa qualitativa tem por foco o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade, e assim, busca compreender a produção de sentido subjetivo dos sujeitos e a forma como os diferentes processos e experiências vividas por eles se articulam. Nessa direção, a pesquisa qualitativa deve almejar a busca do conhecimento que implique a pessoa estudada. O autor defende ainda que é preciso considerar a pesquisa como um processo de comunicação entre pesquisador e pesquisado. Esta

é uma via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo como as diversas condições objetivas da vida social afetam o homem. Por intermédio da comunicação, não conhecemos apenas os diferentes processos simbólicos organizados e recriados nesse processo, estamos tentando conhecer outro nível diferenciado da produção social, acessível ao conhecimento somente por meio do estudo diferenciado dos sujeitos que compartilham um evento ou uma condição social.

(González Rey, 2005, pp. 13–14)

Nessa direção, a especificidade da pesquisa qualitativa reside na busca e compreensão dos significados e sentidos da experiência a partir dos próprios sujeitos das experiências em um diálogo com o sujeito pesquisador. Os dados de uma pesquisa qualitativa são produzidos na relação que se dá entre pesquisador e pesquisado, de modo que ambos têm papel ativo na produção deste conhecimento (Andrade & Holanda, 2010; González Rey, 2005; Turato, 2005). Segundo Turato (2005), “o pesquisador é o próprio instrumento de pesquisa, usando diretamente seus órgãos do sentido para apreender os objetos em estudo, espelhando-os então em sua consciência onde se tornam fenomenologicamente representados para serem interpretados” (p. 510). Isso significa dizer que há implicação de quem realiza a pesquisa e, assim, há também a impossibilidade de uma postura completamente neutra diante do fenômeno.

Nesta pesquisa, escolhemos o método fenomenológico como abordagem descritiva. Para Freitas (2013), em uma perspectiva fenomenológica, o luto precisa ser compreendido a partir de três perspectivas essenciais: do aspecto particular da relação rompida, do horizonte histórico carregado de significados culturais e familiares sobre a morte e o luto e, principalmente, do aspecto transcendental referente à transformação radical da relação, apresentada a partir da supressão da presença do outro no que diz respeito à intercorporeidade. A experiência de luto é sentida e vivida de forma particular, ou seja, ela depende da maneira como a articulação destas três perspectivas acontece. Nesse sentido, para atingir o objetivo desta pesquisa, nos dirigimos aos próprios sujeitos que passaram por esta vivência, levando em consideração o entrelaçamento das perspectivas citadas acima. Entende-se que por meio da aproximação da experiência vivida, a pesquisa fenomenológica possibilita ao pesquisador uma compreensão mais ampla do fenômeno (Amatuzzi, 2009). Apesar de utilizarmos a Fenomenologia especialmente como método nesta pesquisa, reforçamos que ela perpassa todo o trabalho como modo de refletir sobre o tema de estudo:

A Fenomenologia é um esforço, uma tentativa de clarificação da realidade. É uma abertura à experiência, à vivência do mundo. É a busca do *fenômeno*, daquilo que surge por si só, daquilo que aparece, que se revela. Fenomenologia é *ir às coisas*-mesmas, descobri-las tais quais se apresentam aos meus sentidos, tais quais eu as percebo, numa contínua relação. (Holanda, 2014, p. 47)

De modo a alcançar o fenômeno tal como aparece por ele mesmo no âmbito da pesquisa em Psicologia, alguns passos metodológicos são imprescindíveis. São eles: *epoché* (redução fenomenológica), redução fenomenológica-psicológica e a redução eidética (Giorgi & Sousa, 2010). Husserl afirmou que para se ter acesso ao mundo tal como ele se apresenta, se faz necessário realizar a *epoché* a partir de uma mudança de atitude. Ou seja, é necessário passar da atitude natural para a atitude fenomenológica, em que todas as ideias pré-estabelecidas sobre o mundo são colocadas em suspenso. É abster-se da dimensão empírica da realidade natural para colocar em foco aquilo que é dado à consciência tal como se apresenta (Giorgi & Sousa, 2010; Holanda, 2014). Não se trata, porém, de negar a realidade mas sim de “realizar o *desencobrimento* do mundo, que estava ‘coberto’ pelas vias das ideias, da cultura, das ideologias, do ‘já-sabido’, na direção de uma outra experiência” (Holanda, 2014, p. 66). Giorgi e Souza (2010) reforçam que a *epoché* é um passo que deve ser desenvolvido e realizado ao longo de toda a investigação, pois é um exercício que auxilia o pesquisador a se manter focado no objeto de estudo evitando o enviesamento de uma visão naturalista sobre o fenômeno. No esforço de ir às coisas mesmas, o pesquisador busca apreender aquilo que se apresenta por si e não como uma representação existente anteriormente a esta experiência (Holanda, 2014).

Nessa perspectiva, o pesquisador fenomenólogo coloca-se em posição orientada para a descoberta, ou seja, põe-se aberto para qualquer tipo de conteúdo ou tema que venha a emergir na sua pesquisa. (...) É pela redução fenomenológica que se chega às essências invariantes, constitutivas da realidade. (Andrade & Holanda, 2010, p. 262)

Na redução fenomenológica-psicológica, o segundo passo, ao suspender a visão natural que se tem de dado objeto por meio da *epoché*, o pesquisador foca-se na correlação entre o objeto da experiência e a experiência desse mesmo objeto de modo que seja possível compreender a forma como o objeto é dado à consciência. Dito de outra forma, o objetivo dessa redução é buscar o modo como o objeto é experienciado pelo sujeito. Centra-se no objeto tal como surge à consciência e na subjetividade que experiencia esse objeto intencional (Giorgi & Souza, 2010).

A redução eidética, terceiro passo metodológico, tem por objetivo “... identificar as características fundamentais do fenômeno, retirando, através da variação livre imaginativa, as particularidades das quais o fenômeno não depende para ser tal como é” (Giorgi & Souza, 2010, p. 60). Assim, faz-se o exercício de buscar as características que são essenciais ao fenômeno de estudo em questão, retirando as características contingenciais e encontrando os elementos que são indispensáveis para tornar o fenômeno aquilo que ele é. A finalidade é chegar às essências psicológicas dos fenômenos. Essências estas que não tem pretensão de ter uma relevância universal, mas sim generalizável:

Ao aplicar-se o método filosófico ao contexto científico, o objetivo é clarificar a essência psicológica desse mesmo fenômeno. Uma abstração totalizadora está fora do âmbito de uma ciência humana como a Psicologia, onde o contexto é um aspecto particularmente importante. Os resultados da investigação em Psicologia Fenomenológica remetem para uma generalização e não para uma universalização. (Giorgi & Souza, 2010, p. 61).

O método fenomenológico se evidencia, dessa forma, como um método rigoroso de acesso aos fenômenos. Por este motivo e por possibilitar a apreensão do sentido da vivência, a partir do próprio sujeito da experiência, escolhemos esse método como caminho reflexivo e investigativo para a compreensão da vivência de perda do pai na adolescência.

Considerando as questões éticas ligadas à pesquisa com seres humanos, este projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, foi aprovado sob o protocolo CAEE 71548017.4.0000.0102 e obedece às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos estabelecidas pela resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

### **Procedimentos e análise das entrevistas**

Levando em consideração o objetivo proposto para este trabalho, foram definidos como critérios de inclusão das/dos participantes: ter perdido o pai ou a mãe por morte durante a adolescência, ser maior de dezenove anos e ter uma diferença mínima de quatro anos entre a perda do pai ou da mãe e a idade no momento da entrevista. Como critérios de exclusão foram adotados: participantes com comprometimento psicótico e participantes que se recusem a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A escolha pela diferença de tempo entre a perda e a entrevista se deu em consideração a delicadeza do assunto abordado e a partir do entendimento de que entrevistas qualitativas podem implicar em mobilização de sentimentos difíceis. Dessa forma, o tempo mínimo escolhido teve por intenção minimizar a exposição das/dos participantes ao sofrimento decorrente de uma perda muito recente. Também como forma de evitar possíveis riscos de uma entrevista a pessoas em sofrimento intenso, como a possibilidade de sensibilização a sentimentos dolorosos e angustiantes, foi selecionado o critério de exclusão referente a participantes com comprometimento psicótico.

Um fato importante que destacamos é a falta de consenso na definição dos critérios cronológicos que determinem o início e o fim do processo da adolescência. A título de exemplificação, enquanto a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS) consideram como adolescentes pessoas cuja idade está entre 10 e 19 anos, a Organização das Nações Unidas (ONU) considera entre os 15 e 24 anos e o Estatuto da Criança e do

Adolescentes (ECA) entre os 12 e 18 anos. Por ser o conjunto de normas legais brasileiras que protege e regulamenta os direitos de crianças e adolescentes, optou-se nesse trabalho por utilizar o critério cronológico estabelecido pelo ECA.

Apesar de na concepção do projeto desta pesquisa não termos definido o gênero no genitor falecido ou a forma como a morte se deu, todas/o as/o entrevistadas/o que aceitaram participar da pesquisa tinham essas características em comum: perderam o pai por mortes repentinas. As/o participantes foram recrutadas/o por conveniência, sendo três deles colegas de turma de algum momento de minha vida estudantil e um deles foi localizado pela divulgação do trabalho entre pessoas conhecidas. Entrei em contato com todos via telefone para explicar a pesquisa e realizar o convite. Foram entrevistados quatro participantes.

A entrevista foi utilizada como recurso de aproximação das experiências de luto investigadas, com o objetivo de alcançar o sentido do fenômeno estudado na exploração do vivido das/dos participantes na interação com estes (Andrade & Holanda, 2010). O tema principal de uma entrevista fenomenológica é a experiência do mundo vivido da/do entrevistada/o, buscando compreender os aspectos centrais dessa vivência (Giorgi & Sousa, 2010). As entrevistas foram realizadas no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) do Departamento de Psicologia (DEPSI) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), localizado em Curitiba. Antes de iniciar, o TCLE foi lido e assinado pelas/pelo participantes. A partir de seu consentimento as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas na íntegra.

Foram realizadas entrevistas abertas e sem restrição de tempo. Estas duraram entre 30 minutos e 1 hora e 20 minutos. A entrevista tinha dois focos principais de investigação, a saber: como foi perder o pai na adolescência e quais foram os reflexos percebidos pelas/pelo entrevistadas/o no decorrer de suas vidas. A entrevista tinha como objetivo buscar os significados atribuídos por cada um às suas experiências e, assim, as perguntas foram sendo

realizadas a partir dos sentidos que foram se revelando na narrativa das/do participantes com foco na temática da pesquisa. Segundo González Rey (2005), as entrevistas abertas devem ter por objetivo facilitar a expressão daquelas/daqueles que estão sendo entrevistadas/os e “as perguntas são abertas e orientadas a facilitar a expressão ampla das pessoas estudadas; tais perguntas não estão orientadas a respostas, senão a construções do sujeito ao redor do tema tratado” (p. 52).

As análises das entrevistas foram realizadas pelo método fenomenológico proposto por Amadeo Giorgi (2010), seguindo os quatro passos metodológicos, os quais vão refinando e aprofundando o passo anterior. São eles: 1. Estabelecimento do sentido do todo, 2. Determinação das partes: divisão das unidades de significado, 3. Transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico e 4. Determinação da estrutura geral de significados psicológicos. O objetivo do método é desvelar o sentido vivido pelas/pelos participantes em relação ao objeto que está sendo investigado e, assim, como resultado final tem-se uma descrição em síntese dos significados psicológicos essenciais da experiência das/dos participantes. Depois de realizados todos os passos, o pesquisador chega às constituintes-chaves que articuladas entre si expressam a totalidade da experiência em estudo. O conhecimento produzido pelas investigações fenomenológicas são, então, passíveis de generalização (Giorgi & Sousa, 2010). Isso porque,

a “essência” para a fenomenologia está diretamente relacionada aos seus modos de significação. Mas estes modos de significação não podem ser confundidos com modos “particulares”, tornando-se relativos e provisórios – isto equivaleria à consideração de que “cada um tem sua verdade” – o que impossibilitaria uma ciência. (...) Ora, é sobre este solo que podemos erigir uma “psicologia fenomenológica” na prática, ou seja, na busca daquilo que não é “particular”, mas “comum” a tantas singularidades. (Holanda, 2014, p. 60)



O primeiro passo do método, estabelecer o sentido do todo, é realizado após a transcrição da entrevista e tem por objetivo a apreensão do sentido geral das mesmas. A leitura das entrevistas na íntegra deve ser realizada quantas vezes se fizerem necessárias e a partir de uma atitude fenomenológica, suspendendo tudo aquilo que é conhecido sobre o tema, de modo a evitar enviesamentos e interpretações sobre que foi dito pela/pelo entrevistada/o (Giorgi & Sousa, 2010). Nesse passo, buscou-se compreender o sentido global presente na descrição da experiência feita pelas/pelos participantes e, após a realização de diversas leituras a partir de uma postura fenomenológica das transcrições, foi elaborado um texto com o sentido geral apreendido.

O segundo passo do método propõe que seja realizada a divisão da entrevista em unidades de significado, de modo a obter a determinação das partes. Este passo tem uma finalidade prática uma vez que é bastante complexo realizar uma análise aprofundada de textos inteiros. Assim, parte-se do princípio que os sentidos importantes para o tema investigado estão concentrados em unidades, que serão mais bem aprofundadas nos passos seguintes. As unidades significativas irão emergir sempre que houver uma mudança sensível de significado durante a narrativa do participante (Giorgi & Sousa, 2010). Dessa forma, no momento da realização deste passo, toda a entrevista foi dividida em unidades menores, tendo como critério de divisão a mudança de sentido no relato.

No terceiro passo, as unidades de significado são transformadas em expressões de caráter psicológico. Cabe a quem está realizando a pesquisa descrever essencialmente os sentidos apresentados nas unidades de significado levantadas. A linguagem cotidiana do participante é transformada em expressões que revelam os significados psicológicos implícitos nas descrições originais, não rotulando ou reformulando o que a pessoa descreveu (Giorgi & Sousa, 2010). Neste passo, as unidades de significado percebidas foram lidas e reescritas em uma linguagem que destacasse o sentido de cada trecho. Este momento se fez fundamental,

uma vez que foi possível perceber o que havia de essencial em cada trecho dos relatos e, a partir do que emergiu como sentido, as entrevistas puderam ser analisadas mais profundamente e em conjunto no passo seguinte.

No quarto e último passo, por meio do uso da variação livre e imaginativa, as unidades de significado serão transformadas em uma estrutura descritiva geral. Em outras palavras, busca-se aqui a determinação de uma estrutura geral das constituintes essenciais e invariantes da experiência (Andrade & Holanda, 2010). Para alcançar este objetivo, as quatro entrevistas foram colocadas lado a lado e as unidades que possuíam sentidos semelhantes foram agrupadas e, então, analisadas conjuntamente. Em cada agrupamento emergiram significados específicos evidenciando o que havia de comum nos relatos das/dos participantes. As constituintes essenciais e invariantes da experiência, portanto, emergiram dos sentidos presentes na vivência das/do entrevistadas/entrevistado quando olhadas em paralelo e foram nomeadas de modo a representar o que havia de primordial naquele conjunto. Uma vez que esses elementos não podem ser destacados de sua totalidade, é importante ressaltar que, durante a elaboração das constituintes, o sentido do todo de cada entrevista, realizado no primeiro passo, foi sendo suporte e base para a análise de cada constituinte. Além disso, as constituintes isoladamente não dizem respeito à experiência propriamente dita e, por isso, foram articuladas entre si de modo que uma estrutura geral pudesse emergir. Em outras palavras, a estrutura geral diz respeito àquilo que todos esses elementos essenciais e invariantes juntos revelam sobre a experiência em questão.

Desse modo, “a descrição dos sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas várias unidades de significado, assim como das relações que existem entre estes últimos, resulta na elaboração de uma estrutura geral” (Giorgi & Sousa, 2010, p. 90). É imprescindível que a estrutura resultante expresse as partes essenciais da

experiência e em especial a relação e articulação entre elas, pois tão importantes quanto as partes é a interdependência entre elas (Giorgi & Sousa, 2010).

No presente estudo, a análise fenomenológica das entrevistas permitiu chegar aos elementos essenciais da experiência de luto da/do filha/filho que perdeu o pai na adolescência, possibilitando a compreensão sobre a forma como elas/eles vivenciaram a perda do pai e quais foram os impactos sentidos em suas vidas em decorrência dessa morte.

### **Participantes**

Camilo tem 32 anos e, aos 16, perdeu seu pai por problemas cardíacos, aos 51 anos de idade. Sua família nuclear, pertencente à classe média, era composta por pai, mãe, irmão e irmã, ambos mais velhos. Atualmente mora com a esposa, próximo à casa de sua mãe. Mesmo com seu pai internado há alguns dias, foi pego de surpresa pela notícia da morte dele, que foi dada pelo irmão durante seu treino de futebol. Apresentou na entrevista a sensação de que estava tudo certo em sua vida, até que o pai morreu. Reforçou que tinha uma proximidade muito grande com ele e quando a morte aconteceu, se sentiu sozinho e perdido. Entende que sua vida seria completamente diferente caso seu pai estivesse vivo, especialmente porque acredita que teria tomado outros caminhos. Na entrevista ficou bastante mobilizado ao falar sobre sua perda. Afirmou que falar do pai não foi difícil, mas lembrar de como foi sua morte o emocionou bastante.

Carmina tem 27 anos, seu pai foi vítima de um assalto e morreu a caminho do hospital aos 48 anos, quando ela tinha 14. Sua família nuclear, também pertencente à classe média, era composta por seu pai, sua mãe e um irmão mais velho. Atualmente mora com a mãe e o irmão. Contou que no dia em que recebeu a notícia estava rodeada de pessoas de um grupo de estudos de filosofia do qual fazia (e ainda faz) parte, as quais foram fundamentais no seu processo de luto. Seu relato é permeado pela espiritualidade, que a faz crer que a situação não foi diferente

do que deveria ser. Ainda assim, ter perdido seu pai lhe traz dor por não poder partilhar uma vida com alguém que foi e é muito importante. Carminda se emocionou em vários momentos da entrevista e isso pareceu uma surpresa para ela. Apesar de já ter participado de outras pesquisas a respeito do assunto e ser acostumada a falar sobre isso sem se emocionar, afirmou que participar da entrevista a fez reviver sua história, deixando-a mobilizada e saudosa.

Isaura tem 27 anos e seu pai morreu aos 73 anos, por problemas cardíacos, quando ela tinha 15. Sua família nuclear era composta pelo pai, pela mãe e pela irmã mais velha e pertencente à classe média. Hoje mora com a mãe. Contou que foi ela quem levou o pai ao hospital quando começou a passar mal, pois estava sozinha em casa com ele. Sua mãe estava em outra cidade, mas retornou assim que soube da notícia. Como trabalhava no hospital, assim que chegou, pôde ficar próxima à sala de cirurgia. Quando ele morreu, foi ela quem deu a notícia à Isaura. Isaura falou na entrevista sobre o quanto a ausência de seu pai a deixa triste por não poder compartilhar sua vida com ele e o quanto isso marca e reflete em seus processos de escolha. Apesar de ter se emocionado em diversos momentos, na entrevista comentou que já consegue falar sobre ele e sobre sua perda sem ser tão mobilizador. Afirmou que se o convite para a pesquisa tivesse surgido alguns anos antes, provavelmente teria recusado.

Matilde tem 27 anos e perdeu seu pai aos 15. Ele foi vítima de um assalto e faleceu aos 45 anos em consequência de complicações decorrentes de ferimento por arma de fogo. Sua família nuclear era composta pelo pai, pela mãe e por ela e pertencente à classe média. Atualmente é casada. Apesar de não ser filha biológica dele e de não ter sido adotada legalmente, é quem considera como seu pai. Ela contou que o pai biológico se afastou quando ela ainda era bebê e não quis contato durante sua vida. Após a morte do pai, descobriu que tinha irmãs paternas de sangue e, por isso, acabou conhecendo o pai biológico. Mas reforçou que não tem contato e vínculo com ele, pois entende que não há como criar laços depois de tanto tempo. Com a morte do pai, sua vida tomou um percurso completamente inesperado, não somente por

conta da perda que sofreu, mas por causa das reestruturações que teve que passar depois disso. Sua mãe entrou em depressão, o que exigiu dela que dispensasse desde os cuidados mais básicos (como dar banho e alimentá-la), até que assumisse responsabilidade pela casa. Ficou bastante emocionada durante seu relato, afirmando que entrar em contato com sua história a emocionou. Apesar disso, seu narrar durante todo o tempo foi bastante calmo e tranquilo. Com o passar da entrevista, foi ficando cada vez mais pensativa e aumentando o tempo de pausa e silêncio. Cada entonação ou parada de sua fala revelava que estava revivendo essa história. Foi ficando bastante reflexiva, se dando conta de aspectos que não estavam tão claros e pôde atribuir novos sentidos à sua experiência de perda.

Por questões éticas, os nomes das/do participantes foram ocultados e substituídos por nomes de personagens do livro *O filho de mil homens* de Valter Hugo Mãe, que tão belamente versa sobre luto, encontros e desencontros da vida, que nos levam às ressignificações de nosso ser no mundo.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas realizadas permitiu compreender quais são os elementos constituintes da experiência de perder o pai na adolescência. São eles: A vivência do repentino, Perda de um apoio, Ausência, Abandono, Sentimento de futuro roubado, Amadurecimento, Transformação nos modos de ser filha/filho, Suporte nas relações sociais, Evitação e Espiritualidade. Abaixo, cada uma das constituintes será descrita e analisada individualmente e, ao final delas, na estrutura geral, será apresentada uma descrição da totalidade da experiência articulando todas as constituintes encontradas, conforme o método proposto.

### A vivência do repentino

Receber a notícia do falecimento da morte de um ente querido não é tarefa fácil. As/o participantes relataram que receber a informação a respeito da morte de seus pais foi acompanhada por sensações de choque e desespero, atravessadas pela dramaticidade e pelo inesperado da situação. O drama da ocasião pode ser sentido pelo narrar que se interrompe com as nuances da lembrança:

E aí na época... Foi muito difícil, foi muito chocante:: eu lembro de uma cena das pessoas indo lá em casa contar, né? E daí foi o pessoal dum grupo que a gente participa de filosofia. Porque minha mãe já tava no caminho do hospital ou::: acho que era hospital. E daí esse grupo foi lá em casa e eu lembro da minha tia olhando para mim e pro meu irmão, né!? Tava um de cada lado assim e a galera em uma roda. Foi bem::: Essa parte foi bem emocionante, né, porque... A gente achou que tinha acontecido alguma coisa porque quando acorda você no meio da noite para falar “precisamos falar com você”, você já pensa “tá, um acidente”. Alguma/eu tinha pensava que alguém tinha batido algum carro, alguma coisa. Daí a tia falou “Ah, seu pai sofreu...”. Ela não

explicou o que na hora. “Aconteceu uma situação e seu pai não...”. Ai não lembro as palavras, né? “Seu pai tava indo para o hospital e não sobreviveu”. (Carmina)

A escolha das palavras que narram a experiência do perceber que o pai havia falecido também demonstra o drama e o sofrimento que a morte instaurou. Isaura relatou que o desespero que sentiu foi tão intenso que a partir da notícia ficou desorientada. Seu norte havia sido repentinamente arrancado de sua vida:

Eu só sei que eu lembro de ter visto minha mãe voltando, tipo chorando loucamente, eu entendi o recado assim. Não foi preciso me dizer nada assim. E aí eu lembro daquele momento de ser um desespero assim. É, tipo novela mexicana. Tipo, me ajoelhei. Tipo, eu fiquei meio retardada assim. Não sabia o que eu tava fazendo. Aí chorei muito... (Isaura)

Esse trecho apresenta um elemento interessante: não foi preciso lhe dizerem com palavras que seu pai havia falecido. A expressão de sua mãe e o contexto da situação foram suficientes para que recebesse a notícia da morte sem necessariamente ouvi-la por palavras, apontando para uma experiência pré-reflexiva, imediata e anterior à elaboração racional. Matilde também trouxe esse elemento em sua experiência:

E eu lembro que ninguém me contou. Ninguém chegou e falou “Matilde teu pai faleceu”. ((começa a chorar)). (...) E foi a minha... a minha prima que foi me buscar minha prima mais velha. Que... é minha madrinha. E quando eu vi que foi ela que foi me buscar eu não tive... dúvida ela não precisou me falar nada assim, sabe? ((ainda emocionada)).

Há ainda um fator comum no falecimento dos pais das/do participantes. Todos revelaram em seus relatos o impacto do imprevisível por conta de as mortes terem sido repentinas. Mesmo considerando a realidade da inevitabilidade da morte, tendemos a escamoteá-la em nossa vivência cotidiana e quando ela ocorre, se dá em nossa experiência como uma mudança brusca e inesperada. Camilo contou que mesmo que seu pai estivesse internado

há alguns dias por conta do problema cardíaco, sentia que estava tudo bem por conta das informações que recebera da equipe médica. Contou que ficou marcado o fato de ter querido ver seu pai no dia do falecimento pela manhã e de não terem deixado. Na parte da tarde, quando estava jogando futebol, recebeu a visita do irmão com a notícia de que o pai havia falecido. A literatura aponta que quando as informações sobre o curso da doença dadas aos envolvidos não são claras e honestas, angústia e estresse são experienciados mais intensamente, tanto no momento do internamento em que o pai doente já não pode mais cuidar da/o filha/filho, quanto no momento de sua morte, ao passo que o entendimento da própria experiência e o reconhecimento da perda é facilitado quando a comunicação é clara e aberta (Dehlin & Reg, 2009; Ellis et al., 2013; Lima & Kovács, 2011). O relato de Camilo durante toda a entrevista deixa evidente esse fato, demonstrando que foi pego de surpresa, pois sentiu que ninguém lhe avisou que precisava se preocupar:

Então, foi... Antes do falecimento, tava no hospital, tava todo mundo tranquilo. Passou uns dois três dias, ele falou “ah, não é nada, pai só vai fazer uns exames aqui”. A gente tava tranquilo. E aí na cirurgia que falaram que era grande chance de falecer na cirurgia, e aí que a gente ficou chocado e tal. Mas aí isso foi na madrugada que ficou todo mundo no hospital acordado e tal. E quando acabou o (inaudível) falou “não, tá tudo bem, foi sucesso”. Beleza, todo mundo pensou, né?! Então, tá tranquilo. Tanto é que... Que eu queria visitar ele de manhã, e não deixaram, eu fui jogar bola à tarde. Eu não tava preocupado.

A morte repentina diz respeito a uma experiência que não se encontrava no horizonte das/o enlutadas/o. Carmina e Matilde acreditam que quando a pessoa está hospitalizada, mesmo que haja sofrimento e dor quando ocorre o falecimento, quem acompanha o processo de adoecimento vai percebendo aos poucos a proximidade da morte, permitindo uma espécie de preparação. Apesar de as mortes por processo de adoecimento serem permeadas por estresse,



incerteza e medo, há a possibilidade daqueles que acompanham o curso da doença resolverem assuntos do relacionamento, conversarem sobre a realidade em que estão vivendo e até mesmo se despedirem (Brown, 2001; Walsh & McGoldrick, 2013). Esse fato já não é possível nos casos de mortes repentinas, pois estas não trazem avisos. Não se faz possível dialogar sobre a possibilidade de a morte acontecer ou haver despedidas. Olhando um pouco além, o inesperado não só não permite a despedida, mas, especialmente, o precisar despedir-se não está no horizonte de possibilidades.

Além disso, as mortes repentinas são sentidas como tendo acontecido muito rápido. Em um intervalo curto de tempo, as vidas das/do participantes se transformaram profundamente. De manhã estavam compartilhando a existência com seus pais, a noite já não puderam estar com eles do mesmo modo que estavam habituados, seja porque já estavam internados, ou porque já haviam falecido. A morte repentina impõe à experiência a sensação de perder o chão, uma vez que não se cogitava a possibilidade de ela acontecer:

E::: eu acho que na verdade também tem a ver muito com o inesperado. Quando a gente começa a::: a se ver na situação é::: o::: o pai do meu pai faleceu esses tempos. Ele tava muito mal de saúde. A gente via que ele tava sofrendo. Então, você já espera. É aquela coisa assim de ligação fora do horário, é uma coisa que você já imagina. Talvez seja uma notícia não tão boa que eu vou receber agora, né?! Mas::: quando você não conta com aquilo eu/é::: é perder o chão. (Matilde)

“Perder o chão”, porém, não diz respeito somente ao inesperado. Perde-se repentinamente um pai. É preciso considerar que o sentimento de “perder o chão” está articulado com a totalidade da experiência de perder um pai. O uso da expressão “chão” se torna significativo nesse contexto. Chão é aquilo que nos dá base e estrutura. Sentir que o próprio chão foi arrancado é ficar sem o solo que sustentava e permitia equilíbrio e segurança.

### **Perda de um apoio**

Como ressaltamos em nossos capítulos sobre adolescência e vínculos familiares, fazer escolhas e se responsabilizar por elas são possibilidades que se abrem às/aos adolescentes no decorrer dos anos, a partir da abertura que gradativamente as/os mães/pais passam a dar a elas/eles. Nessa direção, mãe/pai são importantes referenciais nesse contexto, fato que fica evidente na perda de uma/um delas/deles. As/o participantes relataram que perder o pai justamente nessa época foi também perder um norte e um apoio no processo de tomada de decisões. Antes da morte do pai, não sentiam que precisavam se preocupar com o que decidiriam ou até com as consequências de suas escolhas. Percebe-se que a perda desse apoio está intimamente articulada com a perda de um chão, elemento revelado na constituinte anterior. Ao perderem o “chão”, perderam seu solo de sustentação e segurança, o que os deixou sem a base que tinham até o momento para tomar suas decisões. A partir da morte, sentiram que não tinham mais quem lhes apontasse o caminho, guiando-os na vida. Sentiram que a vida mudou radicalmente e que a partir da morte precisaram aprender a tomar decisões e a assumir as responsabilidades por suas escolhas sozinhas/o:

Então, eu não tinha mas (mais?) aquela, aquele apoio do, das coisas que eu fazia ((olhos marejados)). Ele me ajudava em tudo. Então, assim... É:: se eu tinha dificuldade de fazer alguma coisa, eu ia esperar ele, ele ia me ajudar e eu ia fazer. E eu não tinha mais isso, eu tinha que me virar. (...) Então::, é mais ligado a isso. Eu tive que mudar tUdo assim. E eu sempre fui assim “ah, se eu não fizer ele vai me ajudar e eu vou fazer”. E aí depois eu tinha que resolver tudo ((olhos marejados)). (Camilo)

Suas escolhas passam a ser tomadas a partir de outros referenciais e não mais a partir daquilo que o pai ensinava ou opinava. Desse modo, as/o participantes afirmaram que suas escolhas foram influenciadas pela perda e pela falta que o pai fazia. O fato de terem que escolher sozinhas/o mudou completamente o rumo de suas decisões e consequentemente de suas vidas,

pois já não tinham o pai para guiá-los e para lhes servir de suporte. Além de entenderem que teriam escolhido caminhos diferentes, percebem que a forma como passaram a tomar suas decisões mudou. Matilde relatou que sentia pressa em resolver suas questões, pois é como se precisasse resolver tudo o mais rápido possível. Demonstrou entender que caso seu pai estivesse vivo, conseguiria analisar melhor as situações, pois se sentiria mais segura com a presença dele. Camilo falou sobre como toma suas decisões baseado em diversos critérios e fundamentos, uma vez que precisa fazer suas escolhas sozinho. Acredita que essa foi a forma como conseguiu e aprendeu a decidir na adolescência e que perder o apoio do pai foi um fator importante no desenvolvimento dessa estratégia de tomada de decisão. Além disso, falou sobre ter desistido de sua carreira de futebol profissional, pois seu pai não podia mais estar presente, dando-lhe o suporte que precisaria.

Há ainda um outro aspecto em relação às escolhas. Isaura comentou que suas escolhas foram completamente relacionadas com o pai e com aquilo que ele representa para ela. A escolha pelo curso na graduação, a escolha pelo local de trabalho, a tentativa de ser uma excelente profissional, são exemplo de como sente a presença de seu pai em suas decisões. Porém, reforçou que isso é algo que não percebia há tempos, pois foi no decorrer de sua vida que pôde constatar que suas escolhas não eram somente escolhas:

É::... Porque aí, o que a gente percebe é que a gente fica correndo, correndo atrás de tentar:: ainda ser um orgulho, né? E aí... Na verdade assim, sei lá o que o meu pai queria de mim, né? E aí acho que o que pesa é que eu não vou saber, e aí, você fica nessa tentativa, né? Então vou fazer medicina. AH não, não vou mais fazer. Vou trabalhar no hospital. Não, não vou mais trabalhar. Vou ser independente. Será que era isso, sabe? É... Num sei assim, é bem:: é bem difícil você:: querer tá sempre agradando alguém que não tá aqui, sabe? Porque quando é a mãe você vai lá e pergunta, né, “Mãe, e aí? Tá

tudo certo ou tá tudo errado?” Mas quando a pessoa não tá mais presente fica mais difícil, assim. (Isaura)

Nesse trecho, outro aspecto se faz relevante e é também presente na experiência das/do outras/outro participantes. Suas escolhas refletiram não apenas a ausência do pai em sua vida, mas a tentativa e um desejo de corresponder ao que imaginam que seus pais esperavam deles. A opinião do pai era relevante nos seus processos de escolha, fazendo falta poder ser reconhecidos pelas suas conquistas, bem como em saber se seu pai aprovaria e estaria satisfeito com suas decisões. É sabido que a supressão abrupta da corporeidade do outro é elemento fundamental na experiência de luto, uma vez que ele não estará mais presente na vivência cotidiana de modo a atualizar a sua existência na relação com a/o enlutada/o por meio de sua voz, gestos, opiniões. Apesar disso, esse outro não cessa de se apresentar, pois todos os sentidos até então partilhados continuam a ser parte da experiência daquela/daquele que fica e passarão a ser vividos de uma nova forma e a partir de novas significações (Freitas, 2013). Assim, as/o participantes passam a lidar com a opinião do pai, não mais a partir do que ele exprime, mas sim por meio do que imaginam que eles esperavam como pais. Na relação entre pais e filhas/filhos é comum haver expectativas a respeito do futuro profissional destas/destes (Féres-Carneiro et al., 2017), bem como a respeito de quem estas/estes se tornarão, com quem se relacionarão, de quais serão os seus projetos de vida. Com o compartilhar da vida, essas expectativas vão sendo atualizadas e o corresponder ou não a elas vai se abrindo como horizonte de possibilidade na relação. Com a morte do pai, não é mais possível saber quais são essas expectativas, se estão sendo correspondidas ou não, qual seria o posicionamento dele frente às decisões tomadas:

Eu penso muito nas coisas assim, o que, o que eu julgo que ele pensaria de mim. Das minhas decisões, assim. Por isso que eu, que eu falo que eu acho que algumas coisas eu teria feito de alguma outra forma::: eu seria diferente. Porque::: a opinião do meu pai

era muito importante pra mim. É::: era como se ele tivesse que dar o martelo das coisas assim, sabe?! E você só ficar no achismo “eu acho que ele aprovaria, eu acho que se, que ele ficaria satisfeito, eu acho que ele ficaria orgulhoso”, não é concreto, né? Então, isso eu sinto muita falta assim, sabe? ((ainda emocionada)). (Matilde)

Perder o pai significou perder um importante apoio. As escolhas se evidenciam como reflexos da falta (do pai, do apoio e da opinião), ressaltando que a referência que o pai representava passa a atuar de outra forma.

### **Ausência**

A perda do pai na adolescência é descrita como uma vivência marcada pela falta. As/o participantes relataram sobre a dor e a tristeza que sentem por não poderem partilhar de momentos de sua vida com o pai. Afirmaram que com o passar do tempo aprenderam a conviver com a ausência, mas reforçaram que sentem falta de tê-lo presente. Sentem a falta nas datas comemorativas, nos momentos da vida, na convivência diária, mas também falta de seus conselhos, do consentimento e apoio nas decisões e no reconhecimento de suas conquistas. A ausência do pai passou a permear suas vidas, em que o sentimento mais presente é o da saudade. Carminda diz: “Mas agora é bem mais leve assim, não é um sofrimento. Agora é::: saudades mesmo, assim... Do que a gente poderia estar vivendo. Mas não, né? Não dá mais”. É interessante notar que costumeiramente utiliza-se a expressão saudades para fazer referência ao já vivido. Porém, não ter o pai não diz respeito somente a essa falta. Fala especialmente sobre a falta de um mundo impossível de existir e que não teve possibilidade de se concretizar. Podemos pensar que isso aponta para a vivência de uma temporalidade alterada. Saudade referencia algo experienciado no passado, porém na fala das/do participantes saudade se relaciona a um plano de futuro não vivido.

Uma das datas comemorativas mais marcantes é o dia dos pais. Neste dia, celebra-se a presença e o papel dos pais na vida de suas filhas e filhos. As/o participantes comentaram sobre o quão difícil essa data é, e Isaura afirmou que no dia em que todos comemoram e ela não pode comemorar, sente um vazio existencial. A falta do pai sentida ao longo dos ciclos da vida também se faz bastante marcante. O relato das/do participantes evidencia a falta que o pai faz em momentos em que culturalmente entende-se como o cumprimento ou acontecimento de rituais da vida, tais como formatura e casamento. Esse fato também foi observado por Dehlin e Reg (2009), que afirmam que um dos maiores pesares a respeito da morte de um dos pais na adolescência é que ele não estará futuramente em suas vidas e não poderá compartilhar de momentos importantes como a formatura, o início de sua própria família e assim por diante. A ausência nas datas comemorativas, bem como nos ciclos da vida, frisa o não poder compartilhar um mundo. A irreversibilidade diante da morte e a não presença do outro, via corporeidade, na vida da/do enlutada/o levam à interrupção de uma história em comum, uma vida conjunta se esvai (Freitas et al., 2015). Morre o pai e a história que seria vivida entre ele e as/os filhas/filhos. As participantes relataram o quanto foi marcante o momento da formatura, que ao mesmo tempo em que foi a comemoração de uma conquista, foi sentida como um peso não poder ser compartilhada com o pai. Isaura e Carmina afirmaram que imaginam que em seus casamentos a sensação será parecida com a da formatura e Matilde reforçou a falta que sentiu dele nesses dias:

Eu senti muita falta do meu pai na minha formatura e eu senti muita falta do meu pai no meu casamento ((começa a chorar)). São coisas assim que::: você gostaria de tar partilhando aquilo, sabe? ((silêncio)). Que por mais que, que eu ti/fosse nova, são ciclos da vida que você imagina que vão ser normais, né?! Então, eu senti muita falta disso assim, sabe? Muita falta. Na minha formatura... Eu lembro que eu pensava mUito nele assim, sabe?! Na época. (Matilde)

Percebe-se ainda que, no caso das mulheres, o lugar do pai nesses ciclos (casamento e formatura) fica vazio. É bastante comum a entrada dos recém-formados no baile de formatura acontecer com o pai no caso das filhas e com a mãe no caso dos filhos. O mesmo acontece na entrada das cerimônias de casamento. Matilde relata o quão difícil é se deparar com a ausência do pai nesses contextos, pois o lugar dele não é passível de substituição:

E isso é uma tarefa difícil, porque às vezes tem, tem situações que são cobradas posições que voc/que seriam supridas pelo seu pai. Tipo uma coisa idiota. Na formatura, com quem que você entra? ((chorando)) Com seu pai. Quem que você vai colocar lugar? É difícil assim, sabe?! ((silêncio)) Porque não/não tem substituição. Na igreja com quem que cê entra? Com seu pai ((chorando)). Não tem como você colocar alguém no lugar.

Nessa direção, fica evidente que o pai e essa relação são sentidos como sendo insubstituíveis. A ausência expressa um vazio em suas vidas impossível de ser preenchido. Matilde indicou ainda que não conseguiu preencher esse vazio com outras pessoas, deixando marcado em todo seu relato o espaço que seu pai ocupa em sua vida. Ao falar da sua decisão de entrar sozinha na igreja no dia do seu casamento, por exemplo, reforçou o lugar insubstituível dele:

Porque... Existem pessoas que entram com a mãe. Mas é porque elas têm a figura de pai e mãe naquela pessoa. A minha mãe não é meu pai. Eu tive o meu pai. Minha mãe é minha mãe. Ela é minha figura materna. Eu tenho uma mãe e eu tive pai e eu não consigo substituir assim, sabe? Era o espaço dele. (Matilde)

Esse trecho traz não somente sua compreensão de que sua mãe não exerceu a função paterna na morte do pai, mas especialmente que há um lugar na relação dela com o pai que não pode ser preenchido. Ela reforçou ainda que a maior consequência da morte dele em sua vida é a sensação de faltar uma parte de si e de ter ficado sem um de seus pilares essenciais.

## **Abandono**

A ausência do pai ao abrir um vazio na experiência das/do participantes faz emergir sentimentos de abandono e solidão. Apesar de compreenderem que não houve uma escolha por morrer por parte deles, as/o participantes relataram que se sentiram abandonadas/o e sozinhas/o. Camilo repete muitas vezes em sua fala que após a morte do pai, sentia que não tinha mais ninguém. Essa repetição em diversos momentos da entrevista evidencia que apesar da presença de sua mãe, irmãos, tios e família em sua vida, ninguém pôde ocupar o lugar desse pai: “Ah, sentia falta dele, né?! A gente era muito próximo e tudo. Eu não tinha mais ninguém ali próximo de mim ((emocionado)). Eu tava sozinho”. O sentimento de solidão é descrito pela literatura como sendo parte da experiência de enlutamento de filhas/filhos adolescentes. Dehlin e Reg (2009) relatam que suas/seus entrevistadas/os expressaram fortemente se sentirem sozinhas/os, apesar da proximidade de sua família e amigas/os. Igualmente, o estudo relatado no capítulo dois sobre a vivência de luto de adultos que perderam a mãe na infância aponta que, ao perder a mãe, as filhas e filhos vivenciaram sentimentos de solidão, abandono, desamparo, medo e insegurança, aliados ao fato de não terem recebido afeto do pai sobrevivente. Importante ressaltar que as/os participantes dessa pesquisa tinham em suas mães a referência de afetividade (Fujisaka, 2009). Esse fato nos faz refletir que a referência de afeto é um aspecto fundamental na vivência de luto das/os filhas/filhas. As/o participantes de nossa pesquisa, ao enfatizarem em seus relatos a proximidade que tinham com o pai, revelam que um buraco foi aberto em suas experiências ao perderem uma referência de afeto de alguém que cuidava deles e os apoiava. Deste buraco, sentimentos de solidão e desamparo emergiram. Isaura relatou que tentou preencher de várias formas e com várias pessoas o buraco aberto em sua vida após a morte de seu pai. Com o tempo percebeu que é uma tarefa sem sucesso:

(...) querendo ou não você sente que você foi abandonada. Tipo assim você/Claro, você entende, é uma perda, não foi uma escolha, nada disso, mas você sente, “POxa, PAI, era



pra você tá AQUI. Por que você num tá aqui junto comigo?” E isso deixa um buraco muito grande, então, pelo menos pra mim ficou, ficou assim, fica um buraco que eu tentei preencher de todas as formas, assim. E:: aí eu preenchi com o namorado, eu preenchi com amigo, eu preenchi com alguém que tava sempre ali.

### **Sentimento de futuro roubado**

O ciclo da vida é compreendido como sendo aquele em que nascemos, temos uma infância, uma adolescência, entramos na vida adulta e, por fim, na velhice. Somente neste último período estamos “autorizados” a morrer. De uma maneira em geral, nos contextos em que a morte acontece mais tarde no ciclo da vida, menor estresse é experimentado pelas/pelos enlutadas/os, pois o morrer nesse momento é considerado como um processo natural da vida (Brown, 2001). Quando a morte vem no meio desse caminho, se faz presente a sensação de morte fora do tempo. Esse fato fica evidente no relato das/do participantes, que não cogitavam a ideia de que o falecimento do pai aconteceria em suas adolescências. A morte do pai durante essa fase da vida deixa a sensação da morte ter acontecido no momento errado:

(...) e aí, é.. eu lembro da mãe do meu pai, a minha vó falando que ela ficou muito indignada porque pra ela foi a inversão da ordem natural das coisas, ela que tinha que morrer primeiro, né? E isso eu lembro que me gravou, tipo, “é nada a vê, sabe, por que que tá acontecendo isso agora” sabe? E pra mim foi, foi um BAque assim, de não tá certo, de não era pra ser agora, era pra ser dePOis, quando eu já tivesse grande, com sei lá, casada, com filhos, né?

No contexto familiar, a morte é sentida como tendo acontecido de forma antecipada e sendo experienciada como interrupção. Ao relatar a fala da sua avó, a participante aponta ainda como a morte pode ser experienciada como uma inversão da “ordem natural” do ciclo da vida. A antecipação e a interrupção, como comentado na constituinte anterior, impossibilitam um

mundo compartilhado de existir. Os planos e os projetos de futuro passam a não ter mais possibilidades de serem concretizados. As/os participantes revelaram o sentimento de que seu futuro foi roubado. Com a morte, tudo aquilo que poderiam viver se encerra, transformando e mudando toda uma perspectiva de futuro:

As expectativas que eles faziam, tipo os planos que a nossa família tinha pros próximos anos que não, não existiram e que foram só projetos, que porque a gente não teve mais ele num, num tinha como/num tinha mais sentido serem concretizados e não tinha também mais como concretizar. Então, eu acho que assim é também um sentimento de::: futuro roubado assim, sabe? O que você poderia ter vivido com a pessoa que você não viveu. (Matilde)

O sentimento de que o futuro foi roubado demonstra que a experiência de tempo é modificada, ou seja, a sensação de que o futuro foi roubado se torna fundo para a noção do próprio tempo. O futuro se acelera ao mesmo tempo em que a promessa de um determinado futuro se esvai e some. Ou seja, a morte que aconteceria somente anos mais tarde em suas vidas, invade seu presente arrancando todas as possibilidades de vida que ainda tinham para compartilhar.

A vivência de tempo modificado fica também evidente nas falas que marcam a sensação de ter uma vida antes e outra vida depois da morte do pai. Essa experiência foi também descrita pelas/os entrevistadas/os da pesquisa de Fujisaka (2009), as/os quais relatam o fato de que a morte de um progenitor traz uma mudança tão drástica na vida que é possível dividir a própria trajetória em antes e depois da morte da mãe. Camilo, logo no início da entrevista, enfatizou que naquele momento está exatamente com o dobro da idade que tinha quando seu pai faleceu; ao longo da entrevista, vai deixando claro que sua vida se tornou outra após a morte do pai. Matilde expressou que em determinado tempo da sua vida, terá vivido mais tempo sem ele do que com ele. Carminda contou que sua mãe criou uma estratégia de enfrentamento que entendia

que uma vida nova e diferente começaria depois do momento da perda. Chamariam essa vida nova de fase 2. A fase anterior à perda, seria chamada de fase 1. Ensinou a ela e a seu irmão que não é que eles haviam perdido tudo com a morte do pai e nada mais seria igual, porém, na fase 2, começariam outra história e que esta não seria igual a fase 1. Em determinado momento da entrevista a relevância dessa estratégia de enfrentamento criada pela mãe ficou evidente no diálogo entre entrevistada/entrevistadora. Seu ato de me corrigir de forma descontraída demonstra que para ela, fase 1 e fase 2 viraram referências de momentos de vida cruciais em sua experiência:

Entrevistadora: E hoje em dia na tua família, dentro da tua casa, você e sua mãe e seu irmão. Como que é? Como acontece? Vocês falam sobre isso ou não falam? Mudou alguma coisa?

Carmina: Desde quando?

Entrevistadora: Desde logo depois da morte dele.

Carmina: Já na fase 2? ((dá risada))

Ainda com relação ao futuro, Matilde traz outro elemento. Ela afirmou que após perder seu pai passou a ter bastante medo do futuro, tanto no que diz respeito ao que pode acontecer, quanto ao fato de projetar filhas/os em sua experiência. Por sentir medo, busca antever todas as possibilidades das situações que vivencia e diz que passou a sentir pressa no fazer acontecer sua própria vida. Além disso, afirmou que sente medo ao pensar em ser mãe. Seu medo parece evidenciar sua preocupação a respeito da possibilidade de seus próprios/próprios filhas/filhos passaram pela dura experiência de perder alguém tão importante na vida:

Isso... Me gera ter medo de ter filho. Eu::: eu penso muito a responsabilidade que é ter filho, sabe?! Porque::: é::: além das questões básicas de, do que você tem que::: man/que encaminhar pra uma criança, mas às vezes de uma forma inconsciente tudo que a gente faz a gente reflete numa criança. E eu penso muito nisso assim, sabe?! Muito, muito,

muito, muito, muito, muito. Agora que/com casamento a minha vó e a minha mãe me cobram muito isso, sabe?! Me perguntam muito. Mas eu tenho medo ainda, é uma coisa que eu tenho receio. Não é uma coisa assim: “eu estou casada, tenho vinte e sete anos e se eu tiver meu filho está tudo ok”. Não, não tá tudo ok. Eu tenho um pouco de pânico disso ainda, sabe?

Ao falar sobre os reflexos do que os pais fazem na vida das/dos filhas/os, Matilde não se refere somente ao fato de seu pai ter morrido, mas também nos impactos que sentiu em sua vida em decorrência do sofrimento de sua mãe. Sobre esse fato, iremos aprofundar na constituinte Transformação nos modos de ser filha/filho.

### **Amadurecimento**

Com a sensação de que a morte do pai ocorreu no momento errado, as/o participantes compreendem que o seu estar no mundo foi levado a ser também fora do seu tempo de desenvolvimento. Elas/ele relataram que sentiram que amadureceram a partir da perda do pai. Entendem que esse amadurecimento aconteceria em algum momento de suas vidas, mas não tão cedo em suas adolescências. Como já ressaltamos, aspectos como autonomia e independência são vivenciados de modos distintos na adolescência e novos horizontes se abrem no decorrer do adolecer, sendo as/os mães/pais importantes fontes de apoio no desenvolvimento gradual desses elementos. A morte de seus pais impôs um desenvolvimento repentino, antecipado e acelerado e situações que não eram esperadas por elas/ele para aquele momento da vida, tornaram-se seus presentes. O amadurecimento vem de uma resignificação do seu próprio lugar no mundo e no tempo, pois diz respeito a um adquirir responsabilidades que anteriormente não faziam parte dos seus cotidianos (como cuidar da casa, da mãe e dos irmãos), mas também de um reposicionamento diante do outro, das/dos outras/os adolescentes e das outras famílias:

Ah, eu acho que a gente cresce muito antes da hora. Tipo a gente vira... Eu e meu irmão, né, principalmente, amadurecemos demais numa fase que as pess/os adolescentes ainda tavam fazendo várias outras coisas. Então, porque a gente teve que lidar com isso, e::: É, eu não sei dizer em que maneira que amadurece, mas é dentro assim, né? É uma coisa diferente de ter que lidar e saber que suas amigas têm família e você não, é diferente assim. A comparação, né? (Carmina)

A comparação feita por Carmina entre ela e o irmão e as/os demais adolescentes têm relação com o fato de que não cogitavam passar pela adolescência desse modo. Dehlin e Reg (2009) e Patterson e Ranganathan (2010) apontam que a sensação de maior maturidade em contraste aos pares diz respeito às/aos adolescentes enlutadas/os terem passado por uma vivência impactante e profunda, que as/os fez terem valores diferentes daqueles das/dos amigas/os e até mesmo daquilo que elas/eles mesmos valorizavam em suas vidas antes da morte. As/o participante reforçaram que precisaram aprender a conviver com a perda do pai e as consequências disso, o que os colocou em uma posição diante do mundo muito diferente da vivenciada por suas/seus amigas/os. Novas responsabilidades passaram a fazer parte de suas atividades diárias e no desenrolar das situações foram descobrindo formas de lidar com o que estava sendo imposto. Matilde disse que, ao assumir as responsabilidades da casa após a morte do pai, precisou descobrir como administrar um lar, como fazer para pagar contas e até mesmo como agir quando cortam a eletricidade da casa. Por serem adolescentes e ainda não terem vivenciado algumas situações, se sentiram na obrigação de descobrir formas de agir e lidar com o que lhes era demandado:

Então, muitas coisas vinham e eu tinha que resolve e quem me ensinou a resolver algumas coisas foi a minha vó. Mas a minha vó mora em ((nome da cidade)). Então assim, ela me mostrava o rumo e::: eu fazia. Tipo, de ir paga conta, ir vê o que tá

acontecendo. Tipo a/de chegarem a pa/a cortarem a luz de casa. Tá, porque que cortaram a luz de casa? E eu não tinha a menor ideia assim, sabe? (Matilde)

Ressaltamos que apesar de terem precisado se reestruturar em seus modos de estar no mundo e, em alguns dos casos terem que aprender a administrar as finanças da família junto da mãe, nenhum das/do participantes relatou que a morte do pai exigiu mudanças e rupturas drásticas financeiras logo após a morte. Entendemos esse fator como um elemento relevante, uma vez que a literatura tem apontado que quanto maiores as quebras de rotinas dos filhas/filhos, como mudança de escola, de casa ou de estilo de vida, maiores serão as demandas de reorganização e estruturação pessoal e familiar (Ellis et al., 2013; Walsh & McGoldrick, 2013).

Há ainda outro elemento relevante no processo de amadurecimento. As/o participantes demonstraram que o relacionamento com a mãe passou a ser permeado pelo cuidado. Cuidado este que não era mais dos pais para com os filhos, mas agora dos filhos para com a mãe. Matilde afirmou ter precisado se responsabilizar pela casa e pelo seu cuidado. Por ser filha única e entender que a mãe estava doente, sentia que essa era sua obrigação e, assim, passou a exercer funções como dar banho, fazer comida para ela e estimulá-la para que ela conseguisse resolver suas próprias questões. Afirmou que se sentiu muito sozinha nesse processo. Camilo também sentiu que era sua responsabilidade cuidar de sua mãe, pois seu pai já não podia mais cuidar. É bem interessante notar que há aqui uma questão de gênero importante. Mesmo sendo o mais novo dos três irmãos, sentiu que o cuidado da mãe deveria ser seu. Nota-se que o fato de que considerava seu irmão como “rebeldão” e de que sua irmã é mulher (palavras essas usadas por ele para se referir aos irmãos quando falou de quão próximo se sentia do seu pai) permeia sua sensação de obrigação de assumir o cuidado da mãe. É possível notar que o sentimento de cuidado com a mãe é presente ainda nos dias de hoje:

Camilo: Eu senti porque assim, eu pensei “quem que vai cuidar dela agora?” ((se emociona e começa a chorar)). ((Silêncio)). E eu mesmo sendo o mais novo, eu falei “vou ter que assumir, né?!”.

Entrevistadora: Você sentiu essa necessidade de... De cuidar dela então?!

Camilo: ((Balança a cabeça positivamente, ainda bem emocionado e fica por mais alguns segundos em silêncio)). Aí passou um tempo que ela, ela teve depressão e tal. E daí ela foi/arranjou um companheiro, namorado, ficou uns três anos e voltou e até hoje ela fica sozinha em casa. Sinto a responsabilidade de ter que cuidar dela ((voz dá uma engasgada)).

Negreiros e Féres-Carneiro (2004) fazem uma discussão a respeito dos papéis de gênero nas relações familiares atuais em que os modelos de família coexistentes, “antigo” e “novo”, atuam como forças na constituição daquilo que se considera como tipicamente pertencentes às mulheres e aos homens. As autoras postulam que mesmo que no “modelo novo de família” os limites de identidade entre os sexos sejam mais maleáveis e com mais possibilidades de representação — como as mulheres chefes da família, casais homossexuais, produção independente, os casamentos com maior abertura para rompimentos, o sexo desvinculado exclusivamente da reprodução, e assim por diante —, há também em jogo características do “modelo antigo” atuando na esfera familiar. As identidades masculinas e femininas são perpassadas por aquilo que se considera ser pertinente a cada identidade. A feminina é, por exemplo, marcada pelo cuidado e dedicação à família e ao lar. Já a masculina é estruturada a partir da relação com o trabalho e a virilidade, de modo a manter a família protegida e economicamente estável. Apesar de a divisão de papéis constituintes deste modelo (homem provedor e mulher responsável pelo cuidado) não se sustentarem no “novo modelo” e de os grupos familiares atuais conviverem com maior flexibilidade desses papéis, a mudança radical do conceito tradicional de família ainda está em transformação, e assim, alguns preceitos do

“modelo antigo” ainda estão presentes no jogo familiar. Isso pode ser percebido no fato de que apesar de a necessidade de se tornar cuidador ter emergido como uma nova realidade na vida das/do participantes, ela se expressou de forma diferente a depender do gênero. Mesmo que Matilde não tenha tido irmãs/irmãos para compartilhar as novas funções, o seu assumir de responsabilidades dizia respeito à dedicação e ao cuidado com a mãe no dar banho, zelar pelo sono, alimentar e orientar, desempenhando funções definidas tipicamente como das mulheres. Ao me responder em que sentido entendia que amadureceu, ela diz: “Eu virei mãe da minha mãe. Sabe?!”. Já Camilo, ao falar sobre cuidar de sua mãe, se refere ao sustento financeiro da casa e, de alguma forma, sobre o assumir o lugar que o pai ocupava no seu contexto familiar:

Mas em um momento eu pensei, e agora? Será que vou ter que assumir o que ele fazia?

((voz emocionada/tremida)). A gente conseguiu vender a carteira dele lá, seguro de vida e conseguiu se virar na vida, assim. Mas eu pensei: e agora? Vou ter/será que vou ter que largar tudo e com dezesseis anos começar a trabalhar e:.... cuidar de todo mundo? ((se emociona e chora)). Como é que vai ser? (Camilo)

Diante do que foi discutido sobre o amadurecimento, além de sentirem estar em um tempo diferente de seus colegas, assumir responsabilidades como cuidar da casa e tornar-se cuidador da mãe, função transversalizada pelas questões de gênero, passam a projetar um futuro sem aquele que lhes trazia segurança, o pai. Percebe-se que a noção de amadurecimento se articula também com a perda da referência de sustentação e apoio que as/o participantes sentiam ter, uma vez que, ao se verem sem aquele que consideravam ser sua figura de proteção, passaram a rever seus posicionamentos frente à nova vida e à própria família.

### **Transformação nos modos de ser filha/filho**

Assim como mencionado anteriormente, a morte de um dos membros da família afeta e impacta todo o contexto familiar, impondo uma série de novas condições e revelando inúmeras



perdas no que diz respeito aos relacionamentos, papéis funcionais e projetos familiares (Walsh & McGoldrick, 1998, 2013). As/o participantes sentiram que suas relações familiares foram modificadas e foi na relação com a mãe que o maior impacto foi sentido. Elas/ele relataram que foi bastante difícil acompanhar o sofrimento da mãe. Ao presenciar o processo de viuvez, presenciaram também uma mãe que se modificava em seu modo habitual de ser. Afirmaram que suas mães entraram em depressão e que demoraram alguns anos para buscar ajuda profissional, tornando a convivência ainda mais difícil e pesada:

Então, eu lembro que foi bem difícil assim, a gente olhava e dizia assim, “mãe, você não é mais minha mãe, você não é a mãe que eu conheço”. “A mãe que eu conheço resolve as coisas, você não resolve nada, você não faz nada, você tá aqui, tipo viVendo, né? E ponto”. (Isaura)

As/os autoras/autores apontam que, nas experiências das/dos adolescentes, o apoio familiar e em especial da/do genitora/genitor sobrevivente é fundamental em seus processos de luto (Brown, 2001; Dehlin & Reg, 2009; Patterson & Ranganathan, 2010; Rask, Kaunonen, & Paunonen-Ilmonen, 2002; Walsh & McGoldrick, 2013). Apesar disso, a relação com esta/este e o apoio ofertado dependerá da dinâmica familiar e de como a/o genitor lidará com o próprio sofrimento. Ao mesmo tempo em que podem sentir suas/seus mães/pais sobreviventes como apoio, podem também senti-los como fardos, uma vez que nem sempre a/o viúva/viúvo vai conseguir fornecer o suporte esperado (Dehlin & Reg, 2009). Isaura relatou ainda ter precisado se afastar de sua mãe no início, pois a convivência com ela estava insuportável. As/o participantes relataram também que suas mães ficaram muito dependentes deles, lhes trazendo uma sensação de sufocamento:

Mas eu sinto que::: ela é muito:::... ela tem como se fosse uma obsessão por mim assim, sabe?! Não sei se ela tem muito medo::: então, muitas coisas ela faz que me sufocam

mas eu não tenho coragem de cortar esse vínculo, sabe?! Porque eu sei que pra ela é necessário, sabe?! Mas:..... (Matilde)

Eles demonstram que sentiram que as mudanças em suas mães foram tão drásticas, que já não as reconheciam mais. Ao perder o pai, perdem em certo sentido a mãe que tinham. A mãe também não é mais quem cuida, ensina, guia e dá apoio como anteriormente.

Presenciar o sofrimento da mãe em seu processo de viuvez não permitiu que nessa relação fosse possível manifestar os próprios sentimentos pela perda. As/o participantes relatam que não podiam manifestar aquilo que sentiam, pois entendiam que isso afetaria diretamente a mãe. Assim, revelaram ter guardado o sofrimento para si e ter sido muito difícil ter que lidar com a própria dor sozinhas/o: “Então, assim, eu acho que... é, é difícil a perda, mas é difícil também você não poder velar aquele sentimento dentro de você, sabe? Tipo manifestar, assim” (Matilde). Ao mesmo tempo, em um dos casos, pela aproximação que houve entre mãe e filha, a possibilidade de compartilhar os sentimentos se mostrou fundamental no processo de luto. Mãe e filha foram abertura para que o sofrimento da perda fosse uma possibilidade dentro dessa relação:

Por que a gente era normal, assim. Mãe e filha. Mas depois disso a gente conversava muito sobre isso quando uma tava com saudades, quando a outra tava. Aí minha mãe às vezes encontrava os livros com mensagem dele, tipo, sabe do passado, assim? Aí ela me mostrava, a gente ficava chorando junto e se emocionava junto, assim. Então, ter ela nessa fase foi importante para dividir essa dor toda. (Carmina)

Essas falas revelam o quão fundamental se mostra a possibilidade de partilhar os sentimentos nessa relação. É perceptível que a abertura para manifestação de sentimentos no relacionamento com a mãe dependeu de como suas/seus filhas/filhos as perceberam. Nos casos em que sentiam suas mães muito sensibilizadas e fragilizadas, não sentiram abertura para manifestar seus próprios sentimentos, pois entendiam que isso as afetava muito.

Pode-se perceber que a perda do pai na adolescência significou uma mudança nos modos de ser filha/filho, tanto na relação com o pai, quanto na relação com a mãe. No relacionamento com o pai, a falta se faz marcante e torna-se filha/filho daquele que não se apresenta mais concretamente na experiência e a relação passa a ser vivenciada a partir da ausência. Visto que o luto é uma experiência que impõe além da perda do outro, a perda de um mundo compartilhado e de sentidos que anteriormente eram dados nessa relação, novos modos de estar no mundo serão exigidos da/o enlutada/o (Freitas et al., 2015). Na relação com a mãe, novos horizontes emergem em decorrência da perda: quem passa a ser o cuidador, qual a abertura que se tem para manifestação dos sentimentos, que sentidos serão dados à perda conjuntamente, quais as formas de apoio e suporte serão possíveis, quais as responsabilidades assumidas por cada uma/um. Assim, a perda deste que era pai e marido passa a permear o relacionamento entre filha/filho e mãe, ambas/os enlutadas/dos e ressignificando seu lugar no mundo.

### **Suporte nas relações sociais**

No contexto atual, poucas são as oportunidades de despedida e raros são os espaços para as pessoas enlutadas expressarem suas dores (Ariès, 1977; Freitas, 2010; Koury, 2010). Apesar disso, sabe-se que a possibilidade de expressar sentimentos em relação a uma perda é significativo para quem está vivenciando um luto (Ellis et al., 2013; Fujisaka, 2009; Michel, 2017; Mota, 2008). Esse fato também foi percebido na experiência das/do participantes. Como visto, a morte do pai levou-os à sensação de desamparo. Aliado a este fato, nem todas as viúvas conseguiram fornecer suporte e apoio ao sofrimento da/do filha/filho devido ao profundo impacto em suas vidas pela perda do marido. Nessa direção, as/o participantes demonstraram que o suporte social que receberam de alguns familiares ou até mesmo de amigas/os da família foi fundamental em seus processos de enlutamento, bem como no apoio às suas mães. Segundo Walsh e McGoldrick (2013), logo após a perda não é raro que diminua o apoio social que a

família nuclear recebe, fazendo com que a ligação com os membros da família extensa durante o primeiro ano seja bastante importante. Estes podem auxiliar nas funções e papéis perdidos, apoio à/ao genitor sobrevivente e suporte às/aos filhas/filhos. Isaura relatou que ela pôde contar com o suporte de algumas pessoas no cuidado com a sua mãe, uma vez que foi muito difícil para ela acompanhar o processo de adoecimento:

Mas eu lembro, ela ficou muito tempo na cama, né? Entrou numa depressão que na época eu não sabia que era, mas hoje vejo que de fato era, uma depressão bem forte assim. Então, tinha dias que ela não saia nem do quarto... É, algumas amigas ajudaram, a gente tinha uma empregada na época que era de família assim, então ela também ajudou bastante, assim, e eu lembro que foi difícil assim, estar junto dela. (Isaura)

Carmina também contou que a tia e o tio maternos foram muito importantes para elas e para o irmão, pois estavam sempre presentes em suas vidas, tanto na primeira semana, quanto no decorrer dos anos. Afirmou que apesar de não lembrar exatamente, recorda que ela e ele foram os que mais cuidaram de sua mãe. Na experiência dela há ainda o grupo de filosofia que se fez presente durante todos os momentos da primeira semana, auxiliando-os tanto com as questões mais práticas do cotidiano (como limpeza da casa e preparo das refeições), quanto dando abertura para conversarem sobre o pai e sobre a perda:

E esses amigos dessa:: do ((nome do grupo de filosofia)) até... durante a semana toda assim, sete dias porque tem uma filosofia dos sete dias, eles iam lá em casa e levavam comida e ajudavam movimentar a energia da casa para não ficar só nós três num luto sofrendo os três juntos, né? Porque os três estavam doloridos ali. Daí alguém contava umas histórias legais dele e aí todo mundo se emocionava de uma maneira bOa assim, do tipo “NOssa ele fazia isso mesmo, que legal.” Então, teve esse processo que foi uma... Sei lá, eu diria que essa semana com as pessoas ajudou mUito no processo pra não ficar só em sofrimento, sabe? (Carmina)

Matilde contou que seu marido (que no momento da perda era seu namorado) e sua avó, foram fundamentais em seu processo de luto. Segundo seu relato, sua avó foi sua base, tanto no que diz respeito a ensinar caminhos a seguir, quanto a ser referência de fortaleza. Seu marido foi suporte ao ouvi-la, proporcionando que os sentimentos que não puderam ser manifestados na relação com a mãe pudessem ter espaço. Além disso, atualmente é com a família paterna que se sente confortável para conversar sobre seu pai, lembrando de quem ele foi e do que ele gostava.

Nessa direção, fica evidente que o apoio recebido por elas/ele se evidenciou como fundamental para que se sentissem amparadas/o em um momento de profundo sofrimento e de intensas mudanças em suas vidas. Ao mesmo tempo, foi possível perceber que tão importante quanto receber esse suporte, foi poder estabelecer relações com os pares, nas quais não precisassem falar sobre o assunto e pudessem continuar suas vidas em alguma medida como era anteriormente à perda. Sobre este aspecto, aprofundaremos na próxima constituinte.

## **Evitação**

Uma experiência que a princípio parece ser contraditória com a descrita na constituinte anterior diz respeito ao relato das/do participantes sobre terem seguido suas vidas e cumprido com suas atividades após o dia do velório como se a morte do pai não tivesse acontecido. Porém, apesar de relatarem que o suporte social foi um elemento importante em suas experiências, demonstraram também ter sido relevante continuar suas rotinas como anteriormente:

O velório e enterro foi domingo. E aí eu lembro de na segunda-feira, a minha mãe, tipo, “não precisa ir pro colégio, não precisa fazer nada” e aí eu decidi que eu queria fazer tudo o que eu sempre fiz, assim. A minha irmã como tava na faculdade, ela tirou a semana. Ela resolveu ficar a semana inteira em ((nome da cidade)) com minha mãe, com a gente. E eu decidi que eu ia viver minha vida ((risada leve)), como se nada tivesse

acontecido, assim. E aí hoje eu também, hoje eu consigo perceber que tola, né?! Tipo, eu não me permiti chorar muito ou ficar sofrendo. Eu acho que a minha mãe, foi tão ruim ver ela sofrendo, que eu decidi que eu ia mostrar pra ela que eu tava super bem, assim. E aí fiz tudo normal, assim. (Isaura)

Isaura demarcou ainda em sua fala um posicionamento diante do sofrimento de sua mãe. Continuar sua rotina parece evidenciar um desejo de não aumentar o sofrimento da mãe com sua própria dor. Ao mesmo tempo fala sobre uma expectativa de parecer forte:

Eu cumpri todos meus compromissos que eu tinha, que não eram muitos, mas fiz assim. E aí eu acho que foi muito numa expectativa de tipo: “aí, sou muito forte, não precisa se preocupar comigo pessoal. Olha como sou... guerreira” ((risada leve)), sei lá. E aí... Segui tudo normalmente assim.

Isaura afirma ainda que foi durante a psicoterapia já na vida adulta que pode perceber que algo no seu processo de luto foi perdido em decorrência de não ter se permitido vivenciar e ter continuado sua vida como se a morte não tivesse acontecido. No decorrer da entrevista, Isaura evidencia que a psicoterapia foi um lugar em que pôde revisitar aspectos de suas vidas relacionadas à perda e que também pôde dar novos significados às suas experiências:

É:: quando eu me mudei pra cá e aí quando eu comecei a fazer terapia é que eu comecei a ver que tipo “opa, algo se perdeu aí, né?!”. Faltou um luto elaborado ((risada leve)) mesmo assim.

Com relação a manter a rotina como era antes da morte do pai acontecer, Carminda afirma que continuou indo para a aula para demonstrar que estava se sentindo bem:

Eu fui pra a escola já nos primeiros dias, assim. E daí eu lembro que um amigo meu falou um tempo depois: “nossa, como é que você conseguiu ir para a aula?”, aí eu falei: “sei lá, tinha que viver”. Tipo, não podia ficar em cAsa, né? E nem, acho que nem quis.

Acho que a minha mãe até perguntou se eu queria. E eu acho que eu queria fingir que tava tudo bem, tipo, “não, tô vivendo, tá tudo bem”.

A opção de retornar ao colégio logo em seguida da morte da/do mãe/pai é também relatada pela literatura. As/os adolescentes afirmam que continuar suas rotinas ajudou a manter uma sensação de normalidade em suas vidas, mesmo vivenciando uma drástica mudança (Dehlin & Reg, 2009; LaFreniere & Cain, 2015). LaFreniere e Cain (2015) observaram também que um dos elementos mais presentes em suas/seus entrevistadas/os foi uma preocupação das/dos mesmos com o conforto emocional daquelas/es que estavam ao seu redor. Os autores denominaram esse fenômeno de evitação empática e afirmam que as/os jovens de sua pesquisa relataram que não queriam que seus pares se sentissem desconfortáveis ou tristes com seu sofrimento e, assim, poupavam falar sobre o assunto ou demonstrar seus sentimentos. Os autores, apesar de não terem elementos suficientes para esta afirmação, sugerem que ao evitar provocar dor em outra pessoa, as/os adolescentes poupavam causar o sofrimento em si mesmas/os. Por fim, recomendam que novos estudos sejam feitos para identificar se essa hipótese faz sentido.

Em nossa pesquisa, o desejo de continuar a vida como se a morte não tivesse acontecido diz, além de um não querer por parte das/dos adolescentes que os outros se preocupem com o seu sofrimento, sobre o quanto manter as rotinas permitiu ter momentos em que era possível não lembrar o tempo todo sobre a perda do pai. Camilo contou que, como o colégio em que estudava estava em greve, jogar futebol era a única coisa que lhe permitia se distrair de seu próprio sofrimento: “Aí:: mas continuei jogando, assim. A única coisa que eu tinha assim para me distrair. Nem aula eu tinha. Não podia ir pra aula. Ficava em casa só pensando nisso. Aí eu ia jogar bola”. Em seu caso houve também uma expectativa de que suas/seus colegas não conversassem com ele sobre a perda do pai ao voltar às aulas, pois entendia que falar sobre isso era evidenciar a falta que seu pai lhe fazia:

E tava em greve na época ((nome do colégio)), tava em greve. Então, vamos dizer assim, passou uns dois meses ((voz estremecida)), não falei com ninguém de lá, não falei com meus amigos, não falei com ninguém. Aí::, vamos dizer assim, passou, uns dois meses, o período pior, né?! Que você sente fal/muita falta. Aí eu fui pra aula, e todo mundo falava, voltou tudo de novo ((se emociona e faz uns segundos de silêncio)). Claro, querendo me dá apoio e tudo, mas comecei a lembrar tudo de novo ((chora)).

Essa experiência foi também relatada no estudo de LaFreniere e Cain (2015). A maior parte das/dos suas/seus entrevistadas/os afirmou que evitavam falar com suas/seus colegas sobre qualquer assunto que estivesse relacionada a morte do pai, desejando ter conversas sobre outros tópicos e manter os relacionamentos e as formas de interação como eram antes do falecimento dos pais acontecer. Na mesma direção, na experiência das/do entrevistadas/o de nossa pesquisa conversar sobre o pai em algum momento ou instância foi evitado. No contexto familiar, as/os participantes afirmam que pelo menos em algum dos relacionamentos (com a mãe ou irmãos) não havia espaço para falar sobre o pai. Sentiam que suas mães sofriam com o assunto e tinham medo de suas reações. Assim, optaram por não falar mesmo que fosse sobre alguma lembrança bonita, pois compreendiam que esse era um assunto que não podia ser tratado como sendo legal. Nas demais relações, afirmam que não gostavam de falar dessa experiência que as/o mobilizava tanto. Isaura comentou que no início não conseguia dizer que seu pai tinha morrido. Não havia nem mesmo palavras que pudessem descrever sua vivência:

Antes era tipo, aí/porque as vezes as pessoas não te conhece e pergunta, “ah, você mora com quem::?”, “ah, com a minha mãe”, “ah, e o seu pai?”, aí você tipo, eu dava aquela “eh, ah, eh” ((como se estivesse gaguejando)), não conseguia falar. E aí, agora, tipo, não, “meu pai já faleceu” e OK. Antes eu não sabia nem dizer tipo, meu pai morreu, meu pai faleceu, o que que eu digo? Que, que, como que fala isso, eu não conseguia



nem achar uma palavra que tentasse dizer isso, assim. Hoje já é assim, um pouco mais fácil pra poder pensar sobre tudo isso assim, sem tá aos prantos ((risada leve)). (Isaura)

Matilde disse que por muito tempo sentiu que ao falar do pai causava a impressão nos outros que estava se fazendo de vítima e, por não querer ser vista assim, evitava o assunto: “Tinha um tempo que eu não falava. Eu não gostava de falar, assim, porque dava a impressão que... eu queria me fazer de vítima, sabe? Eu não gostava de falar”.

Continuar a rotina como se a morte não tivesse acontecido ou não falar sobre os assuntos relacionados ao pai dizem respeito, dessa forma, ao evitar. Seja para não parecer vítima, por sentir que não era possível tratar o assunto como sendo legal, para demonstrar que estavam bem ou para não preocupar os outros. Ao manterem a rotina e evitarem o assunto, evitavam também realçar a ausência do pai em seus cotidianos.

## **Espiritualidade**

Apesar de a espiritualidade ter aparecido somente no relato de Carminda, entendemos como fundamental considerá-la como uma constituinte, pois suas crenças perpassam toda sua experiência, surgindo como abertura de sentido para a perda. A partir daquilo que acredita, a morte do pai pode ser vista como uma situação que não foi diferente do que era “destinada” a ser. Ela relatou que mesmo antes da morte do pai, a família já compreendia que há vida após a morte e que a vida na terra é somente uma passagem pela busca de evolução. Afirmou que esse entendimento facilitou seu processo de luto e que pensar que seu pai estaria em outra dimensão cuidando deles foi bastante reconfortante.

Estudos a partir do método fenomenológico tem evidenciado que a espiritualidade e a fé, independente de uma religião específica professada, são importantes elementos no enfrentamento à perda, proporcionando às/aos enlutadas/os possibilidades de criar sentido e significado a essa morte (Andrews & Marotta, 2005; Freitas & Michel, 2015; Seah & Wilson,

2011). Há também dados de uma pesquisa realizada por Park (2005) que contribuem para nossas reflexões. Seu estudo — realizado com 169 estudantes universitárias/os que relataram ter perdido alguém no ano anterior à pesquisa — tinha por objetivo investigar os caminhos pelos quais a religião pode funcionar como um sistema de significado que influencia no bem-estar das pessoas em situações estressantes. Os resultados encontrados pela autora “demonstram como a religião pode servir como um sistema de significado na qual o enlutado pode reformular sua perda, buscar interpretações mais benignas, encontrar recursos de enfrentamento e, talvez, identificar áreas de crescimento pessoal” (Park, 2005, p. 721). Apesar de no caso de Carminda a espiritualidade não estar diretamente relacionada a uma religião, podemos afirmar que sua crença contribuiu no seu enfrentamento à perda e possibilitou uma nova significação no relacionar-se com seu pai:

Então, a gente sempre conversou sobre isso em família e aí a mãe também sempre falava que ele tava em outra dimensão cuidando da gente e tal. E é reconfortante, né? Achar, ou imaginar, ou saber que a pessoa foi embora deste plano físico, mas tá em outra dimensão, outros planos espirituais.

Ela também falou sobre novos significados ao contar sobre os sinais que sente receber de seu pai, como uma forma dele demonstrar que está tudo bem. A borboleta branca se tornou para ela símbolo e referência dele. Evidencia o quanto sua ausência é presente nos momentos em que sente saudades:

Carminda: E aí para mim eu tenho referência da borboleta branca por causa de... muitas vezes que a gente falava dele, passava a borboleta branca lá em casa. (...) E aí pra mim e para minha mãe é referência. (...) Então, né, independente do que se acredita pra gente aquele é um sinal. Tipo “pessoal tá tudo bem”, passa a borboleta assim. Então, essas pequenas coisinhas que acontecem que a gente vê como um sinal são sempre maravilhosas.

Entrevistadora: E qual é o sentido delas, desses sinais para você?

Carmina: Acho que... uma mensagem de que tá tudo bem. Era pra ser assim mesmo, o caminho é esse. Tipo, “tô feliz com vocês aí, tô vivendo o que eu tenho que ver aqui”, sei lá onde é e o que é. Mas é como se fosse um tipo, “é, tá tudo bem. Estou bem aqui e vocês também”. Um ok assim, algo assim.

Ao mesmo tempo, seu relato durante a entrevista parece indicar que a espiritualidade traz também uma experiência racionalizada dessa morte. Quando ela fala sobre querer ou não que ele não tivesse morrido, parece haver uma censura desse desejo. Uma censura que é atravessada pela crença espiritual de que “era o momento que ele morreria”:

Mas é que daí, eu penso que a gente é muito egoísta em falar que quer a pessoa de volta, né, tipo, “ah, eu quero ele de volta”. E eu nem quero/claro, adoraria. Não que eu não quero. Mas eu acho que eu entendo e confio nos caminhos do mundo, assim, de como as coisas acontecem. Então, não peço isso, nunca pedi, tipo, “quero de volta”. Talvez no começo assim, né, não lembro. Mas eu entendo que... não é assim que funciona. Então ninguém fica pedindo de volta.

É como se não pudesse desejar que a morte dele não tivesse acontecido. Esse aspecto é revelado também nos frequentes diminutivos de sua fala no decorrer da entrevista ao tratar das suas emoções (sofrendinho, dorzinha, emoçãozinha). A escolha de suas palavras parece mostrar uma forma de atenuar todo o afeto que é difícil dessa experiência (dor, falta, tristeza, raiva). Ainda, em alguns momentos sente que a morte aconteceu fora do tempo e em outros sente que era para ter sido exatamente naquele momento. Com isso, não estamos dizendo que sua crença na espiritualidade a impede de sentir a perda do pai. Ao contrário, estamos defendendo que a espiritualidade aparece como aquilo que dá conforto, atenuação do sofrimento, sentido e resignificação de uma relação.

### **A estrutura geral: Como se dá a experiência de perda do pai durante a adolescência?**

Para compreender como a experiência de perda de um pai na vida de uma filha ou filho, é necessário refletir sobre a articulação dos diversos elementos que a constituem a partir do solo em que emergem. Nesse sentido, nos debruçaremos nesta parte do trabalho sobre a relação entre as constituintes anteriormente discutidas como forma de compreender a totalidade dessa vivência, iniciando por uma contextualização dos significados atribuídos pelas/pelo participantes a seus pais. Isso porque entendemos que essa figura paterna é solo de onde emergem sentidos da perda, fundo da configuração dessa experiência de enlutamento.

As/o entrevistadas/o mostram em seus relatos que o pai foi em suas vidas uma referência em seu sentido mais amplo. Referência é aquilo que utilizamos como modelo para aprender como fazer as coisas, o que pode e o que não pode ser feito. É aquilo que utilizamos como norte para descobrir caminhos na vida. O pai foi para nossas/o entrevistadas/o aquele que guiava, que ensinava e direcionava. Ser referência também diz respeito a ser um modelo. O pai não foi somente quem ensinou como fazer as coisas, foi também aquele que lhes inspirou como ser. Ainda, para as/o participante o pai forneceu uma referência de carinho, de cuidado e de proteção. Carmina afirmou ter tido sorte de ter um pai como o seu e mostra que ele e a relação de afeto desenvolvida se tornaram modelo para a construção de sua própria família:

Eu tive, tive a sorte de ter um pai incrível assim, que até hoje a sensação que eu tenho de coisa boa, de brincar, de ser divertido assim, é maravilhosa e com certeza é o que eu buscarei para os meus/para minha família um dia, né? Alguém que seja tão divertido e tão legal quanto. Essa referência de pai e marido que era para minha mãe sim, isso eu levo comigo.

Ser referência para guiar, ensinar, de afeto e proteção, em uma relação entre pai e filha/filho são elementos ainda mais evidentes na infância e na adolescência, pois apesar de ainda serem possibilidades na relação de pais e filhas/filhos na vida adulta, na infância e

adolescência entende-se que os pais são os responsáveis pelo cuidado e por fornecer base para as escolhas e atitudes das/dos filhas/filhos. Assim, na adolescência, fase em que, como ressaltamos, o processo de se tornar independente dos pais é um dos aspectos que se evidencia de uma nova forma, os pais exercem o papel de fornecer suporte para que suas/seus filhas/filhos comecem a tomar decisões a respeito da própria vida, ao mesmo tempo em que ainda são responsáveis por elas/eles tanto legalmente, quanto no que diz respeito à educação. Carter & McGoldrick (2001) defendem que na adolescência é preciso que os pais passem a estabelecer fronteiras qualitativamente diferentes com filhas/filhos: “fronteiras flexíveis, que permitem aos adolescentes a se aproximarem e serem dependentes nos momentos em que não conseguem manejar as coisas sozinhos, e se afastarem e experimentarem, com graus crescentes de independência, quando estão prontos...” (p. 20). Nesse contexto e por meio do que levantamos a partir da literatura nos capítulos iniciais, fica evidente a importância das relações estabelecidas entre mães/pais e filhas/filhos na adolescência e o papel de referência exercido por aquelas/aqueles.

Entendemos, porém, como importante ressaltar que essa noção de família como responsável pelo cuidado e por fornecer suporte é uma forma de entendimento do papel familiar culturalmente idealizada. As/os mães/pais são entendidas/os como as/os responsáveis pela criação moral e suporte emocional das/dos filhas/filhos e esse formato de família é tido como o correto pela sociedade. Apesar disso, compreendemos que nem todas as famílias se estruturam pela noção de cuidado e suporte. Conforme defendido anteriormente, entendemos que as famílias se estruturam a partir da articulação de uma série de elementos, que podem ou não incluir cuidado e suporte ou incluí-los de formas diferentes. No contexto dessa pesquisa, destacamos essa noção pois ela é relevante e constituinte das relações entre os pais e as/o filhas/o entrevistadas/o.

Compreendemos como fundamental entender essas significações como base para a vivência de perda, pois é com esse pai referência que se conviveu. Um pai ausente, distante e pouco afetuoso irá possibilitar outros sentidos na relação e, conseqüentemente, para a sua perda. Dessa forma, a experiência de perder durante a adolescência esse pai que descrevemos, diz respeito a perder uma referência específica e que tem muitos significados para a/o filha/filho e esta referência passará a atuar na vida delas/deles de uma nova forma. Para as/o participantes, a perda levou a uma vivência de desamparo e solidão, como evidenciado na constituinte Abandono. Mesmo que tivessem outras pessoas significativas em suas vidas, as/o entrevistadas/o expressaram que se sentiram sozinhas/o e obrigadas/o a lidar com a perda e suas conseqüências.

Na constituinte Sentimento de futuro roubado, foi possível perceber como a perda do pai na adolescência remeteu as/o participantes a um sentimento de um acontecimento prematuro, fora do tempo, não somente pela idade que seus pais tinham, mas também tendo como referência as suas próprias idades. Apesar de imaginarem que seus pais morreriam antes deles, não cogitavam que seria tão cedo em suas vidas.

A partir da morte inesperada que foi perpassada por sensações de choque, desespero e perda do chão, as/o participantes relataram que vivenciaram uma adolescência que não esperavam, sentindo que o seu tempo de desenvolvimento foi antecipado, como descrito nas constituintes amadurecimento e vivência do repentino. Na fase em que esperavam lidar com questões como primeiro beijo ou namoro, primeiros planos relacionados à vida profissional, festas, transformações nos laços de amizade, construções de planos para o futuro (tendo o pai presente) precisaram, além de encarar tudo isso, lidar com a ausência desse pai. A constituinte ausência expressa, com a morte do pai, o vazio que se abriu em suas vivências, levando-as/o a lidar com a referência do pai a partir daquilo que elas/ele imaginam que ele esperava delas/dele.

Ainda, como revelado na constituinte perda de apoio, sentiram a necessidade de aprender a tomar decisões e fazer escolhas sem o suporte que era fornecido pelos seus pais.

A perda de seus pais trouxe também uma mudança das/do participante quanto ao lugar de filhas/filho e como se relacionavam com as pessoas no seu entorno. Precisaram assumir a função de cuidadoras/cuidador de suas mães, ressignificando as suas relações com elas, e contar com o apoio oferecido por outros membros de suas famílias extensivas, namorado e de outros grupos sociais. Este apoio foi imprescindível, como revelado nas constituintes Transformação nos modos de ser filha/filho e Suporte nas relações sociais. Apesar da importância desses suportes, a constituinte Evitação mostrou que as/o participantes também apresentaram a necessidade de seguirem rotinas que eventualmente as/o afastassem de suas experiências de perda, evitando se relacionar com este assunto de maneira geral.

Por fim, excepcionalmente para Carmina, a vivência da espiritualidade também ocupou um lugar importante em sua experiência de luto, pois a partir de sua crença a morte de seu pai pode ser compreendida como parte de um processo de evolução espiritual. Todas as constituintes apresentadas possibilitam compreender uma estrutura geral circunscrita à experiência de perda do pai durante a adolescência para as/o participantes.

## 6 CONCLUSÕES

A experiência de perda de um pai na vida de uma filha ou filho durante a adolescência pode ser descrita como uma vivência de perda e de resignificação de uma referência que tem significados diversos. O pai, para as/o entrevistadas/o, era aquele que guiava, ensinava, protegia e cuidava, além de ser suporte e afeto. Assim, a morte dele significou às/ao entrevistadas/o a perda de um norte e de um solo de sustentação e segurança que os levou a vivenciar uma adolescência da qual não esperavam passar. A ausência e a falta passam a ser marcantes em suas vidas em um momento em que consideram como fundamental tê-lo presente, tanto no que diz respeito ao apoio, conselhos e consentimento na tomada de decisões e na presença e no reconhecimento das conquistas, quanto no partilhar de suas existências e trajetórias de vida. A falta que sentem expressa os momentos que vivenciaram juntos, bem como tudo aquilo que não pôde ser concretizado pela interrupção que a morte impôs. A ausência dele abriu um vazio em suas vidas, no qual sentimentos como abandono, desamparo e solidão emergiram da impossibilidade dessa relação em um mundo compartilhado.

Um aspecto da vivência das/do entrevistadas/o que ainda precisa ser levado em consideração é o fato de as mortes terem sido repentinas. Apesar de nunca estarmos preparadas/os para a notícia da morte de alguém querida/o, o fato de ter sido repentina instaurou um clima de desespero, choque e desnorreamento uma vez que essa morte não constava no horizonte de possibilidades da/o enlutada/o, até mesmo por estas/este serem adolescentes. Não se fez possível haver nenhum tipo de preparação ou despedidas e em um curto espaço de tempo a vida dessas/desse filhas/filho mudou bruscamente. A morte é sentida como interrupção de uma vida que ainda tinha muito a se viver. Interrompeu-se a vida do pai, a relação via intercorporeidade entre pai e filha/filho e todos os planos projetados para uma vida em comum.

Sentem, ainda, que a morte de seus pais aconteceu fora de sincronia com o ciclo da vida, tendo acontecida muito cedo em suas trajetórias. As/o entrevistadas/o perceberam que o



falecimento acelerou o processo de amadurecimento que estava se desenhando em suas vidas, no qual o apoio e a relação que tinham com o pai eram fundamentais. Além disso, também houve reflexos na forma como passaram a tomar decisões e a fazer escolhas a partir da ausência dele. Dessa forma, percebemos que o modo como se desdobrou o adolescer das/do entrevistadas/o foi completamente marcado pela imposição da morte do pai em suas vidas. Compreendemos, portanto, que é no entrelaçamento desses dois aspectos, o perder um modo de atuar dessa referência e o momento em que a perda acontece, que a experiência de perda de um pai na adolescência se dá.

Nessa direção, fica evidente com essa pesquisa que o que se perde com a morte de um ente querida/o tem relação com os sentidos e significados presentes naquela relação. No caso das/do entrevistadas/o desse estudo, o pai ocupava um lugar de referência na vida delas/dele e a relação estabelecida entre eles era pautada em suporte, apoio, conselhos, presença e afeto. Não podemos afirmar que esses elementos específicos (suporte, apoio, conselhos, presença e afeto) são particulares da relação com um pai, uma vez que também são possibilidades na relação com uma mãe, por exemplo. Porém, precisamos levar em consideração que foram elementos imprescindíveis na constituição dos sentidos que emergiram na experiência de enlutamento delas/dele.

Mesmo que não tenha sido a intenção inicial deste estudo selecionar o gênero do genitor falecido, a morte do pai acabou sendo uma característica comum na experiência de enlutamento das/o entrevistadas/o. Apesar disso, e até mesmo por não ter sido o foco de nossa investigação, não temos elementos suficientes para aprofundar e analisar se há diferenças nos impactos sentidos pelas/pelos filhas/filhos entre a perda de um pai e a de uma mãe. Entretanto, entendemos como relevante levantar algumas perguntas a respeito do entrelaçamento entre as especificidades das questões de gênero com o processo de luto, que não foram possíveis de serem investigadas no estudo aqui desenvolvido.

É perceptível o quanto a morte de um dos membros exige do núcleo familiar uma série de readaptações e reorganização em seu sistema, tanto no que diz respeito a questões de uma nova rotina, quanto no que se refere a forma como os vínculos dos familiares sobreviventes passa a acontecer. No nosso estudo, por exemplo, foi possível perceber que o relacionamento com a mãe sobrevivente foi um elemento relevante no processo de luto das/do filhas/filho. Tanto no que diz respeito às questões relacionadas ao cuidado, quanto em relação à dificuldade que encontraram em acompanhar o sofrimento pela viuvez da mãe e à falta de abertura nessa relação para manifestação dos sentimentos relacionados à perda. As/o entrevistadas/o revelam que sentiram que as mudanças em suas mães foram tão radicais que não a reconheciam mais, sentindo que ao mesmo tempo que perderam o pai, perderam em certo sentido suas mães. Dessa maneira, de que modo questões referentes à forma como se dá a paternidade e a maternidade em nossa sociedade, por exemplo, pode refletir na reorganização familiar após a morte do pai ou da mãe? O gênero da/do falecido/falecida é relevante no modo como a reestruturação dos vínculos entre os familiares sobreviventes acontecerá? Quais seriam as implicações no rearranjo familiar levando em consideração o gênero daquela/daquele que morreu? Estudos que se debrucem especificamente sobre o entrelaçamento das questões de gênero com a morte no contexto familiar poderiam ser realizados. Entendemos que esse é um tema que merece novas investigações.

Ainda transversalizando a temática do luto com questões de gênero, neste trabalho foi possível observar uma diferença no modo como a relação com a mãe se deu, no que diz respeito a ser filha enlutada ou filho enlutado. Mesmo que Matilde e Camilo tenham assumido o lugar de cuidadora e cuidador de suas mães, observamos que a forma de atuar foi diferente. No caso dela, as responsabilidades assumidas diziam respeito à dedicação e o zelo com a mãe em atividades como dar banho, alimentar e cuidar do sono. No caso de Camilo, o cuidado mencionado era referente ao sustento financeiro da casa e ao assumir as responsabilidades que

anteriormente eram exercidas pelo pai na família. Isso nos aponta para as questões de gênero presentes nos papéis assumidos nas relações familiares e para as tarefas que são consideradas como sendo responsabilidades do homem e da mulher, que são engendradas em nosso contexto histórico e social e, assim, atuam na constituição e estruturação das famílias.

Percebemos ainda que as relações sociais para além da família nuclear demonstraram ter sido suportes significativos nos momentos de dor e sofrimento. A fala das/do participantes e a importância de espaços para expressão de sentimentos em relação à perda nos faz refletir sobre o quão fundamental se torna a possibilidade de a família nuclear do falecido contar com aquelas/aqueles que podem fornecer algum tipo de suporte. Seja apoio em questões práticas como velório e alimentação, por exemplo, quanto no proporcionar abertura para que as/os enlutadas/os possam expressar a dor que estão sentindo, quando lhes for necessário. Considerando que o luto pela perda do pai desperta sentimentos de solidão, entendemos que ter suporte se faz ainda mais relevante.

Um fato que ressaltamos como fundamental de considerarmos é que as/o entrevistadas/o dessa pesquisa eram e são pertencentes à classe média e, dessa forma, não precisaram passar por outras mudanças como escola, casa, cidade ou até família com quem se vive. Como ressaltamos na seção Vínculos familiares e a/o filha/filho adolescente, entendemos que a classe social da qual a família faz parte tem reflexos na forma como a família se estrutura. Sabemos que as/os adolescentes da camada popular geralmente precisam começar a trabalhar antes daqueles pertencentes à camada média e, assim, as responsabilidades de uma vida adulta chegam mais cedo em suas vidas, levando a um adolescer que acontece em um tempo diferente do de outras classes sociais. Desse modo, não podemos ignorar que os significados e sentidos existentes nas relações entre as/os mães/pais e filhas/filhos, bem como à própria adolescência, são permeados por essas questões. Assim, os resultados deste estudo não podem ser

generalizados para enlutadas/os pertencentes a classes populares sem a devida cautela e sem investigações que deem voz às experiências de perda de pai dessas/desses filhas/filhos.

Por fim, compreendemos que os elementos evidenciados pelas constituintes da experiência de perder o pai na adolescência traz importantes reflexões ao campo da Psicologia e à prática da/do profissional dessa área. Entendemos que o papel da/o Psicóloga/o é fornecer espaço para que as/os filhas/filhos enlutadas/os se sintam acolhidas/os e compreendidas/os em sua dor, seja em qual contexto esteja atuando – psicoterapia, escola, hospital, entre outros. Além disso, entendemos como relevante refletir sobre quais formas de apoio estão sendo oferecidas às/aos genitores sobreviventes, tanto no que diz respeito a espaços para lidar com o sofrimento decorrente do processo de viuvez, quanto no que tange ao suporte fornecido para a relação que estabelecem com suas/seus filhas/filhos. Em outras palavras, é importante que a/o genitora/genitor seja acolhida/o enquanto viúva/o, bem como mãe/pai de filhas/filhos enlutadas/os.

No caso das/dos adolescentes, é preciso levar em consideração ainda que o seu adolescer passará por mudanças importantes a partir da morte desse pai. Cabe à/ao profissional da Psicologia, portanto, proporcionar a elas/eles espaço que os permita olhar para os reflexos que vão sentindo em suas vidas, e que possibilite falarem sobre o assunto na medida em que vai sendo possível e significativo. Assim, se faz necessário oferecer uma escuta acolhedora e respeitosa que permita que elas/eles expressem seus sentimentos conforme suas próprias necessidades. Isso é também válido para filhas/filhos que já estão em outras fases da vida. Como evidenciado por Isaura, foi durante seu processo psicoterapêutico na vida adulta que pôde perceber a marca deixada em sua vida pela morte do pai e que pôde trabalhar as questões relacionadas a essa perda:

Olha, eu, eu vejo o quanto... não é... Como que é a palavra, mas, num fica à toa isso [a morte do pai] né? Tem uma marca bem grande assim. E aí.. é... acho que só quando a

gente passa pela análise pra gente entender, assim... O que que de fato tá relacionado, assim. E aí eu vejo que, tipo, minha vida inteira tá relacionada com essa morte, sabe?

É levando em consideração a profundidade desta última frase de Isaura que este estudo oferece sua contribuição. A morte de um pai tem profundos reflexos na vida de uma/um adolescente e ter escutado essas/esse filhas/filho foi fundamental para compreender de que modos essa experiência se revela.

## REFERÊNCIAS

- Aguilar, W. M. J., Bock, A. M. B., & Ozella, S. (2002). A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In A. M. B. Bock, M. da G. M. Gonçalves, & O. Furtado (Eds.), *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia* (2a edição, pp. 163–178). São Paulo: Cortez.
- Alvim, M. B. (2011). O lugar do corpo em Gestalt-Terapia: dialogando com Merleau-Ponty. *Revista IGT na Rede*, 8(15), 228–238. Recuperado de <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=355&layout=html>
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26, 93–100. doi: 1590/S0103-166X2009000100010
- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27, 259–268. doi: 10.1590/S0103-166X2010000200013
- Andrews, C. R., & Marotta, S. A. (2005). Spirituality and coping among grieving children: a preliminary study. *Counseling and Values*, 50(1), 38–50. doi: 10.1002/j.2161-007X.2005.tb00039.x
- Ariès, P. (1977). *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2a edição). Rio de Janeiro: LTC.
- Ayers, T. S., Wolchik, S. A., Sandler, I. N., Twohey, J. L., Weyer, J. L., Padgett-Jones, S., ... Kriege, G. (2013). The Family Bereavement Program: description of a theory-based prevention program for parentally-bereaved children and adolescents. *Omega (Westport)*, 68(4), 293–314. Recuperado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24968618>
- Azevedo, A. K. S., & Dutra, E. M. do S. (2012). Relação amorosa e tentativa de suicídio na adolescência: uma questão de (des)amor. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XVIII(1), 20–29. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n1/v18n1a04.pdf>

- Baroncelli, L. (2012). Adolescência: fenômeno singular e de campo. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XVIII(2), 188–196. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n2/v18n2a09.pdf>
- Brent, D. A., Melhem, N. M., Masten, A. S., Porta, G., & Payne, M. W. (2012). Longitudinal effects of parental bereavement on adolescent developmental competence. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 41(6), 778–791. doi: 10.1080/15374416.2012.717871
- Brown, F. H. (2001). O impacto da morte e da doença grave sobre o ciclo da vida familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a edição, pp. 393–414). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bylund-Grenklo, T., Fürst, C. J., Nyberg, T., Steineck, G., & Kreicbergs, U. (2017). Unresolved grief and its consequences. A nationwide follow-up of teenage loss of a parent to cancer 6–9 years earlier. *Supportive Care in Cancer*, 24(7), 3095–3103. doi: 10.1007/s00520-016-3118-1
- Bylund-Grenklo, T., Kreicbergs, U., Hauksdóttir, A., Valdimarsdóttir, U. A., Nyberg, T., Steineck, G., & Fürst, C. J. (2013). Self-injury in teenagers who lost a parent to cancer: a nationwide, population-based, long-term follow-up. *JAMA Pediatrics*, 167(2), 133-140. doi: 10.1001/jamapediatrics.2013.430
- Bylund-Grenklo, T., Kreicbergs, U., Valdimarsdóttir, U. A., Nyberg, T., Steineck, G., & Fürst, C. J. (2014). Self-injury in youths who lost a parent to cancer: nationwide study of the impact of family-related and health-care-related factors. *Psycho-Oncology*, 23(9), 989–997. doi: 10.1002/pon.3515
- Calligaris, C. (2013). *A adolescência* (2a edição). São Paulo: PubliFolha.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). As mudanças no ciclo de vida familiar - uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As Mudanças no Ciclo de*

*Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a edição, pp. 7–29). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Christiano, R. M., & Nunes, N. R. de A. (2013). A família na contemporaneidade: os desafios para o trabalho do serviço social. *Em Debate*, 2(11), 32–56. Recuperado de <https://goo.gl/LoJhWE>
- Dehlin, L., & Reg, L. M. (2009). Adolescents' experiences of a parent's serious illness and death. *Palliative and Supportive Care*, 7(1), 13–25. doi: 10.1017/S1478951509000042
- Delgado, J. A. (2005). Que é o “ser da família”? *Texto Contexto Enfermagem*, 14(Esp), 86–94. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14nspe/a10v14nspe.pdf>
- Dietz, L. J., Stoyak, S., Melhem, N., Porta, G., Matthews, K. A., Walker Payne, M., & Brent, D. A. (2013). Cortisol response to social stress in parentally bereaved youth. *Biological Psychiatry*, 73(4), 379–387. doi: 10.1016/j.biopsych.2012.08.016
- Doost, H. T. N., Yule, W., Kalantari, M., Rezvani, S. R., Dyregrov, A., & Jobson, L. (2014). Reduced autobiographical memory specificity in bereaved Afghan adolescents. *Memory*, 22(6), 700–709. doi: 10.1080/09658211.2013.817590
- Ellis, J., Dowrick, C., & Lloyd-Williams, M. (2013). The long-term impact of early parental death: lessons from a narrative study. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 106(2), 57–67. doi: 10.1177/0141076812472623
- Féres-Carneiro, T., Mello, R., Machado, R. N., & Magalhães, A. S. (2017). Expectativas parentais na temporalidade contemporânea. *Estilos da Clínica*, 22(1), 29–44. doi: 10.11606/issn.1981-1624.v22i1p29-44
- Fonseca, C. (2005). Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saúde e Sociedade*, 14(2), 50–59. doi: 10.1590/S0104-12902005000200006
- Freitas, J. L. (2010). *Experiência de adoecimento e morte: diálogos entre a pesquisa e a Gestalt-terapia*. Curitiba: Juruá.



- Freitas, J. L. (2013). Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies*, XIX(1), 97–105. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n1/v19n1a13.pdf>
- Freitas, J. L. (2015). A criança sob o olhar fenomenológico: O despertar do mundo-da-vida. In A. M. L. C. de Feijoo & E. L. Feijoo (Eds.), *Ser criança: uma compreensão existencial da experiência infantil* (pp. 35–52). Rio de Janeiro: Edições IFEN.
- Freitas, J. L., & Michel, L. H. F. (2015). A vivência do luto materno um olhar fenomenológico existencial. In J. L. Freitas & M. V. F. Cremasco (Eds.), *Mães em Luto: a dor e suas repercussões Existenciais e Psicanalíticas* (pp. 25–44). Curitiba: Juruá.
- Freitas, J. L., Michel, L. H. F., & Zomkowski, T. L. (2015). Eu sem Tu: uma leitura existencial do luto em Psicologia. In J. de L. Freitas & M. V. F. Cremasco (Eds.), *Mães em Luto: a dor e suas repercussões Existenciais e Psicanalíticas* (pp. 15–24). Curitiba: Juruá.
- Frota, A. M. M. C. (2006). A reinstalação do si-mesmo: uma compreensão fenomenológica da adolescência à luz da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 58(2), 51–66. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v58n2/v58n2a06.pdf>
- Frota, A. M. M. C. (2007). Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(1), 147–160. Recuperado de <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a13.pdf>
- Fujisaka, A. P. (2009). *Vivência de luto em adultos que perderam a mãe na infância* (Dissertação de Mestrado). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-15122009-093804/pt-br.php>
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de século.

- Goenjian, A. K., Walling, D., Steinberg, A. M., Roussos, A., Goenjian, H. A., & Pynoos, R. S. (2009). Depression and PTSD symptoms among bereaved adolescents 6½ years after the 1988 Spitak earthquake. *Journal of Affective Disorders*, 112(1–3), 81–84. doi: 10.1016/j.jad.2008.04.006
- González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Gray, L. B., Weller, R. A., Fristad, M., & Weller, E. B. (2011). Depression in children and adolescents two months after the death of a parent. *Journal of Affective Disorders*, 135(1–3), 277–283. doi: 10.1016/j.jad.2011.08.009
- Hagan, M. J., Luecken, L. J., Sandler, I. N., & Tein, J. Y. (2010). Prospective effects of post-bereavement negative events on cortisol activity in parentally bereaved youth. *Developmental Psychobiology*, 52, 394–400. doi: 10.1002/dev.20433
- Hagan, M. J., Roubinov, D. S., Gress-Smith, J., Luecken, L. J., Sandler, I. N., & Wolchik, S. (2011). Positive parenting during childhood moderates the impact of recent negative events on cortisol activity in parentally bereaved youth. *Psychopharmacology*, 214(1), 231–238. doi: 10.1007/s00213-010-1889-5
- Hamdan, S., Mazariegos, D., Melhem, N. M., Porta, G., Payne, M. W., & Brent, D. A. (2012). Effect of parental bereavement on health risk behaviors in youth: a 3-year follow-up. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 166(3), 216–223. doi: 10.1001/archpediatrics.2011.682
- Hamdan, S., Melhem, N. M., Porta, G., Song, M. S., & Brent, D. A. (2013). Alcohol and substance abuse in parentally bereaved youth. *The Journal of Clinical Psychiatry*, 74(8), 828–833. doi: 10.4088/JCP.13m08391

- Hansen, D. M., Sheehan, D. K., Stephenson, P. S., & Mayo, M. M. (2016). Parental relationships beyond the grave: adolescents' descriptions of continued bonds. *Palliative and Supportive Care*, 14(4), 358–363. doi: 10.1017/S1478951515001078
- Hirooka, K., Fukahori, H., Ozawa, M., & Akita, Y. (2017). Differences in posttraumatic growth and grief reactions among adolescents by relationship with the deceased. *Journal of Advanced Nursing*, 73(4), 955–965. doi: 10.1111/jan.13196
- Holanda, A. F. (2014). *Fenomenologia e Humanismo: reflexões necessárias*. Curitiba: Juruá.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2014). *Estatísticas de gênero: uma análise dos resultados do censo demográfico 2010*. Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2015). *Séries históricas e estatísticas*. Recuperado de [https://serieestatisticas.ibge.gov.br/lista\\_tema.aspx?op=0&no=6&de=13](https://serieestatisticas.ibge.gov.br/lista_tema.aspx?op=0&no=6&de=13)
- Kaggwa, E. B., & Hindin, M. J. (2010). The psychological effect of orphanhood in a matured HIV epidemic: an analysis of young people in Mukono, Uganda. *Social Science & Medicine*, 70(7), 1002–1010. doi: 10.1016/j.socscimed.2009.12.002
- Kaplow, J. B., Saunders, J., Angold, A., & Costello, J. (2010). Psychiatric symptoms in bereaved versus non-bereaved youth and young adults: a longitudinal epidemiological study. *Journal of the American Academy Child & Adolescent Psychiatry*, 49(11), 1145–1154. doi: 10.1016/j.jaac.2010.08.004
- Koury, M. G. P. (2010). Ser discreto: um estudo sobre o processo de luto no Brasil urbano no final do século XX. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 9(25). Recuperado de [http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE v.9 n.25 abril de 2010.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%20v.9%20n.25%20abril%20de%202010.pdf)
- Kovács, M. J. (1992a). Morte no processo do desenvolvimento humano: a criança e o adolescente diante da morte. In M. J. Kovács (Ed.), *Morte e desenvolvimento humano* (3a edição, pp. 48–57). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Kovács, M. J. (1992b). Representações de morte. In M. J. Kovács (Ed.), *Morte e desenvolvimento humano* (3a edição, pp. 1–13). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- LaFreniere, L., & Cain, A. (2015). Peer interactions of parentally bereaved children and adolescents: a qualitative study. *Omega (Westport)*, 72(2), 91–118. doi: 10.1177/0030222815574829
- Lima, V. R., & Kovács, M. J. (2011). Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 390–405. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n2/v31n2a14.pdf>
- Luecken, L. J., Kraft, A., Appelhans, B. M., & Enders, C. (2009). Emotional and cardiovascular sensitization to daily stress following childhood parental loss. *Developmental Psychology*, 45(1), 296–302. doi: 10.1037/a0013888
- Marmorato, P. F. (2008). Jovens “anti-sociais”: questões psicopatológicas sobre a estruturação moral. In G. P. Messas (Ed.), *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea* (pp. 47–64). São Paulo: Roca.
- McClatchey, I. S., & Wimmer, J. S. (2012). Healing components of a bereavement camp: children and adolescents give voice to their experiences. *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 65(1), 11–32. doi: 10.2190/OM.65.1.b
- McGoldrick, M., & Walsh, F. (1998). Um tempo para chorar: a morte e o ciclo de vida familiar. In F. Walsh & M. McGoldrick (Eds.), *Morte na família: sobrevivendo às perdas* (1a edição, pp. 56–75). Porto Alegre: Artmed.
- Melhem, N. M., Walker, M., Moritz, G., & Brent, D. A. (2008). Antecedents and sequelae of sudden parental death in offspring and surviving caregivers. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 162(5), 403–410. doi: 10.1001/archpedi.162.5.403
- Michel, L. H. F. (2017). *A vivência de psicoterapia de mães enlutadas* (Dissertação de Mestrado). Recuperado de <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47461>

- Mota, M. M. de A. (2008). *O luto em adolescentes pela morte do pai: risco e prevenção para a saúde mental* (Dissertação de Mestrado). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-30032009-103843/pt-br.php>
- Muñiz-Cohen, M., Melhem, N. M., & Brent, D. A. (2010). Health risk behaviors in parentally bereaved youth. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 164(7), 621–624. doi: 10.1001/archpediatrics.2010.101
- Negreiros, T. C. de G., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino da família contemporânea. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, (1), 34–47. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v4n1/v4n1a04.pdf>
- Norton, M. C., Østbye, T., Smith, K. T., Munger, R. G., & Tschanz, J. T. (2009). Early parental death and late-life dementia risk: findings from the Cache County Study. *Age and Ageing*, 38(3), 340–343. doi: 10.1093/ageing/afp023
- Oliveira, E. S. T. de, Rosa, A. A., & Freitas, J. de L. (2017). Revisão bibliográfica das publicações acadêmicas sobre a criança na perspectiva fenomenológica. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, XXIII(3), 362–371.
- Outeiral, J. O. (1994). *Adolescer: estudos sobre adolescência* (1a edição). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Palácios, J. (1995). O que é a adolescência. In C. Coll, J. Palacios, & A. Marchesi (Eds.), *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia educativa* (volume 1). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Park, C. L. (2005). Religion as a meaning-making framework in coping with life stress. *Journal of Social Issues*, 61(4), 707–729. doi: 10.1111/j.1540-4560.2005.00428.x
- Patterson, P., & Ranganathan, A. (2010). Losing a parent to cancer: a preliminary investigation into the needs of adolescents and young adults. *Palliative and Supportive Care*, 8(3), 255–265. doi: 10.1017/S1478951510000052

- Pompéia, J. A., & Sapienza, B. T. (2014). O tempo da maturidade. In J. A. Pompéia & B. T. Sapienza (Eds.), *Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas* (pp. 119–152). São Paulo: EDUC.
- Ponciano, E. L. T., & Féres-Carneiro, T. (2014). Relação pais-filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 388–397. doi: 10.1590/1678-7153.201427220
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia Em Estudo*, 12(2), 247–256. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>
- Preto, N. G. (2001). Transformações do sistema familiar na adolescência. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a edição, pp. 223–247). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rask, K., Kaunonen, M., & Paunonen-Ilmonen, M. (2002). Adolescent coping with grief after the death of a loved one. *International Journal of Nursing Practice*, 8(3), 137–142. doi: 10.1046/j.1322-7114.2002.00354.x
- Reis, D. M. L. (2014). Relação pais e filhos adolescentes na sociedade contemporânea: um estudo sobre o olhar dos adolescentes (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/123456730/193/1/REIS DML 2014.pdf>
- Rosa, J. M., Boris, G. D. J. B., Melo, A. K., & Santos, M. A. (2016). A construção dos papéis parentais em casais homoafetivos adotantes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 210–223. doi: 10.1590/1982-3703001132014
- Sandler, I., Ayers, T. S., Tein, J.-Y., Wolchik, S., Millsap, R., Khoo, S. T., ... Coxe, S. (2010). Six-year follow-up of a preventive intervention for parentally-bereaved youth: a randomized controlled trial. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 164(10), 907–914. doi: 10.1001/archpediatrics.2010.173

- Seah, C. H., & Wilson, A. (2011). A phenomenological study of university students' grieving experience. *Crisis & Loss*, 19(1), 3–25. doi: 10.2190/IL.19.1.b
- Steeves, R. H., Parker, B., Laughon, K., Knopp, A., & Thompson, M. E. (2011). Adolescents' experiences with uxoricide. *Journal of the American Psychiatric Nurses Association*, 17(2), 115–123. doi: 10.1177/1078390311401025
- Stikkelbroek, Y., Bodden, D. H. M., Reitz, E., Vollebergh, W. A. M., & van Baar, A. L. (2016). Mental health of adolescents before and after the death of a parent or sibling. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 25(1), 49–59. doi: 10.1007/s00787-015-0695-3
- Sugarman, A. (2010). Losing a father all over again: the termination of an analysis of an adolescent boy suffering from father loss. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 58(4), 667–690. doi: 10.1177/0003065110385577
- Talamoni, A. C. B. (2008). Corpo, educação e saúde: percepções de jovens adolescentes. *Cadernos de História da Ciência*, IV(1), 69–84. Recuperado de <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/pdf/chci/v4n1/a05v4n1.pdf>
- Tanis, B. (2009). Especificidade no processo de elaboração do luto na adolescência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(3), 39–50. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v43n3/v43n3a05.pdf>
- Turato, E. R. (2000). Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa - Definições e principais características. *Revista Portuguesa Psicossomática*, 2(1), 93–108. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/287/28720111.pdf>
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507–514. Recuperado de [www.fsp.usp.br/rsp](http://www.fsp.usp.br/rsp)

- Walsh, F., & McGoldrick, M. (1998). A perda e a família: uma perspectiva sistêmica. In F. Walsh & M. McGoldrick (Eds.), *Morte na família: sobrevivendo às perdas* (1a edição, pp. 27–55). Porto Alegre: Artmed.
- Walsh, F., & McGoldrick, M. (2013). Bereavement: A family life cycle perspective. *Family Science*, 4(1), 20–27. doi: 10.1080/19424620.2013.819228
- Weinberg, R. J., Dietz, L. J., Stoyak, S., Melhem, N. M., Porta, G., Payne, M. W., & Brent, D. A. (2013). A prospective study of parentally bereaved youth, caregiver depression, and body mass index. *The Journal of Clinical Psychiatry*, 74(8), 834–840. doi: 10.4088/JCP.12m08284
- Wolchik, S. A., Cox, S., Tein, J.-Y., Sandler, I. N., & Ayers, T. S. (2008). Six-year longitudinal predictors of posttraumatic growth in parentally bereaved adolescents and young adults. *Omega (Westport)*, 58(2), 107–128. doi: 10.2190/OM.58.2.b



## ANEXOS

### ANEXO I: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

#### ENTREVISTA I: CAMILO

**Então, é mais um bate-papo mesmo. Você vai falando conforme você vai ficando mais à vontade. Com quantos anos você tá agora?**

Trinta e dois.

**Trinta e dois. E você tinha quantos anos quando...**

((interrompe a entrevistadora)) Dezesseis.

**Dezesseis.**

Bem na metade da vida.

**Bem na metade. É:: se for considerar tá bem na metade mesmo.**

Bem na metade.

**Foi seu pai ou sua mãe?**

Meu pai.

**E o que que aconteceu?**

É:::, ele teve meio que de súbito assim, ele teve um problema no/sentiu uma dor no coração.

Isso foi numa segunda-feira. Na segunda? Foi. Na segunda-feira. Ele achou que era coisinha leve e qualquer coisinha, ficou lá no hospital só de::, de:: observação... E lá por quarta ou quinta-feira o médico falou “não, tem que fazer uma... cirurgia de:: revestimento de toda a artéria”, porque tava com risco de romper e aí e é a principal via então é morte iminente. Então, fez todo o revestimento, isso foi na quinta ou sexta-feira... Aí era uma cirurgia muito delicada, menos de 10% de chance de dar certo. DEU certo. Dois dias depois rompeu exatamente abaixo da onde ele tinha feito cirurgia.

**Nossa...**

Então, foi aneurisma dissecante de aorta.

**Uhm. E ele nunca tinha tido nenhum sintoma antes?**

Ele escondeu de todo mundo na verdade. Ele já tinha descobriu em 93 que meu/ele faleceu em dois mil e... doze. Dois mil e doze.

**Dois mil e dois.**

Dois. Dois mil e dois. E... ele descobriu acho que em 93 ou 94 quando o pai dele faleceu do coração. Ele sentiu um negócio foi no médico e ficou sabendo disso. Só que na época, 93, a chance da cirurgia era ridiculamente baixa. Então, ele foi adiando a gente fica mais velho, adiando, adiando, adiando, achou que nunca mais ia precisar fazer, até que percebeu que ia precisar.

**Entendi. Nem sua mãe na época sabia?!**

A minha mãe sabia. Minha mãe acha que sabia pouquinho. Sabia de leve. Quem sabia mesmo eram os médicos dele, que era amigo dele...

**Ah tá!**

E só.

**Ele, ele:: tinha quantos anos?**

Cinquenta e um.

**Bem novo. É::, ele fazia o quê? Qual era a profissão dele?**

Então, ele trabalhou até os... quarenta e... cinco mais ou menos de bancário. Foi subindo no banco e tal e virou gerente. E o banco quebrou, na época, na época de 90, não sei se você lembra que todos os bancos começaram a quebrar no Brasil. E aí quebrou e ele falou “Ah, quer saber não vou mais trabalhar com banco não”. Ele ficou um ano... praticamente/seis meses sem trabalhar e eu inclusive viajei com ele para o Nordeste, foi só nós dois só. Que os outros estavam estudando e tudo. E... e aí ele começou a trabalhar de corretor de seguro.

**Ah tá.**

Ele gosta/ele tinha muito amigo, ele gostava de::

**((interrompe o entrevistado)) Bastante contato.**

Bastante contato e foi trabalhar de corretor.

**E quem que na época que ele faleceu era sua família nuclear? Quem morava na casa com vocês?**

Meus dois irmãos, eu e minha mãe.

**Você tem dois irmãos.**

Dois irmãos mais velhos.

**Os dois mais velhos?**

Aham.

**Quantos anos eles têm?**

Um tem três a mais que eu, trinta e cinco, e o outro seis.

**Eram todos adolescentes então? É né?! Dezesseis, dezenove e vinte e pouco. E como foi para você ter perdido seu pai?**

Ah, pra mim acho que foi piOr do que pra todo mundo. Eu era muito mais próximo dele...

((olhos marejados)) Eu jogava bola e ele ia comigo to:do... final de semana... Que nem eu falei, tipo a gente viajou sozinho, eu e ele pro Nordeste. A gente era mais próximo do que os outros. Porque meu irmão do meio... Ele era aquele rebeldão, que brigava com todo mundo. Na época, na época eu não lembro se ele tava morando com a gente ou se ele foi morar com a minha tia, porque eles não se davam, brigavam muito...

**((interrompe o entrevistado)) Eles, teu pai e ele?**

É. E::: a minha irmã já é mulher e tal né!? A proximidade é aquela proximidade de, de pai e filha. É diferente. Então, eu era mais próximo. Inclusive quando aconteceu quem tava junto era e::u e minha mãe... Né?! Foi a noite assim...

**((interrompe o entrevistado)) Quando ele começou a sentir dor?**

É.

**Antes de ir para o hospital?**

Uhum. (Eu e minha mãe).

**E você acompanhou ele no hospital nessa semana?**

Sim, eu ia lá fazer visita e tal. E aí depois da cirurgia que não me deixaram ver ele, coisa que me marcou assim ((olhos marejados)).

**Marcou você? Por que...**

((interrompe a entrevistadora)) Porque eu queria ver ele e não me deixaram. Daí foi assim. Foi de manhã que era visita falaram que não era pra eu ir e a tarde ele faleceu. Eu fui jogar bola, foram me buscar lá no campo... ((fica emocionado e faz silêncio)).

**Be::m, tudo bem rápido pra você.**

Sim! Foi tudo muito rápido. Foi tudo em menos de uma semana. Foi em uma semana. (Uma atrás da outra).

**E você sente que para você foi mais difícil do que pro teus irmãos?**

Eu acho que foi.

**E:: qual/quais as maiores mudanças assim que você sentiu na sua vida com a morte dele?**

Então, eu não tinha mas aquela, aquele apoio do, das coisas que eu fazia ((olhos marejados)).

Ele me ajudava em tudo. Então, assim... É:: se eu tinha dificuldade de fazer alguma coisa, eu ia esperar ele, ele ia me ajudar e eu ia fazer. E eu não tinha mais isso, eu tinha que me virar... O futebol acho que depois de seis meses, eu treinava meio que no esquema profissional, joguei no Coritiba, depois fui jogar no, no... Bairro Alto e tal. Deu seis meses eu parei. Eu não joguei mais. Acho que/e eu tava entrando também em uma fase que tinha que escolher né?! Entre jogar ou estudar, então, eu parei. Porque perdi esse apoio, então...

**Você sente que...**

((interrompe a entrevistadora)) Sim.

**((continua a frase/interrompe o entrevistado)) O fato dele ter falecido foi decisivo ali na...**

((interrompe a entrevistadora)) Foi! Foi, foi, foi com certeza.

**((continua a frase/interrompe o entrevistado)) De ter parado.**

Então::, é mais ligado a isso. Eu tive que mudar tUdo assim. E eu sempre fui assim “ah, se eu não fizer ele vai me ajudar e eu vou fazer”. E aí depois eu tinha que resolver tudo ((olhos marejados)). Por que minha mãe é mais ou menos assim, ela fala “ah, você que sabe”, “ah, como é que eu faço, isso ou isso?”, “ah não, você que sabe”. Então, eu não tinha mais aquela::, aquela ajuda.

**Uhum. O apoio mesmo.**

É.

**E aí no decorrer da sua adolescência você sente que esse foi o maior impacto assim.**

Com certeza.

**A falta de::, de ter ele ali para te ajudar a decidir as suas coisas.**

É.

**E que outros impactos você sente?**

Ah sentia falta dele né?! A gente era muito próximo e tudo. Eu não tinha mais ninguém ali próximo de mim ((emocionado)). Eu tava sozinho.

**E hoje? Pra você como é?**

Ah, já melhorou bastante né?! Mas antes... Todo dia sentia a falta. Ao meio-dia assim ele, ele entrava em casa para almoçar e tocava o portão, quando eu morava com minha mãe, fazia quatro anos assim. Que ouvia o portão tocar e eu falava “tá chegando” ((emocionado)).

**Você está emocionado né?**

((entrevistado balança a cabeça afirmativamente)).

**Eu imagino. Fique tranquilo. De novo, se quiser parar você avisa tá?!**

((entrevistado balança a cabeça afirmativamente)).

**É:::. Então, você saiu da casa da sua mãe faz pouco tempo?**

Não, faz... Vinte de dois anos... Já faz dez anos já. Porque eu saí para fazer estágio, eu fiz Engenharia Química, eu saí pra fazer estágio no Guarujá::.. Ah não! Primeiro eu saí para fazer intercâmbio. Aqueles de::: férias da escola.

**Uhum.**

Aí volte::i, e daí fiquei uns quatro meses aqui:: e aí fui fazer estágio no Guarujá. E aí fiquei sete meses, e aí voltei, fiquei quatro meses e aí fui pro Rio. E aí morei dois anos no Rio. E aí depois fui morar em Santos e aí quando eu voltei para cá, eu já, eu já arranjava alguma outra coisa. Então, vinte:: vinte um para vinte e dois anos.

**Faz tempo. Mas quando você fala disso de quando tava almoçando na sua mãe há quatro anos atrás...**

Não. Quatro anos do que aconteceu. Então, dos dezesseis aos vinte assim.

**Ah::, entendi. Então, durante esse período ali você ainda...**

((interrompe a entrevistadora)) Demorou assim, uns seis anos mais ou menos pra...

((emocionado))

**Pra ficar mais tranquilo. Foi bem... Tô sentindo que foi bem, bEm marcante né?!**

Uhum.

((breve silêncio))

**É::: Me conta um pouquinho da tua relação com a tua mãe, o que mudou e o que não mudou depois da morte dele.**

Bom, a minha mãe, ela é, ela é aque/ela é aquela ela pessoa que... Que cuidava da gente mesmo assim, em casa. Porque ela é dona de casa. Então, tUdo que precisava em casa ela fazia. Era a que dava bronca, meu pai não dava bronca. Dava bronca no meu irmão só. Ele era rebeldão. Na gente, praticamente não dava. Então::: era assim, tinha aquela, aquela hierarquia assim. Minha mãe... Ela tinha, tinha... Como eu posso dizer?! Ah:: Tinha um pouco de:: não posso falar de imposição. Ela tinha, tinha como se fosse acho que mais esse lado da hierarquia mesmo. Tinha

aquele respeito porque ela era que mandava e ela que fazia as coisas pra gente. Então, nunca foi uma relação tão mais próxima que nem eu e meu pai assim. Agora mudou né?! Completamente. Eu inclusive morando do lado dela sou eu que vou quase todo dia na casa dela e tal. A gente fica batendo papo. Antes a gente nunca conversava.

**E:: quando o seu pai faleceu você sentiu que mudou alguma coisa entre vocês ali ou não? Ou ela continua exercendo esse papel?**

Eu senti porque assim, eu pensei “quem que vai cuidar dela agora?” ((se emociona e começa a chorar)). ((Silêncio)). E eu mesmo sendo o mais novo, eu falei “vou ter que assumir né?!”.

**Você sentiu essa necessidade de... De cuidar dela então?!**

((Balança a cabeça positivamente, ainda bem emocionado e fica por mais alguns segundos em silêncio)).

Aí passou um tempo que ela, ela teve depressão e tal. E daí ela foi/arranjou um companheiro, namorado, ficou uns três anos e voltou e até hoje ela é soz/fica sozinha em casa. Sinto a responsabilidade de ter que cuidar dela ((voz dá uma engasgada)).

**Ainda hoje você sente esse, esse quase como uma missão depois que seu pai faleceu...**

Aham ((bastante emocionado)).

**Também é:: é mobilizador falar disso né?! Da tua relação com ela.**

Uhum.

**E com os seus irmãos?**

Nessa época, meu irmão, acho que a gente... Saía na porrada. Eu e meu irmão.

**Brigava direto.**

Muito. Acho que até::, até os primeiros anos de faculdade assim. Dezenove, dezoito, dezenove, sei lá. Na porrada mesmo. Então/Mas assim quando eu precisava, ele sempre me ajudou. Quem que foi me buscar no dia que meu pai faleceu e tal? Foi meu irmão. Mudou completamente nosso relacionamento hoje. Hoje a gente é bem amigo e tal ((voz emocionada/tremida)).

Nessa é/nessa questão acho que melhorou, porque também um dia tinha que ajudar o outro né!?

Não tinha mais ah, cada um por si.

**E com a tua...**

((interrompe a entrevistadora)) E minha irmã já é muito mais responsável, era/é mais velha, então, é::: até hoje ela é assim. Ela, ela... Da mesma maneira que eu achava que tinha que ajudar todo mundo, ser responsável, ela também acho que pensou da mesma maneira né?! ((voz tremida)). Então, ela sempre quer cuidar de todo mundo, quer saber como são as coisas. Ela é a, vamos dizer assim a centralizadora/HOje ela é a centralizadora assim da::, das coisas da família. Ela que tenta unir e tal.

**Uhum.**

E isso mudou também, porque antes eu praticamente não falava com ela. E também porque era época da adolescência né?! Adolescente também tem essas coisas de... de não conversa muito com o irmão. É mais na infância e depois que fica adulto né!?

**Uhum.**

Então teve essa mudança tanto por causa da, da passar da fase da adolescência tanto também por... Pelo falecimento do meu pai.

**É::: E por/o fato de ter sido na tua adolescência especificamente a morte dele, você sente que... Como que você sente isso, por ter sido na adolescência.**

Acho que a fase que você tem que ter::... Que tem que decidir muita coisa na vida né?! Você tem que tomar um rumo. E eu tinha ficado sozinho ((emocionado)), não tinha mais ele pra discutir isso, pra, pra ver se me guiava. Hoje eu sou Engenheiro Químico. Provavelmente se ele tivesse vivo, eu não seria.

**Uhum.**

É uma decisão que eu tomei assim meio que na, por exclusão. Talvez pudesse ter feito outra coisa. Sei lá. Educação Física, Medicina, não sei. É::: eu acho que eu tomei a decisão correta,



mesmo sozinho. Sou muito feliz com o que eu faço. Mas acho que mudou completamente. Por eu ter tomado a decisão sozinho, saber da responsabilidade de tomar essa decisão. Que antes, se fosse com ele, talvez tomasse a decisão errada. Mas... É::: não fui só eu que tomei, então agora:: mudei de ideia vou fazê outra coisa. Então... Com relação a esse foco na vida foi completamente diferente. Tenho certeza que foi completamente diferente. E como eu falei né?! Talvez eu tivesse tentando ser, seguir jogador. Desisti completamente. Eu falei “ah, não vai dar certo. (Sem ele não dá) certo”. Então mudou completamente. Porque foi bem nessa fase que você tem que ver tudo. Esse negócio de fazer... fazer intercâmbio, eu vi tudo sozinho.

**Uhum.**

Não pedi aju/não pedi nem opinião de ninguém. Eu não precisava pedir opinião de ninguém. Se eu falasse pra mim mãe, ela ia falar “ah, você que sabe”... Então tudo que eu decidia, eu decidia sozinho.

**Teve que desenvolver alguma...**

((interrompe a entrevistadora)) Aham...

**...habilidade de...**

((interrompe a entrevistadora)) É.

**De decisão. Você se sente que antes...**

((interrompe a entrevistadora)) Porque até hoje eu tomo decisão tUdo baseado em diversos critérios assim. Exatamente pra/como eu tenho que tomar sozinho, eu vou, vou fundamentando ela ponto a ponto assim.

**Uhum.**

Então até hoje, qualquer decisão que eu vou tomar, eu levo um bom tempo pra tomar. Qualquer coisa, que eu vou fazer. Tenho que fundamentar item a item. Dizendo porque isso, porque... Porque não, porque sim. Todo mundo me fala, ah você demora muito pra decidir. Demoro mesmo.

**Demora... E você sente que foi como você conseguiu...**

((interrompe a entrevistadora)) Eu acho que sim.

**...fazer lá na adolescência.**

Eu acho que sim. É. Eu acho que sim. Porque antes eu não tomava decisão. Então, não posso dizer que foi exa/somente por causa disso. Mas eu acho que sim.

**Aham:: Foi um fator ali importante. É:: e você sente que de alguma forma você é:: ama/amadu/teve que amadurecer mais rápido ou não?! Como que, como você sente isso.**

Ah, porque no início assim. Minha mãe é dona de casa, meu pai faleceu, só ele trabalhava. Aí falei. E agora, quem que vai trabalhar? ((olhos marejados, breve silêncio)). Aí tinha seguro de vida, por, por sorte ela não precisou trabalhar e a gente também não. Mas em um momento eu pensei e agora? Será que vou ter que assumir o que ele fazia? ((voz emocionada/tremida)). A gente conseguiu vender a carteira dele lá, seguro de vida e conseguiu se virar na vida assim. Mas eu pensei. E agora? Vou ter/será que vou ter que largar tudo e com dezesseis anos começar a trabalhar e::... cuidar de todo mundo ((se emociona e chora)). Como é que vai ser? Eu acho que isso. Eu amadureci um pouco, mas não sei também talvez... Por, por/no início, por essa fase eu achar que tinha que fazer isso, eu tenha amadurecido, mas aí depois também talvez eu falei “ah, agora não precisa mais”. Então daí eu parei né. Quer dizer, na faculdade eu num/ questão de amadurecimento eu acho que, não se se muita gente tem mesmo né?! ((dá risada))

**É. ((risada)).**

Eu não tive noção nenhuma. Eu só fui evoluir alguma coisa em questão de amadurecimento depois que comecei a trabalhar né?! Porque não tava nem aí pra vida. Estudava, se dedicava bastante, mas ter que cuidar da vida, (eu não tava me preocupando com esse tipo de coisa). Mas no início, bem no início do falecimento dele eu falei e agora eu vou ter que cuidar de tudo.

**Uhum.**

Isso que eu pensava. Acho que teve ali um crescimento rápido, depois... Estagnou. Depois eu vi que eu não precisava. Depois de uns dois anos...

**((interrompe o entrevistado)) Aí ficou mais tranquilo.**

Fiquei tranquilo, não precisaria mais.

**Você falou rapidamente, mas você acabo/vocês conseguiram se virar com o que ele...**

((interrompe a entrevistadora)) Então, é, tinha carteira de açõ/de seguros que tinha muita gente né?! Então, tem gente que compra. O cara fala assim “você::: não fala pra ninguém/fala que vocês tão cuidando da carteira e eu vou, eu vou cuidar pra vocês né?! Então, eu compro essa carteira de vocês”, e toda a corretagem é o cara que vai receber. Isso, mais o que tinha de dinheiro e tal a gente conseguiu sobreviver. Até porque foi uma época muito boa de juros assim, se for ver naquela época lá vivia só de juros né!? Basicamente. Então, não tivemos esse problema.

**Vocês conseguiram...**

((interrompe a entrevistadora)). Por sorte, se fosse numa época que nem hoje não sei, talvez não.

**Talvez teria sido diferente.**

É.

**Sua irmã e seu irmão trabalhavam na época?**

Não. Minha irmã fazia Medicina e pagava a faculdade, e o eu irmão é piloto de avião, tinha que pagar curso também. Aí também na época eu falei, eu não vou fazer de maneira nenhuma nada, nada particular, vou ter que estudar pra passar. Não vou torrar mais dinheiro do que já estão torrando. Né?! Estudei muito, estudava no CEFET já, estudei muito, muito pra passar na Federal.

**Entendi. E você lembra como foi assim, você falou um pouco dessa semana aí do falecimento dele, e do dia do velório, do mês seguinte você consegue me relatar do que você lembra desse dia/desses dias.**

Então, foi... Antes do falecimento, tava no hospital, tava todo mundo tranquilo. Passou uns dois três dias, ele falou “ah, não é nada, pai só vai fazer uns exames aqui”. A gente tava tranquilo. E aí na cirurgia que falaram que era grande chance de falecer na cirurgia, e aí que a gente ficou chocado e tal. Mas aí isso foi na madrugada que ficou todo mundo no hospital acordado e tal. E quando acabou o (inaudível) falou “não, tá tudo bem, foi sucesso”. Beleza, todo mundo pensou né?! Então, tá tranquilo. Tanto é que... Que eu queria visitar ele de manhã, e não deixaram, eu fui jogar bola a tarde. Eu não tava preocupado. E aí foram me buscar lá no campo dizendo “ó, o pai faleceu” ((se emociona e faz silêncio)).

**Seu irmão que foi?**

((Balança a cabeça positivamente)).

**E como foi receber essa notícia?**

((Fala bem emocionado)) Ah, foi doido.

**Eu imagino. Posso imaginar.**

((silêncio))

Meu irmão nunca tinha ido me ver jogar bola. E aí eu vi ele lá fiquei muito feliz ((chorando)). Eu achei que era uma coisa boa né?! E aí que ele falou. E aí foi... A gente foi pro hospital e tava lá né?! Depois foi o velório, fiquei uns dois dias sem dormir. ((silêncio))

**Você não dormiu em nenhum momento assim, passou...**

((interrompe a entrevistadora)). Direto. Sabia que tava (incompreensível). E... Eu lembro que a gente chegou em casa e minha falou “e agora, o que que a gente vai fazer?” ((voz emocionada/tremida)).

**Depois do velório isso?**

((Silêncio, ele estava bem emocionado)). Comecei a pensar. Como é que a gente vai viver agora? ((silêncio)) Então, aí:: eu lembro que no dia seguinte, eu estudava no CEFET já, ligaram lá em casa, porque eu tinha, tinha um campeonato de futsal do CEFET, eu jogava lá, as vezes pra eles, e aí ligaram lá em casa falaram que eu não podia ir porque meu pai tinha falecido. E tava em greve na época o CEFET, tava em greve. Então, vamos dizer assim, passou uns dois meses ((voz estremecida)), não falei com ninguém de lá, não falei com meus amigos, não falei com ninguém. Aí::, vamos dizer assim, passou, uns dois meses, o período pior né?! Que você sente fal/muita falta. Aí eu fui pra aula, e todo mundo falava, voltou tudo de novo ((se emociona e faz uns segundos de silêncio)). Claro, querendo me dá apoio e tudo, mas comecei a lembrar tudo de novo ((chora)). E é um momento assim, que você num... num entende. Parece que é mentira. Então, daqui/eu falei que ouvia o barulho no portão, tá entrando. Vai chegar a noite, é mentira ((emocionado, faz mais uns segundos de silêncio)).

### **Demora para cair a ficha.**

((permanece mais um tempo em silêncio))

E isso foi/e aí no fim de semana seguinte eu comecei a ver que estava completamente:: fora de mim. Na semana seguinte fui jogar bola, num campeonato, no primeiro tempo fui expulso.

### **Fez alguma coisa...**

((interrompe a entrevistadora)) Ah, fiz umas faltas meio forte nos caras, tava completamente perdido. Aí:: mas continuei jogando assim. A única coisa que eu tinha assim para me distrair. Nem aula eu tinha. Não podia ir pra aula. Ficava em casa só pensando nisso. Aí eu ia jogar bola. Aí, mas foi, foi um período, meio esse início, um período meio difícil assim. Nos dias seguintes assim.

**Você lembra o que que você mais sentia? Você falou sobre ter sido expulso, me pareceu que você sentiu uma raiva...**

((interrompe a entrevistadora)). Não, não era raiva. Era meio porque eu tava meio perdido assim. Tava meio perdido.

**Entendi.**

Não era nem porque eu bati no cara, era porque eu tava perdido. Fazia, fazia besteira.

**Entendi.**

E::: E eu rezava muito assim, falava “ah, pra que ele fosse bem recebido e tal”. Eu rezava muito.

**Uhum. Você é religioso?**

Sim.

**A família é?**

Aham, toda a família.

((silêncio)).

**E o que que você sente que mais te ajudou nesse período, depois de perder ele?**

Que/quem mais ajudou?

**O que ou quem. Pode ser quem também.**

Eu acho que depois disso a gente se uniu muito né?! A família. Como eu falei a gente brigava muito e tal e eu e meus irmãos a gente se uniu muito, ficou muito próximo, até pra/fiquei até mais próximo da minha mãe, como falei. Mais a união da família mesmo né?! É... Os amigos, como eu falei, na época eu nem, nem queria tocar no assunto. Então, eu não tive apoio no início né? Eu não queria nem saber.

**Uhum.**

Uma dificuldade que até hoje eu tenho. Quando falece alguém ou familiar de alguém eu não me meto. Eu não vou nem:::, nem fala nada assim. Porque é o que eu queria que fizessem comigo. Eu queria que ninguém falasse.

**Entendi.**

Então o que ajudou mais foi isso né?! A família a proximidade, a gente se aproximou.

**Uhum.**

Mais isso que eu me lembre assim.

**É::: e vocês conversavam sobre seu pai na época?**

Não. O que a gente/o que a gente conversava mais, tinha um grupo que a gente jogava bolão, não sei se você conhece. Tipo um boliche assim. E aí jogava meu pai, minha mãe e eu. Só nos três. E aí depois eu e minha mãe a gente ia. Toda segunda-feira. A gente ia lá, e aí Eles tocavam no assunto e a gente conversava. Mais lá assim. Em casa a gente não conversava. E também na família. Tinha:: os irmãos dele, são em onze irmãos.

**Bastantino, família grande.**

Eles sempre falavam que ele era o mais querido. Que era o que mais ajudava a fazer festa ((voz estremecida)). Então, nesses momentos que a gente conversava sobre eles, entre a gente não.

**E hoje vocês conversam?**

Ah, hoje sim.

**Hoje é mais tranquilo?**

Uhum, é. Minha irmã geralmente conversa.

**É um assunto que você tá acostumado a falar ou não?!**

Sim. Hoje em dia eu tô. Tô mais acostumado né?! Depois desse tempo que eu falei de uns... seis anos que ficou mais natural assim.

**Hoje se te perguntam não é tão ruim quanto era quando te perguntavam lá atrás?!**

Não, na época eu não conseguia nem falar. Se perguntassem...

**((interrompe o entrevistado)) Você não respondia?**

Não, eu não conseguia, eu ficava chorando. ((silêncio)) E aí, vai, vai sedimentando né!? Vai entendendo melhor as coisas. Vai amadurecendo... Vai facilitando pra entender. Também, acho que também, quanto mais tempo você fica longe né, não é um esquecimento mas, menos falta você sente né?!

**Acostuma?!**

Vai ficando mais fácil, é.

**E em datas comemorativas, como é pra você? Dias dos pais é domingo agora. Como é?**

Ah, a gente vai na minha mãe, comemora lá, mas assim, pra mim não tem diferença nenhuma.

**((interrompe o entrevistado)) Hoje em dia?**

((ele continua a outra resposta)) Dia dos pais, aniversário dele.

**Hoje em dia?**

É. Não trato mais como ah... A minha irmã que trata mais assim né? Mas eu não.

**E no começo, como era?**

((silêncio))

Ah, no começo...

**((interrompe o entrevistado)) Você lembra?**

No começo eu tentava também num... Não:::, assim, não ver que era um dia. O dia dos pais era pior. Porque o dia do aniversário dele, é um dia depois do da minha irmã. Então... A gente meio que, ELa meio que se importava mais, (equilibrava) mais e a gente não. O dia dos pais no início era mais, era mais doído assim.

**Era mais difícil.**

E::: até esse negócio, eu acho até que ele sabia já que ia acontecer alguma coisa porque, porque eu me lembro bem foi início de::... de outubro. Três, dois de outubro, não lembro. E ele me deu o, presente do dia das crianças antecipado. Só deu pra mim. Que era a camisa de um time dos Estados Unidos. Tenho até hoje. Ele... Devia, devia tá sabendo já. Que alguma coisa podia acontecer.

**Uhum.**

((silêncio))

**E como está sendo falar dele, aqui pra mim, agora?**



Ah, pra falar, pra mim, acho normal. O que, o que eu fico emocionado é mais de lembrar das coisas que eu passei. Pra falar assim, vamos dizer, do que eu sinto hoje, é, num traz tristeza. É mais assim saudade, mas a tristeza que dói eu não tenho. É mais lembrar desses momentos que doeram muito no passado.

**Você já fez, já chegou a fazer terapia na vida?**

Não.

**Nunca?**

Nunca fiz, de nenhum tipo.

((silêncio))

**É::: E o que mais você pode me contar dessa experiencia que a gente não falou, que a gente não passou, que você lembra que você acha que é importante, que te marcou.**

((silêncio))

Ah, não sei o que mais que dá pra acrescentar. Eu não sei se tem mais alguma coisa. Se você quiser fazer mais alguma pergunta, eu vou falando aí ((risada leve)).

**É mais fácil responder ((risada))?**

Mais fácil ((risada)).

**É:: Eu acho que de alguma forma a gente falou sobre, várias, várias, questões assim né?!**

**O que fica mais marcante para mim na sua fala é essa questão da/de ter sido muito repentino, é::: essa responsabilidade grande que você sentiu no que ele faleceu.**

Uhum.

**De ter se sentido um tanto perdido sobre o que você ia fazer e enfim.**

Uhum.

**Do seu relacionamento com a tua mãe também. E a falta que ele fazia pra você, nos momentos de tomar suas decisões. É mais ou menos isso?**

Uhum. É isso mesmo. Os pontos principais.

**São as coisas que mais te marcam assim?!**

Isso.

**Acho que é isso. Se você olhar pra trás, lá no decorrer da tua história, dos dezesseis até hoje, aos trinta e dois, o que você vê de você a partir dessa morte?**

Ah, acho que eu, como eu já fa/eu acho que.... Com ele vivo ou morto, eu posso dizer que eu ia evolui de qualquer maneira, ia me desenvolver. Mas acho que foi, um desenvolvimento mais rápido. Esse negócio de tomar decisão, de amadurecimento, tirando essa parte da faculdade, e o amadurecimento depois né?! É, mas mesmo assim, eu sinto falta. De dividir algumas questões assim. De falar opiniões né?! Hoje eu tenho com a minha esposa né?! Só que as vezes, você quer ter uma outra opinião. E eu não tenho. Mas minha vida:... com ele aqui, eu acho que seria completamente diferente. Como eu falei, eu tenho certeza que eu não taria fazendo o que eu tô fazendo, eu taria fazendo outra coisa que eu nem imagino ((voz estremecida)), seria completamente diferente.

**Seria uma vida completamente diferente.**

Eu acho.

((silêncio))

**Eu acho que é isso, não sei se você tem mais alguma coisa para acrescentar, pra falar.**

Eu acho que não. Pra acrescentar eu acho que não. Eu até que consegui falar bastante coisa. As perguntas são boas ((risos)).

**((risos)) Que bom. Você sente que você conseguiu falar mais do que você esperava?**

Aham.

**Que bom. Que bom, fico feliz de você ter conseguido. E também te agradeço assim imensamente por você ter se disponibilizado vir aqui e falar com uma pessoa que você nunca viu na vida, sobre um assunto tão delicado né?! E a se abrir nesse nível de, de tocar mesmo nesse sofrimento e nessas dores aí que a gente sabe que, que a gente sabe que faz**

**parte mesmo desse processo de perder alguém tão importante (incompreensível). Então, eu fico muito agradecida mesmo, muito obrigada por ter vindo.**

Eu acho que isso aqui é um...Pra mim é um, questão de Psicologia, é um, é um início assim. Que que tô querendo fazer algumas, algumas sessões pra outras coisas, então eu vim meio que para ver como era.

**Pra quer qual é?!**

((risos))

**Entendi. Legal.**

E aí eu prometi pra minha esposa já que eu vou começar.

**Que bom, que bom que aqui foi também teve um outro, um outro objetivo pra você além de poder falar um pouco sobre isso. Assim como está escrito ali no, no TCLE se fosse sentir que ficou mobilizado, mais, e quiser conversar mais sobre isso, para além da pesquisa, daí não vai entrar na pesquisa, você pode entrar em contato comigo, você tem meu contato, e aí a gente marca outra conversa.**

Tá bom.

**Tá Bom?**

Tá bom então.

## ENTREVISTA II: CARMINDA

**Bom, eu vou perguntando uns dados e você vai me respondendo e vai falando conforme você..**

O que for..

**É. Você perdeu o seu pai né?**

Isso.

**Você tinha quantos anos?**

14.

**E você tá agora com?**

27.

**São 13 anos então.**

Uhum.

**Me conta um pouquinho como que foi para você/ Como é para você ter perdido seu pai?**

Uhhh, que pergunta grande né? Tá, é::: Na época eu já tinha/eu tenho embasamento espiritual assim. Então, somos uma família espiritualizada. Então a gente sempre acreditou que a vida não acaba aqui. O que sempre facilita a dor de perder alguém né? E aí na época... Foi muito difícil, foi muito chocante:: eu lembro de uma cena das pessoas indo lá em casa contar né? E daí foi o pessoal dum grupo que a gente participa de Filosofia. Porque minha mãe já tava no caminho do hospital ou::: acho que era hospital. E daí esse grupo foi lá em casa e eu lembro da minha tia olhando para mim e pro meu irmão né!? Tava um de cada lado assim e a galera em uma roda. Foi bem:: Essa parte foi bem emocionante né, porque.. A gente achou que tinha acontecido alguma coisa porque quando acorda você no meio da noite para falar “precisamos falar com você”, você já pensa “tá, um acidente”. Alguma/eu tinha pensava que alguém tinha batido algum carro, alguma coisa. Daí a tia falou “Ah, seu pai sofreu...”. Ela não explicou o que

na hora. “Aconteceu uma situação e seu pai não..”. Ai não lembro as palavras né? “Seu pai tava indo para o hospital e não sobreviveu”. E na hora não caiu a ficha. Eu chorei porque meu irmão chorou. Mas eu não entendi muito bem que tava acontecendo. E aí... Ah, daí sim. Daí veio o processo do velório e aí sim que eu entendi né!? Que acabou, não estava mais aqui. É::... Daí toda a galera da minha escola foi no velório e no velório tinha muita gente e foi bem difícil assim, a parte do enterro e tudo. Essa parte de dar tchau realmente ao corpo físico é uma coisa que acho que ninguém sabe lidar né, porque a gente não é preparado pra isso. Eu lembro de... De ir andando de mão dada com a minha mãe com meu irmão enquanto a gente ia nesse momento e tal... ((silêncio)) Bom aí voltar para casa depois desse, desse primeiro choque assim... Era uma casa diferente, porque não tinha mais pai junto né? E esses amigos dessa:: da (nome do grupo de filosofia) até.. durante a semana toda assim, 7 dias porque tem uma filosofia dos 7 dias, eles iam lá em casa e levavam comida e ajudavam movimentar a energia da casa para não ficar só nós três num luto sofrendo os três juntos né? Porque os três estavam doloridos ali. Daí alguém contava umas histórias legais dele e aí todo mundo se emocionava de uma maneira boa assim, do tipo “Nossa ele fazia isso mesmo, que legal.” Então, teve esse processo que foi uma... Sei lá, eu diria que essa semana com as pessoas ajudou muito no processo pra não ficar só em sofrimento sabe? Porque daí tinha/tinha um lado bom, eles são pessoas muito evoluídas assim espiritualmente né? Essa galera que foi lá. E daí eles conversavam de uma forma leve, pra gente não sofrer tanto. Eu lembro que minha mãe conversava muito comigo e meu irmão era mais/dessa parte ele se fechou assim. Ele não falava mais sobre isso e tal. Aí eu e minha mãe sempre conversava. Em festa de 15 anos foi bem difícil, porque eu sempre via as meninas dançando com o pai e daí isso sempre foi tipo, dorzinha. Sempre que eu ia numa festa de 15 anos na época, eu ficava meio sofrendinho, não deixava ninguém ver em volta, ficava tipo, emocionada, mas ok. Ah, daí alguns momentos bem específicos da vida, tipo formatura. Foi bem difícil porque eu queria que ele tivesse lá. Porque ele sempre focou em a gente, é::

estudar e se formar na federal e tá. Então pra mim a formatura foi difícil.. Imagino que dia que eu casar também, porque daí tem processo do pai levar a noiva e nã-nã-nã. E eu imaginava isso.. Daí quando eu vou casamento também dá uma emoçãozinha quando vê o pai da noiva e tal. E:: Que mais? ((silêncio)). Ah, daí momentos família assim. Quando a gente tá todo mundo em família, a gente lembra dele. Não tem como.. É uma memória que tá sEMpre Viva assim, não é uma coisa que você esquece né?

**Uhum..**

Quando a gente faz churrasco lá em casa e aí... A gente/é só nós três e namorada do meu irmão. E aí a gente sempre lembra que o pai fazia churrasco. “Ah, porque ele fazia isso.. tinha um cachorro...” e a gente lembra de cenas que a gente viveu juntos. Mas agora é bem mais leve assim, não é um sofrimento. Agora é:: saudades mesmo assim.. Do que a gente poderia estar vivendo. Mas não, né? Não dá mais. Acho que é essa ideia geral.

**Uhum. Uma boa resumida.**

É. Ah, eu não lembro de todos os detalhes, de tudo.

**Uhum. Ele faleceu do que ele?**

Ele sofreu um assalto saindo dum/duma aula. Aí o/a pessoa, o bandido pediu a chave do carro, ele saiu correndo e o cara saiu correndo e atirou nele, numa, numa outra rua assim. Daí falaram que ele morreu a caminho do hospital porque daí todo mundo acionou/essa galera que tava nesse curso acionou uma ambulância e daí ele foi pro hospital, mas no caminho já faleceu. E daí a gente soube depois né? Tipo, nesse meio tempo buscaram a minha mãe e aí que foram atrás da gente também pra ver.

**Isso era de noite?**

UhUm. De noite, no meio da noite assim. Onze, meia-noite, uma da manhã.

**Foi super repetindo então.**

Uhum. Ele era um cara super saudÁvel tudo nunca nem passava na cabeça assim?

**E quantos anos ele tinha?**

48.

**Bem novo também.**

AhAM. É, foi bem... do nada.

**E olhando pra tua trajetória, o que você vê a partir dessa morte? O que você vê na tua vida a partir dessa morte?**

Ah, eu acho que a gente cresce muito antes da hora. Tipo a gente vira... Eu e meu irmão né, principalmente, amadurecemos demais numa fase que as pess/os adolescentes ainda tavam fazendo várias outras coisas. Então, porque a gente teve que lidar com isso, e::: É, eu não sei dizer em que maneira que amadurece, mas é dentro assim né. É uma coisa diferente de ter que lidar e saber que suas amigas têm família e você não, é diferente assim. A comparação né? Porque ia na casa da amiga e todo mundo tinha família. Aí já aconteceu numas épocas quando era mais nova de ir na casa de alguma amiga e aí tá a família toda, e eu chorar porque eu vi a família junto assim, tipo... ((silêncio)) Aí::... Que mais? Acho que cresce muito e aproximou muito eu e minha mãe - e meu irmão menos - mas eu e minha mãe, nossa, a gente grudou assim. O que a gente não era amiga antes, depois que o pai foi embora a gente ficou muito amiga. ((se emociona))

**Te emociona falar disso.**

UHUM::

**Alguma coisa especificamente que você falou ou é do assunto em geral?**

Não sei dizer. Acho que eu tô na TPM também, o que deixa tudo mais emotivo né?

**Mais sensível...**

Ahh. Acho que a sensação assim de reviver tudo isso tão especificamente.

**Uhum. Se tiver algum momento que você quiser parar, não quiser continuar, não se sinta constrangida em momento algum. Não tem problema.**

Tá. Não tem problema, é só... Emoção. E emoção tá aí né, não tem jeito. ((risada leve))

**Não é qualquer coisa né? A gente não tá falando de qualquer assunto. A gente tá falando de um assunto bem.. que é bem importante né? Que coloca de alguma forma uma...**

Ah sim. Muda tudo né? ((silêncio)). É:: Aí você perguntou o que? Mudanças né?

**É. O que você vê de você assim, nessa trajetória. ((silêncio)). Bom e você tava falando da sua mãe também e que vocês..**

Da amizade. Que ficamos muito amigas. Verdade.

**Você acha que a partir disso vocês se aproximaram bastante.**

UhuM:: Por que a gente era normal assim. Mãe e filha. Mas depois disso a gente conversava muito sobre isso quando uma tava com saudades quando a outra tava. Aí minha mãe às vezes encontravam os livros com mensagem dele, tipo, sabe do passado assim? Aí ela me mostrava, a gente ficava chorando junto e se emocionava junto assim. Então, ter ela nessa fase foi importante para dividir essa dor toda. Porque com o meu irmão a gente não conversava. Sobre isso específico assim né? Até hoje em dia ele... Eu e minha mãe, a gente acredita em uns sinais do universo assim, tipo, “ah, o pai falou...”, falou não, mas tipo, “aí que caminho que eu vou?”, aí aparecem coisinhas que eu penso, e minha mãe também né, que são sinais dele. E aí meu irmão não é tão assim. Mas:::.... ((silêncio)). Acho que a mudança maior é um crescimento repentino assim, de ter que lidar com aquilo sem tar preparado para lidar com aquilo.

**Uhum. Foi sua primeira grande perda ou você já tinha perdido avós ou...**

Ah não. Foi a primeira. Eu perdi uma bisavó antes, mas não era próxima. E daí:::.... É acho que foi isso. De perda mesmo.

**E aí você sente então esse super impacto dum crescimento forçado e também de olhar para outras famílias e ver que aquilo não era mais possível na tua casa. É isso?**

UHUM. Exatamente. É isso sim.



**Você falou que foi muito importante que sua família é espiritualizada. Você consegue me contar um pouquinho disso, da onde é isso?**

Sim. É::: Da onde começou? Ah, meus avós eram católicos. E dos pais também né? Os dois, os dois lados da família. Mas o meu pai e minha mãe nunca foram católicos. A gente não ia na igreja. Ia com a vó porque a vó levava de pequeno assim. Mas eles sempre foram espiritualizados em acreditar no universo e Jesus também e acreditar que a vida não acaba aqui, que é uma passagem. Tipo a gente tá aqui pra cumprir funções específicas, tipo evoluir né? E daí uma hora quando chega no ponto que era... ahm.. aí, o onde, aonde chegar. O ponto específico assim, é hora de ir embora. Por isso que as pessoas vão embora em momentos diferentes da vida.

**Uhum.**

E daí esse curso de Filosofia que eu faço também nos leva acreditar que não é só isso, né? Eles não ensinam isso né, é só uma reflexão sobre a vida. E aí:: a gente cresceu/eu cresci nesse lugar de filosofia que se chama (nome do grupo) desde os 11 anos. Então desde os 11 anos a gente já era muito espiritualizado. A gente fazia meditação, acreditava nessa conexão energética das coisas, em sinais do universo pra/mesmo pra pedir alguma coisa, tipo “ah, preciso saber que caminho seguir, me manda um sinal”. Mesmo antes do pai falecer assim. Aconteciam coisas e a gente tinha essa... sintonia. E aí quando/e daí falam né, que a gente é testado na nossa fé. Então quando isso aconteceu de fato, eu lembrava muito dessa frase, tipo, é muito fácil acreditar quando não é com você. É muito fácil acreditar em vida após a morte, em sinais, em... aí que né, que não acaba ali. Porque você vê um corpo ali e você fala “nossa, como assim não acabou?”. Porque é difícil né? Então acho que nessa hora eu pensava nisso, o quanto que eu acredito pra/o quanto que eu acredito realmente nisso tudo. E aí foi/sei lá, foi fácil acreditar e até hoje eu acredito que não acaba ali porque não pode ser só isso. Então, a gente sempre conversou sobre isso em família e aí a mãe também sempre falava que ele tava em outra

dimensão cuidando da gente e tal. E é reconfortante né? Achar, ou imaginar ou saber que a pessoa foi embora deste plano físico, mas tá em outra dimensão, outros planos espirituais. Então, não é bem uma religião né, a gente não segue nenhuma religião específica. A gente tem um pedaço no espiritismo por acreditar nesse plano espiritual, e aí tem no cristianismo por acreditar em Cristo, mas não vai em nenhuma igreja, não faz tipo, rituais e tal e coisas assim. Até fiz quando era criança bat/batizado e primeira comunhão, mas mais por vós do que pelos pais. Por eles tanto faz. Acho que isso.

**E aí eles foram, esse grupo ao qual vocês frequentam foram bem importantes ali na primeira semana em especial, mas de alguma forma na...**

((interrompe a entrevistadora)) Na vida/Ah, acho que na minha trajetória toda como pessoa o que eu cresci na (nome do grupo) de conhecimentos de mundo assim, né, tudo isso já era importante. E aí quando aconteceu isso, saber que eles estavam ali pra gente, que realmente eram nossos amigos, de ajudar:: e ir lá:: Era muito fofo assim. Tipo tem uma mulher que cozinha super bem e aí todo dia ela levava comidinhas do almoço. E aí na janta ficava com pessoal conversando, levava/E aí eles rodavam entre eles, tipo, no final do dia ia um depois ia outro e tal.

**O dia inteiro tinha gente na casa de vocês.**

O dia inteiro. Eu ia para escola/Eu fui pra a escola já nos primeiros dias assim. E daí eu lembro que um amigo meu falou um tempo depois “nossa, como é que você conseguiu ir para a aula?” aí eu falei “sei lá, tinha que viver”. Tipo, não podia ficar em cAsa né? E nem, acho que nem quis. Acho que a minha mãe até perguntou se eu queria. E eu acho que eu queria fingir que tava tudo bem, tipo, “não tô vivendo, tá tudo bem”. Claro que ao passar dos dias, a ficha ia caindo né? Daí dava uma sofrida, uma choradinha. Mas tem que fazer alguma coisa porque ficar:: só sofrendo pensando naquilo você não sai, você não aciona nada.

**Então foi importante para você nessa semana continuar fazendo tuas coisas..**

Isso.

**Mesmo tendo essa situação muito recente.**

Isso. Eu lembro que a mãe também criou uma estratégia que se chamava fase 1/fase 2. E daí como se “ah não, a fase 1 acaba aqui e a gente vai criar a nossa nova fase 2”. Então ela fez de alguma forma que a gente acreditasse ou entendesse que não era que perdeu tudo aquilo. Não. Agora é um novo processo. Então, ela conseguiu fazer com que não ficasse tão, tão difícil né? Tipo, “ai, nunca mais vai ser igual” ((faz a voz como se estivesse se lamentando)). Não, não é pra ser igual, porque agora é novo, é outra coisa, outra história. Então, ela conseguiu criar isso na gente assim. Tanto que até as fotos ela separava fase 1/fase 2, sabe? Então foi uma boa estratégia eu acho da mãe.

**E fase 1 seria essa fase anterior a..**

Com pai. E fase 2 sem pai. Ela criou isso e até hoje a gente fala “ah, porque na fase 1..”, a gente usa esse..

**Esse termo. Virou uma...**

É, uma referência de momentos de vida. Mas acho que foi bom.

**Interessante.**

Aham. Porque tadinha ela também não sabia como lidar com os filhos adolescentes. Ela morria de medo que a gente fosse ou pra droga ou X. Né, mil fugas assim. Mas todos nos surpreendreu/surpreendemos com o jeito que lidamos. A gente só sabe quando a gente vive. Você sempre só imagina, como lidar.

**E a fase 1 é muito diferente da fase 2?**

Ah, é bem diferente. Até porque a fase da vida era muito diferente. Ser adolescente com pai e daí sem pai, e agora autônoma e indepen/praticamente independente é, outros quinhentos assim. Na fase 1 era parte de educação, então tinha toda coisa de obedecer pais, era outra, outro momento né? Mas ele/o pai era de escrever cartinhas. E daí eu encontrei uma cartinha um tempo

depois falava assim.. Essa eu me emociono porque é bem bonitinha. “Ah, tomara que..” Parecia que ele tava se despedindo assim, é muito louco. Ele falava algo do tipo “Ai filha, eu espero que realmente eu tenha te passado os valores de respeito...” Aí não lembro tudo assim. “Respeito, paciência, prudência...”. Tinha alguns valores assim que a gente trabalha né? Tipo todo mundo. “Que você cresça uma menina forte e responsável, que você consiga trilhar seu caminho”. Nossa foi, é uma carta que eu guardo até hoje porque..

### **Bem linda.**

Aham, foi lindo assim. Tanto que quando eu li depois, fez mais sentido e mais razão do que quando ele me deu. Que era só uma fase adolescente rebelde do tipo “Por favor, filha, sossegue. Ta aqui uma cartinha para ver se você aprendeu que eu te ensinei”. E aí depois foi, foi lindo assim, receber. E aconteceu muitas coisas assim lá em casa foi bem... A gente nem acredita que essas coisas acontecem. Mas a mãe também encontrou um livro, uma carta falando sobre despedida.

### **Uma carta dele também?**

Ahum. Não, era no livro mesmo, sabe? Aí tinha o livro que era sobre laços e nós e daí falava algo do tipo “os laços e os nós que existem entre a gente são invisíveis mas são muito fortes”, tipo umas coisas assim. Muito louca, mas muito linda. E a gente acredita que seja um jeito dele e onde quer que esteja mandar um tipo “pessoal, tá tudo bem”. Não é porque a gente acha que...

### **Esses são os pequenos sinais que você falou lá no começo.**

Isso. Isso. E é muito bom receber isso. Por quê na fase que você tá/ah, ou quando você tá num dia triste assim, você tá com saudades... E aí para mim eu tenho referência da borboleta branca por causa de... muitas vezes que a gente falava dele, passava a borboleta branca lá em casa. E aí eu com minha mãe, a gente começou, tipo, “será?”, “ah não, nada a ver e tal”. E daí eu viajei pra... França. E algum momento na França fazendo intercâmbio e tal, também momentos de triste e saudades, passava borboleta/a mesma borboleta branca em outro país, e aí eu “AHMM

((espanto)), que isso?”. E aí também viajei pra Buenos Aires, fazer um outro curso também em momentos de lembrar dele, passava a borboleta sabe? E aí pra mim e para minha mãe é referência. A gente/Ou tá fazendo um churrasco domingo e aí passa a borboleta. “Ah, a borboleta...”. Então né, independente do que se acredita pra gente aquele é um sinal. Tipo “pessoal tá tudo bem”, passa a borboleta assim. Então, essas pequenas coisinhas que acontecem que a gente vê como um sinal são sempre maravilhosas.

**E qual é o sentido delas, desses sinais para você?**

Acho que... uma mensagem de que tá tudo bem. Era pra ser assim mesmo, o caminho é esse. Tipo, “tô feliz com vocês aí, tô vivendo o que eu tenho que ver aqui”, sei lá onde é e o que é. Mas é como se fosse um tipo, “é, tá tudo bem. Estou bem aqui e vocês também”. Um ok assim, algo assim.

**No começo também você falou que você sente bastante essa falta em momentos específicos assim, né, então você falou das festas de 15 anos das suas amigas. Você chegou a fazer festa de 15?**

Hum-Hum. Até porque não era/nunca quis fazer. Meus pais não tinham essa filosofia de achar que festa/não tinha isso assim, nem viajar. No máximo fazer uma festinha pra amigas sabe? E eu lembro que eu fiz um aniversário numa pizzaria assim. Algo bem pequenininho.

**E foi seu primeiro aniversário pós-morte dele.**

Uhum::.

**E como foi, você se lembra?**

Nossa, não tenho essa marca assim, de lembrar do aniversário sem ele. Acho que porque tinha bastante amigo e tudo. Não lembro/talvez/Ah, tem sempre um parabéns da família né? Que a gente sempre canta parabéns no prim/no primeiro horário, no café da manhã assim. Independente de onde, quem, quando a gente tem que fazer isso aí. Daí sim. Acho que esse momento foi mais triste, mas eu não lembro da dor ou... Mas eu imagino que estar ali sem ver

o pai, a mãe e o irmão cantando, ver só a mãe e o irmão já foi outra estrutura. Não lembro do momento.

**E outros momentos, você citou a formatura também, eu lembro que você fez com a I. inclusive o...**

A homenagem.

**Isso. E como foi?**

Ah, foi bem legal fazer isso. Tanto que morri, morro de vergonha de falar em público. Morria mais ainda na época, hoje em dia lido. Mas eu pensei, “ah, vai ser tão:: pra mim é tão:: é uma homenagem tão especial, que eu vou tentar”. Daí eu lembro que eu me emocionei:: e foi super legal fazer com a I. o processo de escrever o texto e pensar neles e óbvio a gente ficou, tipo, saudosa assim. Mas foi/ é legal conseguir se conectar com isso de uma forma saudável. Não pode apagar da vida. Tipo “ai não.. não quero sofrer. Sai”. Não. Pode chorar, pode se emocionar, pode fazer uma homenagem e ficar tipo “nossa, que lindo”. Por que faz parte né? Então, o que eu sinto daquele dia foi uma coisa muito boa assim. Por mais que eu tenha tido a formatura sem ele, de alguma forma eu sentia que tava tudo bem. Que ele tava ali né? Não sei onde estava, mas.. Como se fizesse parte mesmo. Mas faltaria pra mim/porque ele era muito orgulhoso de filhos assim. Quando a tirava nota alta. Ele era sempre um pai meio, nessa área meio crítico assim. Crítico? É! De cobrar bastante né!? E daí nossa ver eu e o R.K. ((irmão)) formados na federal que era o que ele sempre quis, com certeza falta pra mim ver/faltou né, ainda hoje assim, como se ele pude::sse... Ah, reconhecer isso e falar “puxa, que legal tua filha conseguiu” ((chora e se emociona muito)). Tipo isso... ((pausa)) Trabalho também. Tipo, dele ver aonde eu tô e... reconhecer isso assim ((fala ainda emocionada)). Porque ele sempre quis que a gente crescesse e se fosse né, filhos... Ele falava que gente não podia ser medíocre, que a gente tinha que ser acima da média. Então, ele ver onde a gente está hoje e ter esse reconhecimento da parte dele seria algo, nOssa maravilhoso assim. Só que realmente essa parte não tem como ter. Eu imagIno

que sim. Mas né, não é uma coisa concreta. Então, isso é algo que ainda pega assim. Às vezes de, ah, conquistar uma coisa muito legal no trabalho, uma palestra, alguma coisa assim, e não ter essa troca de reconhecimento dele porque eu tenho certeza que ele seria tipo “NOSSA minha Filha”, sabe assim? Super orgulhoso. Então, isso realmente faz falta. É um dos pontos que desde a infância eram principais pra mim e não ter hoje assim, dói né? Dói um pouquinho.

**Eu imagino que sim.**

Uhum::: ((emoção na fala))

**É::... Eu tava com uma pergunta e ela foi embora.**

Fugiu ((fala um pouco mais descontraída)).

**É ((risada leve)). Ah, sim, lembrei. Tem um pouco a ver com isso que você tá falando sobre::... sobre conquistas e tal e sobre escolhas de alguma forma assim. Você sente de alguma forma se suas escolhas têm relação com essa morte ou não?**

De vida?

**É.**

Não. Eu realmente faço as coisas que me chamam atenção e porque eu gosto mesmo. Claro que passar na federal sim, por quê sempre foi a exigência deles né? Não era que eu podia fazer uma PUC ou uma outra faculdade. Era exigência deles, mas podia ser um curso e eu quisesse. Então, nisso eles sempre foram muito abertos. Tipo, “Faz o que você quiser e como você quiser, mas um desempenho bom. Não seja med/na média. Tem que ser sempre acima”. Então, eu acho que talvez eu buscar sempre ser melhor na carreira tem a ver com a educação que eu tive, mas não pela morte em si. Acho que não::, não tentando compensar alguma coisa assim. Não sinto essa coisa assim.

((silêncio))

**E como é falar dele?**

Ah, da saudades. Me emociona também ((voz embargada)). Até achei que não ia chorar quando você falou, “ah, fazer uma entrevista”, “ah não.. tô de boa”. Eu sempre falo, as pessoas perguntam, a gente conversa. Daí eu falei “ah não, acho que nem vou chorar. Tô tão de boa”. Mas acho que sempre:... Ah, sempre emociona né, por que é um marco na vida, não tem como não. E quando é a pessoa que a gente ama e que sabe que, poxa, foi tudo tão legal e seria legal se tivesse aqui também e tudo. Dá saudades mesmo. Acho que esse sentimento maior DO MUndo ((pausa)).

### **Uma saudade que fica.**

Uhum:::. Mas é que daí, eu penso que a gente é muito egoísta em falar que quer a pessoa de volta né, tipo “ah, eu quero ele de volta”. E eu nem quero/claro, adoraria. Não que eu não quero. Mas eu acho que eu entendo e confio nos caminhos do mundo assim, de como as coisas acontecem. Então, não peço isso, nunca pedi, tipo “quero de volta”. Talvez no começo assim né, não lembro. Mas eu entendo que... não é assim que funciona. Então ninguém fica pedindo de volta. Eu perdi um pensamento que era. ((pausa)) Esqueci. Uhm:::. É, de confiar nos caminhos do mundo. Isso. Que o sentimento é da saudades mesmo. E a saudades ela é boa e ruim ao mesmo tempo né? Ela é boa porque você lembra tipo “Nossa, tive um pai muito maravilhoso. Enquanto pessoas aí tem o pai vivo que é um bosta”. Desculpa pessoal ((fala em direção ao gravador e dá risada)). Essa parte você deleta. Eu tive, tive a sorte de ter um pai incrível assim, que até hoje a sensação que eu tenho de coisa boa, de brincar, de ser divertido assim, é maravilhosa e com certeza é o que eu buscarei para os meus/para minha família um dia né? Alguém que seja tão divertido e tão legal quanto. Essa referência de pai e marido que era para minha mãe sim, isso eu levo comigo.

### **E essa é a parte da saudade que é boa.**



Isso. Ah, a ruim é que dói né? A gente chora. Ou quando é um momento especial de vida aí é muito triste não ter a pessoa aqui. É isso. Acho que, é. Não sei se ela é mais ruim do que boa ou boa que ruim.

**Ela é as duas.**

É. É um mix. Depende do dia.

**Depende do momento talvez.**

É. Na formatura ela foi mais ruim do que boa. E aí hoje em dia ela tem sido mais boa que ruim assim. De lembrar coisas boas e ter referência disso no dia a dia.

**E hoje em dia na tua família, dentro da tua casa, você e sua mãe e seu irmão. Como que é? Como acontece? Vocês falam sobre isso ou não falam? Mudou alguma coisa?**

Desde quando?

**Desde logo depois da morte dele.**

Já na fase 2? ((dá risada))

**Isso. Eu esqueci da referência.**

Ah, com certeza mudou. Porque as vidas são diferentes né? Naquela época ninguém trabalhava, eu só estudava, a mãe trabalhava fora. Hoje em dia a mãe trabalha em casa e eu que trabalho fora, eu e o meu irmão também. Então, as rotinas mudaram. É: lembrar do pai a gente lembra em momentos de churrasco, de jantar em família, o aniversário dele né, ou quando faz aniversário de morte, que tipo, a gente sabe que dia que foi, claro que tem isso aí também. Ou:...

**Natal, ano-novo, essas coisas.**

Isso, eventos. Ou a mãe no aniversário de casamento, ela pensa “ah, ia fazer tantos anos de casada”. Então rola esse tipo de lembrança assim. Ah, as vezes quando a gente vê uma situação de um pai brincando ou é:.... Ah, vem assim. A gente fala sobre. É bem tranquilo isso lá em

casa. Não é algo constante, é só quando tem coisas pontuais assim ou no dia né. Alguém que a gente vê, alguma coisa que a gente vê.

**Você falou um pouquinho de como a tua relação com a tua mãe mudou radicalmente né, a partir disso, e a tua relação com o teu irmão mudou? Você falou que ele ficou um pouco mais distante e que ele ficou mais fechado, mas em relação a vocês dois?**

Então, eu acho que a gente nunca foi irmãos assim. A gente brincava e brigava quando a gente era criança e na adolescência não lembro... Não lembro de ser amigo dele em momento nenhum da vida assim. Mas eu senti que depois que o pai foi embora, ele se fechou em ter que ser o homem da casa e lidar com aquilo sabe? Alguém talvez deve ter falado tipo “ah, agora você é o homem da casa”, e aquilo para ele deve ter pego. Ele nunca falou sobre isso né? E daí ele teve que se manter muito forte. Ele nunca foi de chorar nada. Então quando a gente falava do pai ele ficava ali quieto, sabe? Até hoje é assim. Ele não é de expor e falar igual eu e a mãe. A gente conversa e conta e tal, ele fica mais na dele. Então eu acho que pra ele ainda tem muito mais mal resolvido. Essa perda. Por que é referência de menino, tipo o herói da vida dele assim. Então acho que isso/não sei, nunca perguntei, mas, até porque não fala né? Mas acho que sim. Acho que tem essa relação. Então para ele, não que foi mais difícil, porque é difícil medir né? Mas eu acho que ele ainda sente isso aí.

**E você sente que vocês se afastaram um pouco mais ou não?**

Ah, acho que a gente já era assim.

**Já era assim.**

Ele já era o irmão mais na dele e só continuou na dele. Ao invés de/por que poderia ter sido ao contrário né, tipo, já que estou com essa falta tão grande, está tão difícil se junta mais na família. Mas não foi o caso. Ele teve que ser forte e ser forte era a lidar com isso sem demonstrar fraqueza. E eu e minha mãe não. A gente demonstrava e chorava junto e tudo bem. E ele não.

**Você tem ou na época tinha os avós vivos ou eles já tinham falecido?**

Tinha os avós de parte de mãe só. Os de pai já tinham falecido.

**E a relação com seus avós, eles moram aqui em Curitiba?**

Moram aqui, mas nunca foi muito. Quer dizer, quando criança foi próxima, mas eu não lembro. A mãe fala “ah porque a vó fazia almoço” e eu ficava tipo “uhm:::”. A partir do momento que eu lembro de avós, eu não lembro deles serem carinhosos, aqueles avós fofos assim, que a gente imagina. Eu lembro de ser ok. Então nunca fui muito próxima. Tenho uma admiração enorme pelo meu avô que veio da guerra e tal tal tal. Então, é uma admiração muito grande pela pessoa que ele é. Era né? Mas não tinha muita proximidade, então nem mudou nada, nem. Realmente em relação a eles assim. Ah:::, mas tem meu tio, irmão do meu pai. Esse sim. Ele era mais próximo da família, tinha churrasco sempre. Era o irmão mais novo. Eles eram em três irmãos. O mais velho que morreu cedo assim, com 16 anos quando eles eram pequenos, aí meu pai e esse tio.

**Uhum.**

E aí esse tio geralmente fazia churrasco na casa dele, a gente tinha alguns eventinhos família com ele assim. E depois que o pai morreu, ele NUNca mais falou com a gente. É muito raro assim. Acho que agora com Facebook, que a gente se tem no Facebook, que às vezes ele sabe da minha vida e pergunta uma coisa ou outra. Mas ele totalmente afastou, assim. Aí eu, eu e a mãe a gente acha que é pela dor que dá nele nos ver e lembrar do pai sabe? Porque era o irmãozão dele, né, tipo perder todos os irmãos.

**Uhum.**

Pesado. Perdeu pai também. Pai deles também morreu cedo. Então acho que para ele a dor é muito grande de ter perdido um irmão. E daí ver a gente lembra o irmão e daí tipo, se afastou bastante assim. Isso eu senti bem e a gente falou sobre isso lá em casa e todos concordam. A gente não forçou também né, por quê pra quê forçar uma situação, se ele não tá querendo e tal. Então, a gente se vê, tipo, muito pouco, uma vez no ano ou duas talvez.

**Nossa e na época vocês se viam constantemente, quando seu pai, na fase 1.**

Ah, tinha assim. Isso na fase 1. Tinha mais churrascos em família, com a família dele, porque eles gostavam de beber uma cervejinha lá na casa desse tio, tinha piscina. Então iam as famílias pra lá assim. Lembro da gente/ah, tinha uma casa de praia também e a gente ia às vezes deles. Eu lembro dele estar mais próximo assim. Ter mais coisas/até porque a filha dele era minha amiga na época. Hoje não tem mais a filha. Não que ela morreu né? Ela viajou só ((dá uma risada leve)). Mas ela não tá mais aqui, mora em outro lugar. Aí acho que isso também muda né, porque não tem nada em comum mais. Querendo ou não os elos que ligavam essa relação família, não tem mais. Daí realmente afasta. Então ele mudou bastante.

**E ele não fazia parte desse grupo de Filosofia de vocês?**

Não:: Ele nunca fez o curso mesmo. Verdade ((pausa)). Tem uma tia e o tio por parte de mãe, irmã da mãe, que ficaram perto assim, foram bem... Toda semana que tinha o pessoal junto eles também vinham. Né, porque é irmã da mãe. Então ela cuidou super da mãe assim. Talvez ela a que mais cuidou, junto com o pessoal da (nome do grupo) e tal. Não lembro bem, mas eu lembro deles estarem por perto assim. É ((pausa)). É porque essa família a gente via mais ainda, e ainda vê hoje. Essa família é super próxima. Então eles conheciam super bem o pai e tudo. Então isso sim.

**Teve algumas referências que parecem que foram importantes para vocês assim né, principalmente esse pessoal do (nome do grupo).**

Ah sim. É, com certeza. Eu acho que é o que mais colocou a gente no eixo assim. De conseguir lidar... Claro, sofre um pouquinho, sofre, tem toda uma parte difícil, mas a gente conseguiu sair disso né, não ficar eternamente sofrendo, chorando e querendo que volte no passado e vivendo passado assim. Porque daí não dá. Aí fica com a vida parada pra sempre.

((silêncio))

**E o que mais você tem para me contar sobre isso? O que te vem na cabeça, que eu não perguntei? Que a gente passou meio rápido?**

Ah, não sei. Acho que o maior sentimento é que realmente a gente nunca tá preparado assim. A gente pode estudar a morte, pode estudar, sei lá, o pós-morte né, porque algumas religiões estudam, pode saber tudo, mas na hora que acontece é só o sentimento que explica mesmo. Né? E ele, demora para cair a ficha assim. Não é uma coisa que você entende rápido né? Eu que, talvez uma pessoa que tá hospitalizada, você vá entendendo a morte aos pouquinhos, tipo “Puts, a pessoa tá ficando ruim. Ah, a pessoa agora tá em coma. Aí agora ele parou de respirar, precisa da máquina”. Sei lá. Parece que a morte vai indo em pedacinhos, sabe? Não sei né, nunca passei por essa experiência. Mas acho que quando realmente acabou acho que também dói, também dói né, óbvio. É, mas quando é do nada assim, a ficha cair é difícil, demora um tempo pra entender que mudou né?

**Uhum. E o fato de ter sido um assassinato teve algum impacto, você sente que teve algum impacto ou...**

Ah::, na época a gente teve muita raiva assim, dessa pessoa, bandido X. Nunca foi encontrado, mas a polícia foi atrás e tal. E meu irmão era que mais tinha raiva. Eu cheguei uma hora que eu pensei “não adianta”. Eu acreditava que aquele era o dia que ia morrer. Tipo era isso. Essa era, sei lá, o caminho da vida. Então ia ser ou com um bandido, ou ia bater o carro, ou o que fosse para acontecer ia acontecer, porque era para acontecer. Não que “AH, culpa é do bandido que tirou ele da linha da vida”, sei lá, não. Mas no começo a gente teve raiva, óbvio. Raiva da polícia, dos bandi/do bandido que a gente não sabia quem era, raiva da ambulância que não chegou a tempo. Tipo, toda essa emoção ruim de ter raiva das situações que não resolveram para ele estar vivo né. E daí eu lembro que meu irmão guardava muita raiva, todo bandido que ele via na rua, ele tinha vontade de bater assim. Ele falava “ahh, esse BABACA”. E aí foi passando né, porque uma hora você entende que não é o cara que causou aquilo, não é culpa

dEle. Ele foi um elemento da situação toda. Então realmente essa raiva do bandido, já passou. Não sei né, se alguém falasse “Olha, essa foi a pessoa que matou seu pai”, talvez eu né, não sei.

**Hoje, você diz...**

É, claro. Talvez eu, não sei a reação. Só vivendo. Acho que tenho mais pena de alguém tem que passar por isso do que raiva, porque eu sei que o mundo, as coisas acontecem com suas razões, né? Então não é aquele cara que fez algo... É::... Que é tá fora das leis do mundo assim. Acho que por isso vai que a raiva embora. É. Acho que é isso. ((silêncio)). Acho que isso, não sei tem mais alguma coisa que você...

**Mais alguma coisa que te dá vontade de falar?**

Acho que abordamos bem todas as partes desses anos todos.

**É::.. Acho que também não dá para ter muita pretensão de que a gente vai encerrar um assunto desse uma conversa de uma hora também.**

Sim.

**Mas acho que você traz elementos bem importantes assim e eu já agradeço a sua disponibilidade, até por ser um assunto que a gente sabe que toca...**

Mexe com todos ((risada leve))

**Que mobiliza, que::, enfim fazer retornar esses dias ou a essas lembranças ou essas fases, é, eu sei que não é, não é simples. Então, entendo super sua emoção e fico agradecida e tocada assim, por ter, você ter podido dividir isto desta forma comigo assim. Acho que são contribuições bem importantes assim também. E ano que vem quando eu for defender, certeza que eu aviso vocês e se vocês quiserem ir e puderem ir no dia.**

Aha::m, bem legal, claro.

**É, e se não puderem ir e depois quiserem ler o trabalho, os resultados. Enfim, fiquem bem tranquilas que..**

Aha::m, com certeza, bem legal, é um assunto interessante.

**É um assunto que, que, enfim tem pouco contribuição na literatura e enfim que tem muitas possibilidades assim né?**

É que é tão individual né, não tem uma resposta igual a outra.

**Exatamente.**

Acho que é super de cada pessoa e de cada família assim.

**Inclusive essa é a tentativa de vir falar pessoalmente com cada um.**

UhUM:::

**É uma tentativa de ouvir essas histórias de alguma forma ne?**

Ah sim, é bem diferente né? Do que mandar um texto escrito, sei lá.

**É ou um questionário.**

Ah, verdade.

**Não faz muito sentido eu acho.**

Ah é verdade. Não tem a mesma emoção. Esse modelo questionário, do que falar pra alguém o que você sente assim. É bEm:: diferente. Porque eu já respondi alguns de luto online, assim e “Sim. Não. E bla bla bla”. Tipo bem fácil ne? Porque você não... Não vive, você não experencia tudo aquilo na sua cabeça e coração assim. Acho que isso é diferente mesmo, e é bem legal poder, é sei lá, participar.

**Legal, fico agradecida mesmo e tocada também por ter aceitado conversar.**

## ENTREVISTA III: ISAURA

**Eu vou te fazer umas perguntas de começo só pra eu me contextualizar um pouquinho na sua história.**

Uhum.

**É::, quantos anos você tá agora?**

Vinte... Se-te.

**Vinte e sete.**

Nossa. Dei uma titubeada né?!

((risos))

**Vinte e sete. E você está morando com quem atualmente?**

Só com minha mãe.

**Você e sua mãe. Ok. Você tinha quantos anos/ foi seu pai que faleceu né?**

Aham.

**Você tinha quantos anos quando ele faleceu?**

15.

**Quinze anos. Isso faz um pouquinho mais de 10 já então.**

É. Foi em 2005.

**Ok. E ele faleceu do que?**

Ele tinha um aneurisma de aorta abdominal. Ele ia operar/ Até ia ser em Curitiba. Mas não deu tempo. Ele estourou antes e aí, enfim, não teve o que fazer, foi uma cirurgia às pressas, mas não teve o que fazer.

**Vocês não moravam aqui em Curitiba na época?**

Não. Eu sou de ((outro estado)). É:: eu morava lá, em L. e aí a minha irmã já morava em Curitiba. Ela fazia curs/ Acho que na época ela tinha acabado de entrar na faculdade. E aí, tava



eu, meu pai e minha mãe morando lá. E aí a gente tinha vindo num final de semana, porque minha irmã ia trocar de apartamento, alguma coisa assim de mudança. Aí a gente veio, decidi isso, minha mãe decidiu ficar para ajudar com a mudança e aí eu e meu pai voltamos. Porque eu tinha aula e enfim né?! Não podia perder. E aí:: a gen/ eu fiquei com ele a semana inteira e aí no sábado tava só nós dois e aí que ele começou a passar mal. É... Ele começou a sentir muita dor. É/ A história assim é engraçada. Não é engraçada ((risada leve)), mas enfim. Porque eu queria muito sair naquele dia e eu não era uma pessoa que saía. Mas um amigo me convidou para um show aleatório e eu encasquei que eu queria ir naquele show, porque queria ir. E aí eu falei “ah pai, quero ir no show e ã-ã-ã”, beleza. Tava tudo certo que eu ia. O menino me ligou tipo “ah, vamo, tal”, “beleza vamo”. E aí quando eu fui falar com meu pai ele falou assim “olha filha eu não quero que você vá, porque eu não tô me sentindo bem”. E aí eu lembro que fiquei muito puta, né?! Porque adolescente fica puto nessas horas assim ((risada leve)). E aí/ Mas ao mesmo tempo, hoje eu percebo que, putz, se ele PEdiu para eu ficar é porque realmente. E meu pai é médico né, era médico. Então:: tinha isso né?! Se ele me pediu para ficar, eu falei putz, alguma coisa tá acontecendo de sério. Porque ele falou que tava com uma dor nas costas muito grande. Ele tava sentado no sofá da sala, resolveu deitar e aí nisso assim, eu não sei exatamente quanto tempo, mas pra mim que foi super rápido, ele me chamou de novo e falou “filha, tá difícil, to com muita dor. Avise sua tia (já que minha mãe não tava) e ligue para Unimed”. E aí... Aí foi o momento que eu me assustei, que eu falei “cara, se meu pai tá pedindo ajuda, ele entende né?! Alguma coisa tá acontecendo.” Aí eu liguei pra minha tia... Acho que eu liguei para Unimed primeiro, daí chamei e aí eu liguei para minha tia, a Unimed não veio, eu liguei de novo... Porque eu morava tipo a uma quadra da Unimed, de onde ficavam as ambulâncias. Eu tipo “como assim vocês não chegaram ainda? Tipo, é só desce a rua gente!” ((fala satirizando)). E aí... Daí eles foram, a minha tia foi me buscar e aí minha tia que ficou comigo, aí fomos direto para o hospital, aí nisso assim... Eu lembro muito pouco, assim. É::

Aos poucos algumas coisas vieram assim, até acho que pelo processo da terapia mesmo assim. Mas para mim é bem obscuro assim. Eu tenho flashes do dia assim, não sei exatamente. Aí eu lembro que meu pai foi para enfermaria... eu acho que era uma enfermaria. E aí eu lembro de ele ter me chamado, de ter conversado comigo, mas eu perdi essa informação ((risada bem leve, quase um suspiro)). Eu não sei exatamente o que ele falou. Eu lembro que foi algo do tipo assim “ah, vai ficar tudo bem. Fique tranquila”.

**Uhum.**

Mas, eu não sei exatamente o que que foi assim. Pra mim eu gravei isso assim. E aí ele/ daí eu já não pude mais ficar lá, ele ia pra cirurgia, foi chamado, e aí nisso a gente tava tentando ligar para minha mãe:: e eu tentei, ela não me atendeu e em algum momento eu perdi essa função, não sei quem ficou com essa função, eu acho que foi minha tia. E aí ligaram direto para minha mãe, minha mãe tinha ido na missa e daí ela não levou o celular... Então, a gente demorou um tempo pra conseguir falar com ela. Aí quando conseguiram falar, minha mãe foi de Curitiba a L., é ca minha irmã. Foi algo do tipo, não sabemos como isso aconteceu porque é uma viagem que demora umas cinco horas e ela foi tipo em umas três e meia assim. Foi tipo Deus levou assim ((risada leve)). Foi algo bem/ Ela pensando hoje, ela tipo foi loucura né?! Mas assim, ela só foi e aí... E aí eu lembro de ter ficado no hospital um tempo. Aí o médico que ia operar meu pai não estava lá. E aí eu lembro de ter ficado uma, uma confusão, porque tinham chamado ele, tava em Florianópolis, pra ele voltar até lá seria mais umas duas horas. E aí ficou naquele caos assim. Aí... Aí eu não sei como, eu sei que esse médico pegou um helicóptero pra ir pra lá. E aí, daí ele chegou quase junto com minha mãe. E minha mãe era enfermeira né?! E conhecia todos os médicos que tavam lá assim. Então, ela pôde entrar. Só que, tipo, ela entrou só até um pedaço assim, e aí quando o médico chegou parece que não tinha muito o que fazer assim. Eles tentaram e aí... Assim, do dia eu não sei o que aconteceu. Eu só sei que eu lembro de ter visto minha mãe voltando, tipo chorando loucamente, eu entendi o recado assim. Não foi preciso me

dizer nada assim. E aí eu lembro daquele momento de ser um desesPEro assim. É, tipo novela mexicana. Tipo, me ajoelhei. Tipo, eu fiquei meio retardada assim. Não sabia o que eu tava fazendo. Ai chorei muito e nesse momento eu não sei onde estão as pessoas assim. É um momento eu comigo mesma, e daí a minha outra tia, acho que falou assim “levanta desse chão”. Do tipo para de passar vergonha, sabe?! Eu tipo, “me deixa, eu to sofrendo”, sabe?! E aí eu fiquei lá assim, um pouco e aí eu lembro que algumas pessoas chegaram assim de parentes. E aí eu fui lá para fora do hospital e fiquei lá na frente um tempão assim. Mas isso que eu digo que não, não/ é tudo assim, bem desconexo, eu não sei a ordem das coisas. Algumas coisas eu fui juntando depois, assim, relato da minha mãe, da minha irmã, como é que aconteceu. Eu não sei cadê minha irmã nesse momento, não lembro disso. É:: meu pai tinha mais filhos de outros casamentos, então, eu lembro de uma irmã mais velha que tava lá também. Lembro de ter visto assim.

### **Uhum.**

Aí... Aí quando eu tava lá fora, eu lembro de ter ficado assim... Aquele momento que você não sabe o que você faz né?! Você já chorou tudo o que você tinha para chorar, aí você fala assim “eu tenho que avisar alguém?”. Tipo, “eu ligo pras pessoas ou eu deixo elas saberem?”. É esquisito assim, você não sabe o que fazer. Aí eu liguei pra um amigo. Esse amigo tava acampando, viajando em algum lugar longe assim. Aí até nem lembro se ele me atendeu e falou que tava longe ou se ele nem me atendeu. Aí depois eu liguei prum outro amigo... Que aí... Aí foi o momento mais fofo assim. Que ele é meu amigo do coração até hoje, por causa disso. Porque eu liguei, era de madrugada isso, já era umas... Acho que duas, três da manhã assim. Aí eu liguei, ele me atendeu, falou comigo. E aí de repente/ A gente morava meio perto e era perto do hospital também. Umas sei lá, cinco, seis quadras. Aí de repente ele apareceu andando assim, vindo. Aí eu falei “ai gente, era tipo tudo o que eu precisava assim”. Aí eu lembro de ter ficado com ele esse tempo... É, por meu pai ter outros casamentos, eu tenho um sobrinho que é mais

velho que eu. Ele é um ano mais velho que eu. E aí eu lembro dele ter ficado muito desesperado também e eu lembro de tar vendo ele do outro lado da rua, ele sentou numa muretinha assim. Eu lembro dele muito sofrendo e chorando assim. E é tipo um homão de dois metros de altura, você não vê ele chorando assim. E aí nisso eu fui para minha casa, fiquei lá. Dai esse meu amigo ficou comigo até de manhã assim. A gente ficou numa poltroninha dessas, os dois abraçados juntos, assim. E foi o que eu guardei assim de momento mais bonito assim. E::... Aí eu lembro assim, de no outro dia, acho que eu dormi, acordei. Eu não sei cadê minha irmã, eu não sei cadê minha mãe. Eu sei que as pessoas estavam assim ó ((faz movimentos com a mão)), por volta, por ali. Eu não lembro nem de ter tipo, sei lá se eu abracei minha mãe. Eu não sei se eu fiz isso. Eu tava muito acho que com meu momento assim. E aí no outro dia eu comecei a:: a:: quando eu acordei eu pensei “nossa, eu nunca fui num velório. Eu não sei como que é isso...”, e aí eu pensava “será que igual filme, eu tenho que ir de preto?”. Aí tipo, umas coisas que vem na cabeça assim. Aí eu lembro que escolhi uma blusa pretinha com branco lá e fui. E aí, no velório eu entrei, fiquei um pouco assim, mas já sai. Eu não consegui ficar lá dentro. Eu não conseguia ficar olhando. Tipo, minha mãe ficou lá o tempo inteiro. Ficou ela e minha vó. Né, a mãe do meu pai. Uma de cada lado assim. E aí eu lembro de ter visto isso, mas assim, eu não con/ eu acho que eu não consegui chegar nem:: sei lá, dois metros de distância. Eu não consegui assim. Eu tipo, cheguei e vi. Aí fiquei pra fora, daí uns amigos chegaram, ficaram lá fora comigo. E aí veio aquele momento desconforto que você não sabe o que você conversa, se você tem que só chorar, se alguém fala uma piada você ri ou não?! É feio rir assim?! Dá um super desconforto de não saber o que fazer nesse momento. E aí... Aí eu sei que foi isso assim. Hoje, hoje em dia eu me arrependo de não ter ficado mais próximo, de ter vivenciado assim. Porque eu fiquei super afastada. E... E foi muito difícil assim. Aí isso foi no domingo né?! O velório e enterro foi domingo. E aí eu lembro de na segunda-feira, a minha mãe tipo “não precisa ir pro colégio, não precisa fazer nada” e aí eu decidi que eu queria fazer tudo o que eu sempre fiz

assim. A minha irmã como tava na faculdade, ela tirou a semana. Ela resolveu ficar a semana inteira em L. com minha mãe, com a gente. E eu decidi que eu ia viver minha vida ((risada leve)), como se nada tivesse acontecido assim. E aí hoje eu também, hoje eu consigo perceber que tola né?! Tipo, eu não me permiti chorar muito ou ficar sofrendo. Eu acho que a minha mãe, foi tão ruim ver ela sofrendo, que eu decidi que eu ia mostrar pra ela que eu tava super bem assim. E aí fiz tudo normal assim. Aí também, algumas coisas eu lembro, que me chamaram atenção assim. Fui pra aula, eu acho que no mes/ no primeiro dia. Acho que na segunda mesmo. Que, um professor tava falan/ E era um professor chato de matemática, ele tava dando esporro nos alunos assim. E aí, no que entrou o coordenador, que era meu:: professor de vôlei da época. E ele era coordenador também. E ele tava entregando algum planfettino, alguma coisinha assim. E aí, o professor dando esporro “é, porque o pai de vocês, não sei o quê”, e dando esporro assim. Aí eu lembro de ele entregar o planfettino pra mim e o coordenador falar assim “olha, ele não sabe”. Eu tipo “é, tá tudo bem”. Mas me marcou assim, do tipo “é, o meu pai não sabe mais”, sabe?! Fico isso. E aí ele também, esse coordenador falou “olha, você não precisa ir pro treino, você não precisa fazer nada”. Mas eu decidi que eu ia e eu segui minha vida normalmente assim. Eu cumpri todos meus compromissos que eu tinha, que não eram muitos mas fiz assim. E aí eu acho que foi muito numa expectativa de tipo “ai, sou muito forte, não precisa se preocupar comigo pessoal. Olha como sou... guerreira” ((risada leve)), sei lá. E aí... Segui tudo normalmente assim. E aí, acho que até por isso assim. É:: quando eu me mudei pra cá e aí quando eu comecei a fazer terapia é que eu comecei a ver que tipo “opa, algo se perdeu aí né?!” Faltou um luto elaborado ((risada leve)) mesmo assim. Depois que a gente estuda a gente vai vendo isso. E... Acho que foi isso assim. Aí eu lembro também de na outra semana, tinha a missa de sétimo dia e eu fui treinar. Não, eu fui na missa... Não, eu fui treinar e aí eu só falei pro meu técnico, era um técnico de outro/ Naquela época eu treinava em dois colégios diferentes, daí era no outro colégio. Eu só falei pra ele “olha, eu vou ter que

sair mais cedo porque eu tenho a missa do meu pai”. Aí eu lembro que ele ficou puto porque eu ia sair mais cedo. Daí quando eu expliquei, ele ficou meio sem jeito, mas acho que ele não quis tirar a postura dele, que ele já tinha dado um esporro também. Aí eu fiquei puta, tipo “aí, porque que eu vim? Ele não teve nem consideraÇÃO comigo” e tal. E eu fui direto pra missa. É tipo só atravessar a rua também, mas eu fui direto assim. Aí eu fiquei vendo, tipo “mas pra que eu fiz isso né?!” Que diferença fez na minha vida, eu ir treinar naquele dia, sabe? Mas foi isso assim, que eu senti que acho que faltou um pouquinho assim de... De parar um pouco e me permitir, tipo, vamos chorar um pouco, sofrer assim. Porque depois daquilo, parece que na minha casa assim, não se falava mais no assunto. Porque a minha mãe, TOda vez que falava, ela chorava, ficava mal e ficava triste. E acho que eu pra não ficar vendo isso, foi tipo “não converse comigo”, sabe?! Depois de algum TEMpo assim. É:: A minha mãe/ Porque assim, minha mãe foi atrás de centro espírita, pessoas que... um conhecido dela também que lidava com espiritismo assim, ela queria acho que uma resposta, alguma coisa assim. Porque pra ela ficou muito::... Ficou muito mais doído porque ela sente que não se despediu dele. Porque como ela teve que viajar e quando ela chegou já não tinha mais, ela não conseguiu falar com ele assim. Então, pra ela sente muito isso. Então, foi atrás de alguma resposta, alguma coisa. E ela nunca me contou assim. E aí, acho que vai fazer uns dois, três anos que ela me contou alguma coisa. Eu falei “ah, eu não sabia disso!”. Daí que ela me explicou “ah, você nunca gostou de espiritismo, de espírito e de não sei o quê. Você não queria eu falasse. Eu não te contei, né?!”. Eu fiquei tipo, chateada, porque parece que eu perdi um pedaço assim. Aí hoje já é tipo mais tranquilo. Ela já sabe que dá pra falar assim. E pra ela também está mais fácil. Mas por um tempo ficou meio, não se fala muito nisso.

### **Na família como um todo...**

É, porque eu acho que eu sentia que minha mãe sofria muito assim. Então, eu preferia não falar assim. Quando eu falava, eu queria dizer do tipo “ah, olha essa lembrança, que legal. Que

bonito.” Só que daí ela ficava triste. Eu daí eu tipo, ah:: não dá pra trazer isso como sendo legal assim. Então, a gente ficou, meio que um tempo assim, meio que não querendo falar muito sobre o assunto. Tipo, cada um/ Eu sinto que cada uma viveu seu luto sozinha assim. Eu não sei se é uma fantasia minha assim, mas que pra mim que minha irmã/ A semana que ela ficou em L., pra ela, ela elaborou aquilo, vivenciou. Porque aí ela tava lá, sabe? Ela conseguiu ver tudo acontecendo. Ela não fez nada, ela não foi pra aula. Então, quando ela voltou, acho que, claro sofre igual, mas assim, ela voltou do tipo “agora eu vou começar minha vida de novo”. Acho que pra ela foi um pouco mais tranquilo. A minha mãe, se duvidar ela tá no luto até hoje assim. E acho que eu não me permiti. Então, eu me permito aos poucos ((risada leve)) e conforme as coisas vão acontecendo, eu vejo tipo “ah, isso é resquício daquilo”, sabe?

**E hoje, como é para você ter perdido seu pai no teu período de adolescência?**

Olha... É:: O que eu mais sinto é de ele não ter vivido muitas coisas comigo assim ((se emociona nesse momento)). Percebe-se ((me mostra a emoção)). É::... Então eu fico muito chateada de não ter ((começa a chorar))... Ele não ter visto eu me formar::, não vai ver eu casar, se um dia eu casar. Acho que essas coisas assim. Conforme eu vou.. Eu fui crescendo e vendo as coisas, eu queria compartilhar com ele, sabe?!

**Uhum...**

Não à toa eu... Eu fui trabalhar no ((nome do hospital)), porque era em hospital, porque era ele assim, sabe?! É... As minhas escolhas foram muito baseadas nisso assim. Porque eu ia fazer medicina até ele morrer. Eu ia ser a filha que tinha feito medicina. Porque ele teve cinco filhos, eu sou a caçula, e ninguém foi assim. Então, a/ lá é cidade pequena né?! Então, todo mundo “ai, ninguém vai seguir a carreira do pai?!”, sabe? Era um falatório assim. Aí eu falei “não, eu vou”. E decidi que eu ia fazer assim. E engraçado que eu percebi isso assim... Cara, deve fazer acho que uns seis meses que eu percebi que eu realmente mudei na época que ele faleceu. Eu nunca tinha ligado os dois pontos, assim.

### **A opção do curso?**

É. Porque eu ia fazer medicina e aí de repente.. Quando eu tava falando, eu falei “não, eu decidi que não ia fazer medicina no segundo ano”. E foi no segundo ano que eu perdi meu pai. Aí que eu entendi assim que, eu também/ Até isso eu deixei pra trás assim. E aí hoje eu fico assim, ah, eu queria discutir com ele, o que que ele acha da Psicologia, o que que ele acha da Psicanálise. Porque meu pai tinha livros de hipnose em casa, e eu nunca consegui/ Tipo, não me interessava né, naquela época. Então, tipo hoje eu queria saber “o que você acha? Você fez isso? Como é que foi?”, sabe?! Eu queria discutir coisas com ele, vê se ele concorda com coisas que eu penso hoje assim. Isso eu sinto que faz falta assim. De poder dividir coisas, dividir momentos assim. É:: coisas que não tem como assim né?! Então... Tipo a formatura foi algo bem marcante pra mim assim de:: Eu sabia que ele queria muito que as filhas se formassem. Então, na formatura da minha irmã já foi um pEso assim. Pra ela foi uma vitória ter conseguido. Mas foi algo do tipo “ele devia tar aqui”, sabe?! E aí com a minha também, foi a mesma coisa. Tipo, faltou ele lá pra me ver, sabe?!

### **Você fez na formatura o discurso dos ausentes.**

Foi. Não à toa também né?! E... Mas foi legal fazer assim. Acho que foi, foi bacana pra pensar em tudo isso assim. E de alguma forma entender que, ele não tava ali, mas de repente ele tava também::, né?! Eu... Eu tenho uma questão, que eu não tenho uma religião definida. Eu acredito em coisas. Dispersas assim. Não é de fato uma religião. Então... Mas eu acredito que de alguma forma ele me viu e tava ali e participou. Imagino que ele esteja contente assim. Mas, acho que faltou isso assim, de poder compartilhar, sabe!? Toda vez que eu vejo alguma coisa, eu queria tipo “ah, será que meu pai ia gostar disso assim?! Será que ele ia gostar do que to fazendo? Ou ele ia achar ruim?”. Não sei. A gente sempre pensa né, “ai, seria totalmente diferente minha vida.” Mas não tem como saber também se seria mUito diferente ou não, assim.



Eu imagino que/ A minha mãe acabou se mudando pra cá, né?! Depois de... Três anos. Depois ela se mudou pra cá.

**Você veio antes?**

Eu vim antes. Porque eu tava no segundo ano né?! Quando eu terminei o terceirão, eu vim pra cá pra fazer cursinho. Porque minha irmã já tinha vindo e como a gente é de cidade pequena, existe uma cultura de que as pessoas saem da cidade para fazer cursinho.

**Entendi.**

E aí eu vim pra cá, porque minha irmã já tava aqui e aí minha mãe ficou sozinha. E aí a gente sentiu que pra ela foi muito difícil. E a gente tinha uma casa super grande lá e aí ela sozinha. É:: Ela tinha se aposentado já. Então... Perdeu TUDO assim. Ela perdeu trabalho, perdeu marido, as filhas. E ela tava muito sozinha. Daí a gente, colocou assim. Jogou a ideia, ela comprou a ideia e ela veio pra cá. E ta aqui até hoje assim. ((pausa)) É... Não lembro porque eu tava falando isso?!

**É.. Você tava falando sobre você ter vindo pra cá:: e você falou que ela acabou vindo pra cá também.**

Ah é. É. Aí foi, foi... Quando a gente começou/ Se juntou de novo assim, pra ver se pra ela era melhor assim também. Porque todas as vezes que eu voltava pra L. assim, eu sentia que ela não tava muito bem ainda. E sei lá:: acho que hoje ela tá MUITO melhor, mas ainda... Acho que ainda não tá tudo 100%.

**Hoje você ainda frequenta L.?**

Aham. A gente ainda tem coisas lá. A gente tem um apartamento lá. A minha mãe vai todo mês. Que a gente tem um sítio lá também, então, minha mãe cuida dessa parte. Então, ela vai todo mês. Eu não consigo ir sempre, mas assim, de vez em quando eu vou. Eu ia mais quando eu tinha minhas vós vivas, as duas faleceram nos últimos anos. Então, acabou perdendo assim. Porque a família que vai puxando pra gente ir né?! Aí perdeu isso assim. Mas os planos da

minha mãe, é voltar pra lá. Segundo ela, assim que ela me encaminhar na vida, ela se permite voltar ((risada leve)). Porque ah, os amigos dela tão lá assim. Ela... Ela se sente mais confortável lá. Então, o plano dela é voltar daqui um tempo.

### **E como é pra você ir pra lá?**

Olha, no começo é:... era ruim assim. É. Não sei assim. Eu sinto que a cidade, ela perdeu muito o encanto pra mim assim. E:: acho que não só pelo meu pai, mas também por eu ter vindo pra cá, construído uma vida aqui, meu ex-namorado é de lá, terminamos e também não quero ver ele ((risada leve))... Então, tem algumas questões assim. Mas acho que perdeu muito assim.. Porque quando a gente era mais jovem e pensava, a gente dizia/ Eu e minha irmã/ a gente sempre dizia que a gente ia se formar e voltava né, pra cidade. Então, bem no começo eu planejava voltar, ter meu consultório lá, alguma coisa assim. Depois acho que do meio da faculdade, eu tinha “ai, nem quero. Aquela cidade não é pra mim::”. E aí, desisti assim. Aí.. Ainda mais assim, a família... Tipo, meus amigos já não tão mais lá, cada um tá num lugar. A família assim, foram morrendo, se dispersando, cada um foi pra um canto e já não tem muita família também. Então, não tem nada meio que me segure mais lá assim. Aí é minha mãe né?! Mas daí eu falei “mãe, se você tiver lá, aí é óbvio que eu volto mais vezes né?!”. Porque aí mãe é mãe, tem que ver né?! Não tem muita escolha, querendo ou não eu tenho que ir ((risada leve)). Mas é:: é diferente assim, a cidade. E... É engraçado porque, algo que ficou do meu pai é que ela era uma pessoa conhecida. E:: a cidade não é muito grande também. Mas aí meu vô era médico, meu pai era médico e aí ficou os dois conhecidos na cidade assim. E aí, sempre que eu voltava eles tipo “ai, você é filha do fulano”, sabe?! E aí, isso é algo que me marca até hoje assim. O quanto eu sou filha do fulano assim. Eu não tenho o meu lugar na história... de lá assim. E ficou muito forte assim. Isso assim. Então, no começo quando eu voltava, a gente saía na rua, encontrava as pessoas e era sempre assim. “Ah, você é filha do fulano né?!”. E daí puxava algum assunto, falava alguma coisa, daí se minha mãe tava junto, perguntava como tava

a minha mãe e tal. E aí, isso fi/ Até hoje assim, se duvidar ainda tem isso assim. Eu não tenho meu nome próprio, sabe?! Então, acho que essa é uma marca que fica também por bastante tempo.

**Uhum... É:: Ele já tinha esse diagnóstico dessa doença?**

É. Ele tinha e aí ele/ Eu não era muito inteirada assim, mas pelo que eu sei ele... Ele operou uma vez, e aí tinha ficado tudo bem. Mas acho que voltou, cresceu de novo e aí ele já tinha se consultado e aí ele ia vir operar. Acho que era no mês seguinte que ele já tinha/ Já tava tudo marcado assim. Pra ele vir pra cá pra operar e pra tirar. E aí, só que ai ele estoura né?! Quando não/ Em algum momento, por determinada razão, não tem mais... Não tem mais como operar. E aí foi isso que aconteceu assim.

**Mas não houve um processo de adoecimento?**

Não, foi muito do além. Foi assim. Porque:: meus pais nunca tiveram Nada assim de grave assim. E aí... tinha uma coisa outra, mas assim era/ Acho que por conviver no meio médico assim, porque meu pai médico, minha mãe enfermeira, os dois trabalhando no hospital. Eu ia brincar no hospital. Então eu convivia com aquilo. Então, pra mim nunca era nada muito sério assim. Era tipo “ah ta, aconteceu”. Tipo, minha mãe teve que tirar o útero, mas assim. Foi difícil? É. Mas, ok. Tipo, para mim era sempre tudo tipo “ah, vai dar tudo certo. Está tudo bem” assim. Nunca, nunca passou pela minha cabeça não dar certo ((risada leve)) alguma coisa assim. Então, pra mim isso era mais uma.. Ah, tá com problema vai ter que operar, ok. Mas operação nunca foi uma questão tipo “nossa, é difícil”. Não, pra mim era tem que fazer, era um procedimento e vai fazer e tá tudo bem assim. E aí não teve esse momento assim. Tava tudo BEm assim. Não teve nenhum momento assim, que ele tivesse que ficar internado ou algo assim né?! Não foi esse processo. Acho que isso foi mais complicado, porque a gente tava com planos né, assim. Aí quando a gente voltou do final de semana, a tinha planos de outro vim pra Curitiba de novo. Então assim. Eu tava com plano assim. E... Aí uma coisa que eu fiquei muito pensando

comigo assim, porque que era eu que tava lá sabe?! Porque que era eu sozinha com meu pai. Porque que/ Foi justo quando não tava mais ninguém perto de mim. E aí...

**((interrompe a entrevistada)) Isso é uma coisa que você pensa atualmente, não era.. Ou na época você chegou a pensar?**

Não. Na época eu pensei assim. Na verdade alguém me falou isso. Eu acho até que se duvidar foi até minha mãe assim. Que falou que:... Porque eu e meu pai, nós tínhamos uma relação OK, mas nunca fomos próximos. Meu pai era muito mais velho que minha mãe. Eles tinham...

**((interrompe a entrevistada)) Mais velho?**

Velho. Aham. Eles tinham vinte e dois anos de diferença. Então...

**Quantos anos ele tinha quando você nasceu?**

Quando eu nasci? Puta tem que fazer essa conta. Ele é de 32. 89, faz essa conta aí pessoal ((risada)).

**Ah, ok. Tá jóia.**

É, ele faleceu com 73. Então eu tinha 15, era uma diferença assim bem grande. E a gente não tinha. Não era muito próximo. Eu era mais próxima da minha mãe, pra contar coisas assim. E é engraçado, que parece que eu nunca tinha ficado com meu pai sozinha assim. Na minha cabeça, isso deve ter sido a primeira vez assim. E aí... Aí foi quando minha mãe falou assim “ah, acho que você precisava passar por isso, assim. Tipo, no seu caminho de evolução da vida, tinha que ser você e não outra pessoa”, porque... Eu sempre fui muito teimosa assim, desde pequena. Ele me chamava de pimentinha porque eu abria a boca só pra reclamar, ou então pra retrucar tudo que ele falava e dizia que não era daquele jeito, assim. E daí minha mãe falou que achava que por isso, tinha que ser eu que tinha que ter essa experiência, enfim, mas, é... eu fiquei muito tempo assim, depois pensando se, por que que tinha que ser eu né? Que experiência difícil assim. Se for pensar, se fosse minha mãe, ela tira de letra qualquer coisa, assim. A minha irmã, coitada, ia surtar antes assim, ela não é muito resolutiva, mas assim é... Por que que tinha

que ser eu também é uma questão que ficou, assim, de passar por isso e... Não sei assim, eu nunca tinha ficado tão próxima dele, de repente a gente viajou junto só os dois, eu lembro de ter ficado meio assim tipo, “ai vai viajar só nós dois?”, que coisa esquisita, sabe? E, é bastante tempo, assim. É engraçado que a viagem foi bem tranquila, a gente conversou um monte e parece que foi a melhor viagem que eu tive, assim. Foi algo bem gostoso, aí meu pai ganhou uma multa na volta ainda... Daí foi muito engraçado porque ele passou, sei lá, ele devia estar uns 200 por hora, assim, tipo obviamente ele tava errado e aí quando é: o policial fez sinal pra ele parar, ele parou, aí veio a multa, ele daí “tô errado mesmo, vou me (incompreensível) dessa multa”, e é isso assim... lembro de ter sido motivo de piada, assim, porque tipo “que cagada né? Óbvio que você tava errado, não tem nem o que dizer, né?!” Aí depois a gente parou pra fazer um lanche, num lugar que a gente nunca tinha parado assim, comemos umas coisas e meu pai adorava bolinho de carne, aí ele comeu e aí, (Jesus) vai morrer na boca da estrada, um bolinho de carne, vai ter um treco, e aí... Mas foi bem gostoso assim, foi bem:: Uma viagem bem leve assim, coisa que eu não imaginaria, assim.

**Uhum.**

Mas, é engraçado que daí teve uma semana que a gente ficou só os dois em casa, e eu não sei o que eu fiz essa semana, é algo que eu também não... não lembro assim, tem alguns pedaços dessa história que, assim, tem coisas que me marcaram e ficou e tem coisas que eu realmente não sei. Então, nessa semana eu não sei, assim, fui pra aula, voltei, mas não sei como é que foi minha relação, se eu conversei com ele, se ele tava em casa, se ele não tava em casa. Então, também não tenho isso, assim. Meu pai já tava aposentado também, então, é pra ter ficado em casa, sei lá ((risada)), não sei. Mas também não ficou assim, gravado pra mim e foi uma semana, né, é bastante coisa.

**E... como é pensar que foi justamente no seu período de adolescente?**

Ai, eu acho que, é... ((pausa)) não sei, a gente espera por algum momento que seus pais vão morrer, né? Mas não tão cedo assim. Então... Acho que dá um... Não é nem raiva, mas cê fica tipo “poxa, por que?”, sabe? Tinha tanta coisa pra gente fazer junto, tanta coisa que a gente podia viver, né? E aí de repente interrompe TUDO, assim. Porque quando a gente... Acho que quando a gente é criança ou adolescente, a gente não pensa na morte, né? A gente não espera isso, a gente vai esperar depois que a gente começa a ver que realmente as pessoas morrem ou, então, alguém tá doente, ou alguém mais velho, é... e aí, é.. eu lembro da mãe do meu pai, a minha vó falando que ela ficou muito indignada porque pra ela foi a inversão da ordem natural das coisas, ela que tinha que morrer primeiro, né? E isso eu lembro que me gravou, tipo, “é nada a vê, sabe, por que que tá acontecendo isso agora” sabe? E pra mim foi, foi um BAQUE assim, de não tá certo, de não era pra ser agora, era pra ser dePOis, quando eu já tivesse grande, com sei lá, casada, com filhos, né? É... Mas acho que um pouco do meu entendimento também, eu fico pensando, hoje meu pai teria 85 anos e, eu fico pensando, nossa, e eu não consigo imaginar ele VELHO, sabe? Eu não consigo pensar nele como alguém que, inVÁLido, ou que com problema de saúde, que não consegue fazer as coisas, que ele sempre foi super ativo assim, então, é.. Eu não consigo imaginar ele nessa situação. Então, assim por um lado a gente pensa, bom, o melhor de ter acontecido, né? Era pra ter sido assim, a gente/ Hoje a gente aceita. Mas eu lembro de na época ser mais difícil assim, de... de entender, sabe?! Por que que tinha que acontecer tão cedo? Pra mim foi fora da hora assim.

**Uhum. E... olhando pro teu caminho depois, pós 15 anos aí, o que que você vê a partir dessa morte?**

Olha, eu, eu vejo o quanto... não é... Como que é a palavra, mas, num fica a toa isso né? Tem uma marca bem grande assim. E aí.. é... acho que só quando a gente passa pela terapia pra gente entender, assim... O que que de fato tá relacionado, assim. E aí eu vejo que, tipo, minha vida inteira tá relacionada com essa morte, sabe? Porque chega a ser bizarro porque tipo, “tá, a gente

caiu nisso de novo”, tipo ó “de novo isso” porque:: é::... querendo ou não você sente que você foi abandonada. Tipo assim você/ Claro, você entende, é uma perda, não foi uma escolha, nada disso, mas você sente, “POxa, PAI, era pra você tá AQUI. Por que você num tá aqui junto comigo?” E isso deixa um buraco muito grande, então, pelo menos pra mim ficou, ficou assim, fica um buraco que eu tentei preencher de todas as formas, assim. E:: aí eu preenchi com o namorado, eu preenchi com amigo, eu preenchi com alguém que tava sempre ali e aí:: recorre que, tipo, quando meu namorado terminou comigo foi assim, TÃO dolorido quanto, porque ele tava ocupando um papel muito importante pra mim, que era o papel do meu pai, sabe? E aí, é meio injusto com ele também botar ele nesse lugar ((risada leve)), mas eu vi que acaba que eu fui colocando, assim, tipo, “pessoas não me abandonem porque eu não sei lidar com isso mais”. É:: e acho que isso que vai/ Acabou pesando nas minhas relações, sabe? Huum...tanto um querer tamponar essa falta de alguma forma assim, de coloca alguém ou alguma coisa, quanto a ser muito difícil aceitar que as pessoas vão embOra, que você pErde e que você entende que, terminar um namoro não/ a pessoa não tá morrENdo, sabe? É, isso até é engraçado assim, isso foi depois de um processo de terapia bem grande assim, do meu pé na bunda, e eu chamava ele, eu sempre falava, eu não chamava ele de ex, ou pelo nome, eu comecei a chamar ele de falecido. Né, porque o falecido isso, o falecido aquilo, e nã-nã-nã. Até que, “PORRA eu matei ele também”, sabe assim?! Tipo, por que isso? Aí pra eu entender que são coisas diferentes assim, o namorado tá lá, do jeito dele, podemos nunca mais se falar, mas ele não morreu. Meu PAI que morreu, sabe?! E aí consegui separar que são lugares diferentes, assim. Mas querendo ou não eu acabei colocando assim, pra suprir essa falta de ter um homem ou alguém ali, eu botei muitas coisas nesse lugar assim. É:: como eu falei, até a minha escolha pela hospital, assim, né... Depois que eu tava lá dentro, eu fiquei “ai, nem gosto desse lugar”. Mas assim, a princípio foi uma escolha, tipo assim, “é óbvio que eu quero trabalhar aqui”, sabe? Muito assim, num pensei duas vezes, sabe?

**Mas da época que foi tinha a consciência ou a ideia de que queria trabalhar lá por causa da morte do pai, ou foi, ou isso veio depois?**

Eu tinha assim aquela vaga ideia, sabe? Eu sei, mas não quero falar sobre isso agora assim ((risada leve)). Aí foi um pouco depois assim, quando tava acabando a residência, eu comecei a me desesperar, tipo, o que eu vou fazer da minha vida? E aí eu comecei a pensar, ah, não quero trabalhar em hospital, num quero trabalhar em instituição, eu prefiro ser autônoma e aí fui vendo, que tipo, porque eu me meti naquilo, né? E aí que eu fui começar a perceber, assim... Mais claramente, né? Ou realmente fui ver né, não tava me deixando ver isso, assim.

**Uhum.**

((telefone dela toca e dispersa um pouco. Ela vê quem está ligando, mas não atende.)) Deve ser propaganda ((risada)).

Enfim, mas foi só depois, que eu realmente parei pra ver assim, tipo, o que que essa escolha tava em jogo, né, assim. Não só uma escolha, nunca é só uma escolha ((risada leve)).

**Uhum. E como é falar sobre isso hoje?**

Hoje, muito melhor, assim. Houve tempos em que eu não conseguia ouvir a palavra pai sem chorar. É:.... Tipo ver pessoas falando, dia dos pais era terrível, é assim... Dava um vazio existencial, tipo, todo mundo comemorando, menos eu, assim. Tipo pobre coitada de mim. E aí...

**Você está emocionada? ((percebo emoção na entrevistada))**

É... E acho que... Aos poucos, isso foi melhorando assim. Esse ano até, acho que foi um dos primeiros anos que eu falei “Nossa! Dia dos Pais, isso existe, né?” É verdade, quando é que eu tinha que ver por alguma razão, não sei se viagem ou alguém tinha um compromisso e, eu falei, “gente, eu não sei quando é dia dos pais”. E aí, tipo “ah é, é nesse fim de semana, ah ta entendi”. Porque realmente passou assim. Antes eu ficava tipo, meses antes, tipo, aí dia dos pais, que sofrimento assim, agora, é mais tranquilo. Mas antes, assim se fosse, alguns anos, talvez eu



não tivesse aqui dando essa entrevista, porque talvez eu não conseguisse, sabe? Era bem difícil assim. Eu evitava, se as pessoas falavam sobre isso, tipo, eu, “ ah, vou ali na cantina e já volto” sabe ((risada leve)), não quero escutar porque, sei que não dou conta, assim. Então, agora tá bem mais tranquilo assim, não que seja FÁCil, mas tá mais tranquilo do que um dia já foi, assim. Mas vira e mexe, ainda me toca alguma coisa, assim. Mas consigo falar mais tranquilo, assim. Antes era tipo, ai/ porque as vezes as pessoas não te conhece e pergunta, “ah você mora com quem::?” “ah com a minha mãe”, “ah e o seu pai?”, aí você tipo, eu dava aquela “eh, ah, eh” ((como se estivesse gaguejando)), não conseguia falar. E aí, agora, tipo não, “meu pai já faleceu” e OK. Antes eu não sabia nem dizer tipo meu pai morreu, meu pai faleceu, o que que eu digo? Que, que, como que fala isso, eu não conseguia nem achar uma palavra que tentasse dizer isso, assim. Hoje já é assim, um pouco mais fácil pra poder pensar sobre tudo isso assim, sem tá aos prantos ((risada leve)).

**Quando você começou a falar sobre hoje o que mais te impacta é o fato de ele não estar com você nos seus momentos mais importantes, foi o momento que a emoção mais veio, assim. O que que você acha que essa sua emoção diz?**

Ah, da falta que ainda faz, né? Acho que a gente leva, sabe? A gente tá tudo bem, a vida continua assim, mas ((emocionada, voz de choro)) eu acho que não é nem do fato de, “ah, se ele tivesse aqui, a gente ia ser super amigo”, acho que não. Nunca fomos melhores amigos, não ia mudar da água pro vinho, mas acho que faz falta de... A presença sabe, de ter alguém ali, ocupando esse lugar, de:: talvez essa vontade que a gente tem de os pais é:: estarem felizes com o que a gente faz e aceitando e concordando e, tipo, dando apoio, sabe? “Vai lá que tá tudo bem”. Acho que isso falta, assim. É porque... Não posso reclamar da minha mãe de forma alguma, ela tentou muito e fez muito bem cumprir as duas funções, mas a gente sabe que é diferente, né? E eu acho que falta a presença, assim, é o que mais falta assim. Porque não é que eu fique, ai esperando vir me dar parabéns, não é isso. Mas de saber que tá ali, sabe? De “ai,

vamo sair comemorar comigo”, sabe? Fazer alguma coisa juntos, assim. Meu pai sempre foi de comemorar coisas e sempre gostou de ter a família reunida assim. E:: a gente/ ((risada leve)) meu pai era virginiano do tipo, assim né, tudo certinho. Então, toda quinta-feira a gente saia pra jantar a família assim. E... e algo que me marcou assim, porque podia ser no bar furreca da esquina, mas a gente ia, porque tava marcado e era nosso momento de sentar todo mundo e conversar. E aí, essas pequenas coisas, do tipo, “vamos sair pra jantar todo mundo pra comemorar essa conquista assim”. Lá em casa a gente tem muito de, né, brindar essas co/ as conquistas de cada um e aí, cê fica tipo “Ai... Queria contar isso pra ele também”, sabe? Queria que ele tivesse aqui, tivesse orgulho de mim. É::... Porque aí, o que a gente percebe é que a gente fica correndo, correndo atrás de tentar:: ainda ser um orgulho, né? E aí... Na verdade assim, sei lá o que o meu pai queria de mim, né? E aí acho que o que pesa é que eu não vou saber, e aí, você fica nessa tentativa, né? Então vou fazer medicina. AH não, não vou mais fazer. Vou trabalhar no hospital. Não, não vou mais trabalhar. Vou ser independente. Será que era isso, sabe? É... Num sei assim, é bem:: é bem difícil você:: querer tá sempre agradando alguém que não tá aqui, sabe? Porque quando é a mãe você vai lá e pergunta, né, “Mãe e aí? Tá tudo certo ou tá tudo errado?” Mas quando a pessoa não tá mais presente fica mais difícil, assim.

**E isso se faz presente no seu cotidiano, na sua vida desde então?**

Faz. Faz porque... Como eu falei assim, é:: as minhas conquistas foram muito pra ele, assim, de um desejo que eu imagino que ele tinha, assim, de:: Eu, eu escutei muitas vezes ele falando que ele queria que as filhas se formassem numa faculdade, porque as outras duas mais velhas, que é só por parte de pai, é:: não se formaram, e aí eu colocava isso como, eu e minha irmã a gente vai se formar. E assim, sei lá se era isso que ele queria, mas no meu imaginário ficou isso né, de que era isso que ele queria, e eu tinha que fazer, então, nunca passou pela minha cabeça, NÃO fazer uma faculdade. Nem que fosse pra jogar o diploma no lixo depois ((risada leve)), mas eu tinha que fazer isso. E acho que isso vai se mostrando de outras formas de, assim, eu

tenho que, sei lá, ter uma profissão e ser alguém muito boa no que eu faço e:: a todo instante querendo mostrar que, eu sei que eu dou conta, e que eu sou muito boa e que eu quero uma perfeição que não existe, e:: acho que tem muito esse traço assim, de querer fazer algo pra chamar atenção de alguém que não tá aqui, assim. Mas isso com certeza, vai marcando assim, as minhas escolhas.

**Então, é uma ausência completamente presente?**

Completamente presente. E::... Pior é isso, né? Porque é um imaginário, assim. E, eu lembro de, de, depois de muito tempo... Até não sei quanto tempo, deve fazer um ano, dois, assim... Que eu lembro que devo ter tido um sonho que meu pai tava com outra mulher, e não era minha mãe/ eu não lembro exatamente que que era, mas eu lembro que foi o momento que eu caí, assim, em mim, que meu pai não era perfeito. Ele errou muito. Ele casou três vezes, ou seja, ele não encontrou o amor dele na primeira/ Sabe assim quando você vai vendo que “Nossa! Então tá tudo BEm, eu também posso errar, porque ele também não era tudo isso”. E aí você vai desconstruindo essa imagem, porque no começo eu botava ele TÃO lá em cima que, eu preciSAva alcançar aquilo, e isso era MUItto difícil, né? Então virava um peso pra mim também, e aí conforme eu consegui desconstruir um pouco dessa imagem “pai ideal”, “pai herói”, “pai tudo”, assim, eu comecei a também pegar mais leve comigo, assim, de me permitir não ser A melhor. Eu posso ser boa, sabe? E::... Enfim, é consegui dar uma manejada nisso tudo assim, porque o peso de tentar ser tão bom quanto era bem difícil, assim.

**Você falou que ele foi casado duas vezes e teve outras duas filhas, é isso?**

É, é. Foi assim, meu pai casou a primeira vez teve dois meninos. Aí, um faleceu que eu nem conheci, eu não era nascida. E aí ele casou pela segunda vez, teve duas meninas, aí se separou, casou com a minha mãe, teve mais duas, eu e minha irmã.

**E na sua fala, você fala bastante sobre a sua mãe, o impacto de ter visto ela, sobre ter passado esse processo com ela, e fala um pouco sobre a sua irmã, assim. Como que você vê tudo que aconteceu nesse núcleo familiar ali, vocês três após a morte dele?**

Olha, acho que:: teve um momento assim, meio que eu:: quis me afastar da minha mãe, assim, porque ela tava insuportável ((risada leve)), porque era muito difícil conviver com ela, era um peso muito grande assim, do que ela carregava e que era difícil tá do lado dela, assim...

**Por conta da morte. Isso?**

É. Aham, assim, ela ficou um tempão assim, que isso/ eu sei por alto, porque eu não sei onde eu estava naquele ano, assim, pra mim, 2005 foi um ano que eu não sei o que eu fiz. Mas eu lembro, ela ficou muito tempo na cama né? Entrou numa depressão que na época eu não sabia que era, mas hoje vejo que de fato era, uma depressão bem forte assim. Então, tinha dias que ela não saia nem do quarto... É, algumas amigas ajudaram, a gente tinha uma empregada na época que era de família assim, então ela também ajudou bastante, assim, e eu lembro que foi difícil assim, estar junto dela. E aí::... Quando ela se mudou pra Curitiba que a gente ficou as três juntas de novo, foi... Pra minha irmã foi difícil porque minha irmã morava sozinha, de repente, tava morando com a família de novo, então pra ela foi esse peso e... Eu também tinha ficado um ano só com a minha irmã, daí com a minha mãe de novo deu um baque, e ela chegou assim muito sugadora, assim, porque ela tava sem ninguém. Ela não tinha amigos, ela não tinha emprego, ela não tinha um marido e ela tava, tipo, perdida, e ela se tornou uma pessoa/ isso a gente falou pra ela, ela se tornou uma pessoa parece que fraca, sabe? Não fazia nada, ela não dava conta de nada sozinha, a gente falava “mãe vai fazer uma atividade, vai procurar isso, vai fazer alguma coisa que você goste de fazer, sei lá, um artesanato, qualquer COisa, assim” ... E ela não conseguia, não dava conta, ela não saiu de casa direito assim, é:: então, essa adaptação dela aqui foi difícil, ainda mais com todas essas circunstâncias, assim. Então, eu lembro que foi bem difícil assim, a gente olhava e dizia assim “mãe, você não é mais minha mãe, você não é a

mãe que eu conheço”. “A mãe que eu conheço resolve as coisas, você não resolve nada, você não faz nada, você tá aqui, tipo viVendo, né? E ponto”. E aí:.... Foram acho que um dois, três anos, chamando ela e conversando assim, tipo “você tem que fazer alguma coisa, você tem que buscar uma ajuda”, porque não tá certo assim... porque aí foi o momento que a vida da minha irmã foi, eu entrei na faculdade e foi também, e eu sinto que a minha mãe ficou assim. E até hoje assim, ela foi nos psicólogos mas daí para, daí vai um pouco, daí para, enfim, naquilo assim. Ela realmente não procurou de fato uma ajuda assim. Mas ela tá muito melhor, assim. Mas teve um tempo assim, que ela realmente tava muito diferente assim, muito difícil conviver, porque é difícil conviver com alguém negativo, triste, que não faz as coisas. E pra mim foi um baque ver minha mãe assim. “Mãe, você era meu exemplo! Sabe? O que que aconteceu com você?” Ela sempre foi uma pessoa forte, decidida, e a história de vida dela, é uma história que não foi fácil assim, ela veio de uma família difícil, ela lutou pra estudar, ela lutou pra trabalhar, ela.. lutou pra ter a casa dela, lutou com o preconceito por ter casado com meu pai, porque ele era mais velho e ela era pobre, aí ficavam dizendo que ela tava dando golpe ((risada leve)), enfim, foi várias coisas que você vê e... nossa! Que mulher! Ela começou como faxineira do hospital, terminou como diretora. Aí você fica, tipo “Caralho, que história MAssa!” E de repente, chega alguém que cê fala, ela não faz nada, não vai na esquina sozinha, ela não dá conta das coisas dela, aí ela virou, tipo, hum, uma empregada doméstica porque ela só ficava em casa limpando as coisas porque ela o que ela sabia fazer e aí foi bem difícil vê isso assim, porque, é como se tivesse:: tirado toda a imagem que eu tinha criado da minha mãe, assim, que se tornou alguém que não é a pessoa que eu conheço. Então, nesse primeiro tempo foi bEm mais difícil assim. Aí nos últimos anos tem melhorado assim, porque, enfim, ela procurou se ajudar também:: daí enfim, ela começou um volunTÁRIO, aí foi lá e fez alguns amigos e a gente começou... Depois de muitas conversas, a gente começou a falar “vai” sabe, assim? Ah, não sei quem convidou pra num sei o quê::”, “VAI! Você vai! VAI fazer sim. Vai dar uma volta, vai

fazer o que você quiser”, assim. Então, deu uma melhorada assim. E::... A minha irmã casou, se juntou, né? Foi ano passado?! Então, pra minha mãe foi um baquezinho também, mas eu já vi que ela lidou de uma outra forma, e ta aceitando bem, assim e aí::... Até assim, isso fez com que nós duas se aproximássemos bastante assim, sem a minha irmã. Porque, num primeiro momento foi um:: foi difícil porque daí, veio tudo pra mim, né? Todas as demandas eram pra mim. Mas depois assim tipo, acho que eu comecei a administrar e aí tá um pouco mais leve, e a gente assim, claro, ainda briga, mas no geral assim, tá bem mais tranquilo, sabe?! Ela também conseguiu a independência dela, assim. Não tão facilmente, mas foi assim.

### **Uhum... E com a sua irmã?**

Ah com a minha irmã sempre foi tranquilo assim. A gente nunca, a gente... Eu tava pensando nisso esses dias, num sei porque. A gente nunca brigou assim, do tipo, a gente discutiu, a gente discordou, cada uma foi pro seu lado e cinco minutos depois a gente tava conversando de novo porque já tinha esquecido que tinha brigado assim. Então nunca foi algo muito, MUito assim... E aí sempre que tem necessidade a gente senta pra conversar, assim. Às vezes eu mando mensagem tipo, “Me ajuda! A mãe tá louca!” ((risada leve)). E aí ela dá um suporte legal assim, porque, ah, eu digo que a minha irmã é mais equilíbrio aqui em casa, a minha mãe é totalmente 8 ou 80 e eu também, então, ou a gente tá se amando, ou a gente tá se odiando e aí, a minha irmã é do tipo “conversem pessoal! Vamos aqui ó, discutir essa relação”. E aí ela vem pra mediar assim, então isso é bom. Então com ela nunca teve nenhuma questão assim.

### **E depois do falecimento do seu pai, teve algum tipo de aproximação de vocês duas diferente, ou isso também é uma coisa que... ?**

Eu acho que a gente sempre foi próxima, assim, e... acho que aconteceu que eu acabei me mudando pra cá, então, morou só nós duas. Então, isso nos aproximou bastante também. Mas acho que... não acredito que tenha muDAdo alguma coisa, acho que continuou BEm, assim. É:: quando possível a gente conversava sobre assim. Mas:: também, não conversava muito, se

acontecia alguma coisa a gente chorava junto, mas, no geral assim não, não tinha muitos assuntos sobre o meu pai ou algo assim. Mas a gente continuou bem, assim. Não mudou muita coisa.

**Uhum...**

((silêncio))

**E cê tem mais alguma coisa pra falar sobre o assunto, uma coisa, alguma coisa que te mobilize mais ou que seja importante, que você queira que eu saiba?**

Não sei... acho que eu falei bastante ((risada)). Acho que foi isso assim, não sei se tem mais alguma coisa. É:... ((silêncio)). Acho que não é fácil, mas a gente dá conta em algum momento, assim. Acho que algo que eu aprendi com isso foi de vivenciar mesmo as perdas que eu tive assim. É... E foi/ até foi engraçado pensar que foi de fato um processo assim, porque meu pai eu não consegui, né? Eu não fiquei no velório direito, eu não olhei o caixão, eu não vi nada, eu nunca mais/ eu nunca mais não, no cemitério, eu fui pouquíssimas vezes. As primeiras vezes foi porque minha mãe me levou, depois eu falei “mãe, eu não gosto desse lugar, eu não vou!”. E aí eu consegui dizer que não iria mais porque pra mim aquele lugar era ruim, assim, nunca trouxe nada. Minha mãe vai pra sentar e conversar com ele, assim, eu pra mim era tipo “não sei porque que eu tô olhando pra esse negócio de cimento, sabe?”. Não fazia sentido nenhum. Então, demorou muito pra eu explicar pra ela assim e ela entender que não fazia sentido. Se for pra eu rezar e pensar nele, eu vou pensar na minha casa, em outro lugar que não lá. Então, eu consegui me desprender disso, assim, um pouco. Mas:: Aí eu fui vendo, assim, depois de um tempo a minha vó faleceu, minha avó paterna e... Eu tava viajando, aí eu não fui no velório e, aí, depois eu me arrependi porque eu achava que devia ter ido, que não cus/ Tipo, eu tava na Ilha do Mel, era um puta trampo assim. Eu tava voltando, mas eu falei assim “cara, eu não vou conseguir chegar! Como que eu vou fazer?” Eu sei que eu decidi/ pra mim racionalmente, era melhor não ir, porque eu tava com meu namorado, ele ia querer pegar o carro e fazer loucura

pra dirigir, pra chegar lá, eu falei “Não! Tá tudo errado, não vou! Vou na outra semana pra missa”. E aí, racionalmente eu fiz e ok. Fui pra missa e tal... E aí aproveitei, acho que tava minhas... Acho que era férias da faculdade, alguma coisa, que eu consegui ficar lá, a gente mexeu no apartamento, mexeu/ Então, pra mim aquilo foi bom, assim. Eu me arrependi de ter ido no velório, mas no fim das contas, como eu fiquei lá e arrumei as coisas dela, no apartamento, eu fui fazendo esse processo, assim né, tipo mexendo em coisas, peguei várias coisinhas dela pra mim, assim, que eu gostava. Sabe aqueles cacareto que ninguém quer? Eu queria. Eu falei quero só pra mim, eu fui pegando, então, isso foi um processo bacana assim. E aí quando a minha avó materna faleceu, foi ano passado? Retrasado. E aí eu consegui ir. Porque essa acho que, esse negócio de morar longe, né... Minha mãe ficou sabendo que ela não tava bem e aí foi e aí ela me ligou no meio do caminho, tava ela e a minha irmã, tipo, “olha, ela já faleceu”. Aí eu só peguei o ônibus e fui e a gente se encontrou, todo mundo chegou meio junto assim. E aí, daí nesse eu conseguir ir no velório, fiquei lá, eu vi o corpo. Aí eu ((risada leve)) até falei assim/ Foi bem bizarro, isso, eu encostei porque, eu senti essa necessidade que eu não tinha feito com ninguém, eu fui assim, eu encostei, vi que jeito tinha, tipo “ah, tá bom! Não preciso mais. Entendi como funciona” e aí eu vi que tipo, nossa, realmente, foi um processo de três perdas importantes pra eu conseguir entender que O VELÓRIO É IMPORTANTE. Tipo, porque que eu num fui lá atrás, sabe? E aí hoje eu consigo, tipo, aí era adolescente burra mesmo, né?! A gente é meio rebelde, sei lá. E aí acha que essas coisas não têm importância, sei lá. Então, hoje eu consigo, olhando pra trás, ver que eu devia ter feito diferente, mas num fiz, né?! Fiz do jeito que deu. Mas eu considero assim, mUito importante. Então, se alguém me pergunta “eu vou no velório?” eu falo “VAI: Você vai sim”. É importante, sabe? É o meu maior aprendizado assim. Acho que foi um processo que eu precisei passar pra entender mesmo.

**Uhum... É... E como você tá agora?**

Ah, tô bem!



**Tá tranquila?**

Uhum... tá tranquilo.

**A princípio eu acho que é isso, não sei se você tem vontade de falar mais alguma coisa...**

Acho que não...

**Deu pra eu, pelo menos, a princípio, conseguir compreender o todo, o processo como um todo, na verdade, né? É um processo mesmo, né? São vários anos aí entre essa perda e esse momento de hoje, então tem um processo grande aí de perceber o quanto isso tem, é:: influência... O quanto exerce... O quanto isso tudo exerce ainda na tua vida hoje, nas suas decisões, nas suas escolhas...**

Sim...

**Então, acho que é isso a princípio. De novo agradeço muito, você ter se disponibilizado a falar e a estar aqui. Acho que vai ser super importante, muito obrigada.**

Bacana, obrigada. Imagina.

## ENTREVISTA IV: MATILDE

Então daí quando... quando eles romperam é... foi um... foi/não foi um, um, um TÉRmino muito... FÁCil assim né? E o... meu pai, não teve muita vontade de manter muito contato comigo, após o rompimento do relacionamento. E logo após isso minha mãe conheceu o M... Então eu convivia com ele desde os meus dois anos de idade assim sabe?

**Aham.**

E:: A mãe me conta, que... ela nunca me ensinou que ele era meu pai...

**Uhum**

E que ela... quando ela comece/até quando eu comecei a aprender a falar... esse tipo de coisa ela se referia que eu tinha que chamar ele como TIO. E chamá-lo de pai foi... uma manifestação Minha.

**Uhum**

Entendeu? Que daí eu comecei... a me referir a ele como pai pequenininha. E... ela corrigiu as primeiras vezes até que chegou um momento que ele falou que não era mais pra corrigir. Que se EU tava com a, é, é manifestando daquela forma ele enten/ele também tinha o mesmo sentimento por mim, então, ele achava que não tinha que reconhecer. Que eu TINha que saber qual era minha histó::ria, tanto porque eu nunca fui adotada. É, meus documentos são no meu/no nome do meu pai biológico... mas... é... que não tinha que... ensinar que não era daquela forma... Então assim, a vida inteira eu soube disso, mas o meu pai foi o M.. Entendeu?

**((interrompe a entrevistada)) Quem você considera como pai...**

Isso, é o M.

**Uhum... Ele quem você chama de pai.**

Exatamente.

**O pai biológico você não tem contato nem hoje?!**

Eu conheci o meu pai biológico depois que eu perdi o M.. É/uh/eu perdi ele com quinze anos, quando eu tinha dezesseis anos, é::: eu descobri que eu tinha uma/que eu tinha duas irmãs... biológicas. E que a mais velha que tinha doze anos na época, sabia que eu existia e ela tava tentando ter contato comigo porque ela queria me conhecer. Então, eu conheci as minhas irmãs e um dia acabei conhecendo o meu pai. Só que::: eu não tenho contato com ele assim, eu tenho contato com as minhas irmãs e eu não posso nem te dizer que é um contato de irMÃ. Como a gente não foi criada juntas, eu fui descobrir a existência delas com dezesseis anos, eu não tive aquele vínculo assim de irmã. Na/na minha essência eu sou filha única...

**Uhum**

E::: E daí eu coNHEço meu pai biológico, conheço o ML. Mas pra mim ele é uma pessoa totalmente indiferente assim sabe? Eu não tenho afeto, vínculo com ele nenhum. Uma vez ele me abordou pra gente conversar sobre isso sabe? Ele falou que::: que ele era o meu pai::: não sei o que e EU falei isso pra ele, que o meu pai é o M. Que::: fo/existiram coisas e sentimentos que:: eu tive com ele que não dava pra construir mais entendeu? Que já tinha passado, é:: essa oportunidade. E tem coisas que não tem como recuperar né?

**Uhum.**

O tempo foi perdido, passou... Então assim, hoje ele me respeita, respeito ele mas não/nós não temos... relação assim sabe?

**((interrompe a entrevistada)) Contato frequente...**

A gente TEM contato porque a minha irmã mais/a do meio ela me procura bastante assim sabe?

Mas a gente não/é tipo oi tudo bem::: e não passa disso sabe?

**Uhum... E como foi pra você ter perdido teu pai?**

Foi muito difícil... Foi:::.... Eu nem sei definir como é que foi assim sabe? Porque:::.... Antes eu achava que era uma coisa muito injusta hoje eu procuro... achar... que::: eu tive sorte... sabe? Que eu tive sorte eu tive um período com ele. Foi CURto mas eu tive entendeu? ((voz estremecida)). Mas... Eu não sei se isso é certo mas... É muito comum eu pensar as vezes em como seria se eu tivesse ele sabe? A/a/como EU seria e::: como as coisas teriam acontecido se eu tivesse ele. E eu me questiono bastante isso assim sabe? E... só que pra mim foi muito difícil vê a minha mãe mal. ((voz estremecida)). Porque a minha mãe entrou numa depressão muito profunda assim sabe?

**Uhum.**

Então::: lutar contra a depressão dela foi uma coisa... mUIto pesada assim sabe? Eu acho que::: as vezes eu/eu converso/a única pessoa com quem eu converso muito sobre isso é o C. ((marido)).

**Uhum.**

É::: eu falo pra ele que às vezes... eu não manifestei... as coisas que eu sentia, porque eu sentia que o que eu manifestava, é::: acabava abalando mais a minha mãe. Entendeu? Então, muita coisa eu guardei pra mim. É:::.... É, eu nunca chorei na frente da minha mãe, sabe?

**((interrompe a entrevistada)) Por conta do/desse assunto?!**

Uhum, por causa disso. Então assim, eu acho que... é, é difícil a perda mas é difícil também você não poder velar aquele sentimento dentro de você sabe? Tipo manifestar assim. Então fo/foram coisas que eu percebi que foram muito difíceis pra mim assim sabe?

**E você sentiu que não conseguia manifestar isso por, por conta da tua relação com ela mesmo...**

Uhum

**Por ver ela.**

Uhum, exatamente. Porque::: é:::.... A minha mãe perdeu o pai dela. A minha mãe, é::: perdeu o pai dela com três anos de idade.

**Bem novinha.**

Então assim, é::: eu acho que foi uma mistura de sentimentos pra ela porque ela sabia o que seria pra mim não ter um pai, em regra, e ela também tinha perdido o companheiro dela. Então, ela às vezes acabava sofrendo de uma maneira complicada assim porque ela já sabia o que poderia acontecer. A falta que faz assim sabe? Mas, é foi mais difícil eu acho que por causa disso assim sabe? De não conseguir manifestar o que eu realmente sentia e as responsabilidades que acabaram ocorrendo... por não ter... uma figura de proteção sabe? Porque::: o meu pai ele era::: a base de casa assim ele que decidia tudo. É compras, dinheiro, toda a administração da nossa família::: era o meu pai. Então, a gente teve que aprender na marra a se virar sabe? E...

**((interrompe a entrevistada)) Inclusive você, mesmo sendo nova, você sente que teve que...**

Porque assim, como/a minha mãe ficou de cama. A depressão dela é::: deixou ela de/acamada mesmo assim sabe? Então, muitas coisas vinham e eu tinha que resolve e quem me ensinou a resolver algumas coisas foi a minha vó. Mas a minha vó mora em ((nome da cidade)). Então assim, ela me mostrava o rumo e::: eu fazia tipo de ir paga conta, ir ve o que tá acontecendo. Tipo a/de chegarem a pa/a cortarem a luz de casa. Tá porque que cortaram a luz de casa? E eu não tinha a menor ideia assim sabe?

**Uhum.**

Daí eu ir vê que, qual conta que tava atrasada, num sabia que não podia pagar em qualquer lugar... E eu não tinha isso ca/da minha mãe. Porque a minha mãe... não tinha condições. Ela tava doente entendeu? E:: Então muita responsabilidade eu puxei pra MIM. Sabe? E::: isso me gerou ansiedade. Hoje em dia, eu tenho ansiedade. E::: a ansiedade se manifesta até tipo, em questões físicas assim sabe? Eu tenho um problema de pele, que eu associo muito a minha ansiedade. E eu acho que é por causa disso sabe?

### **Por causa das responsabilidades?**

Isso. Aham.

### **E na época moravam você, a sua mãe e seu pai?**

E meu pai, aham. Nós três.

### **E o que que aconteceu com ele? Eu lembro muito vagamente.**

Ele:: trabalhava numa... A minha tia/a irmã mais velha dele tinha uma empresa de/uma empresa de vidros. Essa empresa tava crescendo e tava comprando outras pequenas fábricas assim. Meu pai era gerente geral da empresa maior gerente de::... aí... de produção. E::: eles compraram uma, uma fábrica menor na ((nome da cidade)) e:: a pessoa que eles mandaram pra começar a administrar lá foi o meu pai. E um/e esse lugar era bem afastado assim. Era na, na parte de indústrias lá na ((nome da cidade)) mesmo. E umas pessoas entraram na hora do almoço, renderam o sócio, e o meu pai acabou sendo baleado. Ele ficou internado... Foi na terça-feira? Ele foi baleado no dia quatro de juLHO e faleceu no dia sete. Só que não foi em decorrência diretamente do, da bala. Foi:: uma série de questões que acabaram se desencadeando na saúde dele, que daí ele veio a falecer. Porque o meu pai ele era obeso.

### **Uhum...**

Então, um/as questões acabaram ficando mais complicadas sabe?

**Entendi...**

Então foi em decorrência::: do assalto mas não especificamente por causa do assalto. Entendeu?

Não foi imediatamente. Foram::: três dias depois.

**E como foi... receber essa notícia do assalto e::: esses três dias, como... Do que que você lembra?**

É::: O::: Eu sou de fevereiro. E quando eu fiz quinze anos, em fevereiro meus pais decidiram que eles queriam fazer uma festa pra mim. Só que daí não dava mais tempo pra organizar tudo e tal e eles acabaram transferindo minha festa pra metade do ano. A minha festa foi dia primeiro de julho. Então foi/no sábado foi a minha festa e eu lembro assim que::: eu acordava. O banheiro era do lado do meu quarto. Então, todo dia eu acordava com o meu pai tomando banho e se arrumando pra sair. Então, eu lembro que na terça feira/e às vezes quando ele passava pelo meu quarto eu falava com ele né? Na terça feira eu lembro que eu escutei ele sair e eu não falei com ele, continuei quieta na cama. E::: quando eu voltei da escola, quando eu voltei da escola, é ligaram em casa e falaram que ele tinha sido baleado.

**Falaram pra você?**

Não, falaram pra minha MÃE e::: o meu pai ele tinha um, tinha sido casado antes, então, ele tinha dois filhos mais velhos né?! Que eu. Daí a minha mãe já ligou pro J. que era mais velho porque daí minha mãe ficou em estado de choque ela já/não quem ligou pro J. fui eu. É::: ela já não conseguia fazer nada daí o J. veio pegou nosso carro e a gente foi até o hospital. Daí a gente passou o dia inteiro, até conseguir receber notícias dele...

**((interrompe a entrevistada) E ele já estar internado?**

É. Daí ele, ele, a gente chegou antes dele no hospital. Eles avisaram pra qual hospital ele tava indo, ele foi pro ((nome do hospital)). A gente foi antes que, chegou antes lá e daí ele foi pra

cirurgia e tal. E ele só saiu de noite. E::: daí eu lembro que:::.... que a terça feira foi tomada por isso assim de a gente conseguir saber o que tava acontecendo e quando ele saiu da cirurgia falaram que::: as, a bala não tinha::: é::: passado por nenhum órgão vital, que tava tudo bem que era só a recuperação. Daí na quarta feira... É::: a gente já começou a tentar transferir ele porque é como era trauma entra direto pelo SUS né? E daí já tentou transferir ele porque a minha mãe é da saúde e quando ela viu o hospital ela ficou BEm assustada assim sabe?

**Uhum.**

E daí é/ela já começou a mexer com isso com a minha tia, irmã do meu pai. E::: na quinta feira eu consegui vê-lo. Só que tinha horário de visita, então, era bem rapidinho assim sabe? E eu vi ele pouquinho tempo, acho que eu vi sei lá uns quinze minutos. E::: ele tava MUito sonolento, MUito sonolento. Ele começava a me responde::: e dormia assim sabe no meio da resposta. E a gente estimulava, daí ele acordava, daí ele voltava e não conseguia terminar de/uma conversa ele não tava muito consciente assim sabe? Mas eu... eu lembro que era por causa do sono. Não sei se era a medicação que tavam dando pra ele. E daí::: na sexta feira... eu tava em época de prova na esc/no colégio e tinha prova na sexta feira de manhã... Ligaram pra mãe cedo e ela foi pro hospital. Mas na sexta na hora do almoço ele seria transferido. Daí a mãe saiu/daí eu já fui pra cama da mãe. Aconteceu tudo isso eu já comecei a dormir com ela.... Daí eu já vi ela saindo e tal e eu ia pra escola a pÉ eu fui pra esc/colégio... Eu cheguei no colégio e::: eu não sei se::: é:::.... se a Psicologia acredita em... sentir o que tá acontecendo sabe? ((voz embargada)). Eu já não consegui fazer mais nada. Eu sentei na::: na carteira... e eu não conseguia... fazer a prova/não conseguia/e foi sentei, entregaram as provas e::: todo mundo começou a fazer, eu nem desvirei a prova. E eu vi que os inspetores do colégio começaram a entrar e sair da escola. E aí eu já comecei a chorar. Porque eu já comecei a perceber uma, uma movimentação fora do normal sabe? ((voz emocionada)).

**Uhum.**



E eu lembro que ninguém me contou. Ninguém chegou e falou “Matilde teu pai faleceu”. ((começa a chorar)). É::: quando/eles misturavam as turmas. Daí quando pediram a Matilde do pri/primeiro B e eu falei que não, que não tinha Matilde/quando eu escutei eles falando. Falei não que não tinha Matilde no primeiro B que eu era a Matilde do primeiro C e era comigo. Dai me levaram pra::: pra pedagoga. E a minha escola não sabia o que tava acontecendo/estudava no ((nome do colégio))/a minha escola não sabia o que tava acontecendo. E::: eu já tava chorando muito eu não conseguia explicar e eu falava pra ela “meu pai morreu” e ela “não Matilde, ninguÉM me falou isso. Só pediram que tão vindo te buscar” e eu falava “meu pai morreu, eu tenho certeza ninguém ia vir me buscar se meu pai não tivesse morrido”. E foi a minha... a minha prima que foi me buscar minha prima mais velha. Que::: é minha madrinha. E quando eu vi que foi ela que foi me buscar eu não tive... dúvida ela não precisou me falar nada assim sabe? ((ainda emocionada)).

**Uhum.**

E depois disso eu não lembro de muita coisa/eu não fui medicada mas eu não lembro. Eu lembro que:::.... que eu fui pra casa da minha tia. Eu lembro de vê meu vô. Eu lembro que muitas pessoas falavam comigo, mas eu não sei te dizer quem... Eu não sei quem eu via. Eu lembro que tinha muitas pessoas no velório. Mas eu não sei quem era é como se eu não conhecesse assim sabe? Eu lembro, não lembro da minha mãe, no velório. Não lembro da minha vó... Eu lembro muito do C. ((marido)), que ficava...

**((interrompe a entrevistada)) Vocês já se conheciam?**

Aham. Eu lembro que::: ele ficava o tempo todo do meu lado assim sabe? Mas eu não lembro das pessoas, num me lembro de nada assim. Eu lembro... eu lembro quando ele chegou, que eu estranhei muito o cheiro dele e isso foi uma coisa que me marcou muito, me::: me incomodou

muito assim sabe? E::: não lembro de muita coisa do velório e do enterro sabe? Num, num consigo ter lembrança disso.

**Uhum.**

É:: Foi isso

**Te emocionou bastante quando você começou a falar sobre::: é... O se lembrar lá na prova e sobre sentir que ele tinha morrido. O que te emociona... É lembrar disso?**

Num sei te definir o que me emociona, é como se:: ((silêncio)). Lembrar dEle é::: hoje em dia não me emociona assim. Não que não me emociona. Não::: eu não choro quando eu conto dele, quando eu falo dele. Mas lembrar da morte, como foi a morte dele me emociona assim sabe? ((voz bastante emocionada)).

**Uhum.**

É::: o meu pai era uma pessoa muito alegre sabe?! Ele... Meu pai num... num é aquela coisa assim de ai morreu virou santo. Meu pai não tem ninguém que não gostasse dele sabe? Ele era... sabe aquele gordinho querido?! Que TOdo mundo gosta, todo mundo quer por perto. Que ri, conversa, fala alto. O meu pai enchia de vida os lugares assim sabe? Então:::.... Eu sEi te dizer que tinha muita gente. Mas eu não sei te dizer quem eram as pessoas assim, sabe? E:::.... Lembrar de como foi não ter ele é difícil assim sabe? Porque o meu pai tinha quarenta e cinco anos ele era muito novo sabe? Muito novo. E é uma coisa que, ninguém esperava ninguém... ((silêncio)) Não tem/ninguém imagina que... você/teu pai tá tomando banho e de noite ele não tá mais em casa sabe?

**Uhum.**

((silêncio, suspiro))

**E durante essa semana depois do velório o que que você lembra?**

Eu lembro que quando eu cheguei em casa a minha mãe tava/eu lembro/eu lembro da minha mãe depois. Eu lembro que::: a gente/eu cheguei em casa minutos antes dela não lembro como. Quem que me levou se a gente foi juntas ou não. E eu lembro que:: eu fiquei muito preocupada... em ter coisas no caminho que lembrassem ele. Então, eu tirei tudo que era de uso pessoal diário dele do caminho assim sabe?

**Uhum.**

Guardei. E::: e daí começou isso assim de ele/da mãe já ir direto pra cama:::, não levantar mais::: não querer mais comer:::....

**((interrompe a entrevistada)) Continuou só vocês duas ou chegou alguém pra morar pra ajudar vocês?**

Nunca ninguém morou com a gente.

**Nem nesse período ali.**

Não, a minha vó ficou sei lá uns vinte dias com a gente em casa. Mas::: é a minha vó tem o meu vô e eu tenho uma tia que é mais nova que eu. Então, ela era pré adolescente, precisava da minha vó sabe?

**Uhum.**

Então, minha vó ficou o tempo que ela conseguiu com a gente, mas sempre fomos só nós duas. Sempre, sempre. Até eu sair de casa, só nós duas.

**E aí esse período você já lembra dela é::: fi/é, ficando na cama, não::: muito triste...**

Ela ficou...

**Não fazendo as coisas do dia a dia...**

Ela ficou muito mal. Eu lembro que... eu ia pro colégio. Eu, eu que tirava ela da cama, eu que dava banho nela. Porque ela não fazia nada, nada, nada. Não comia, não tomava banho, não fazia nada, nada. Daí logo... ela teve um problema muito sério de saúde e daí isso piorou. Porque daí ela já ficou debilitada por causa da saúde e isso estimulava com que ela ficasse na cama assim sabe? E isso foi durante muito tempo. A minha mãe demorou MUito tempo pra procurar ajuda psiquiátrica assim sabe? Hoje em dia ela continua fazendo tratamento. Mas ela demorou muitos anos, ela foi fazer terapia eu acho... que eu tava... com uns vinte anos. E... e foram fases difíceis assim sabe porque o começo da terapia eu acho que é muito difícil sabe?! E também dosagem de medicação..., alteração, então foram fases bem complicadas assim, mas... hoje em dia ela tá bem. Mas eu sinto que... ela é muito..., ela tem como se fosse uma obsessão por mim assim sabe?! Não sei se ela tem muito medo... então, muitas coisas ela faz que me sufocam mas eu não tenho coragem de cortar esse vínculo sabe?! Porque eu sei que pra ela é necessário sabe?! Mas:....

**((interrompe a entrevistada)) Ter saído de casa agora deve ter sido difícil pra...**

Foi pra ela, mas pra mim foi muito bom.

**Uhum.**

Só que assim era co/foi em uma situação que ela não tinha muito o que questionar porque como era trabalho num... num tinha como ela ficar questionando as escolhas assim sabe?! Então... el/é... foi complicado assim porque... um tempo ela não aceitava que... eu falasse minha casa. Ela brigava comigo assim não tua casa é aqui. Eu falo “não mãe, eu tenho uma casa!” Não é uma CAsa/por que eu/eu saí de casa com... com minha mala de roupa e minha tv do quarto assim sabe?! E com as/e fui montando a minha casa aos pouquinhos. Não tinha nada dentro de casa ((risada leve)), mas era a minha casa sabe?! Falo “mãe, pode não ser uma casa igual a

estrutura da sua casa mas eu TENHO a minha casa”. Então foi difícil ela absorver isso assim sabe?

**Uhum.**

Mas pra mim foi muito bom. Muito bom.

**Entendi. E::: é você já falou um pouco sobre isso mas de que forma você sente que essa morte mudou tua a vida? O que que você acha que mudou na tua vida por conta da morte do seu pai?**

Acho que as minhas escolhas seriam diferentes se eu tivesse meu pai. Eu acho que eu seria diferente. Eu acho que::: a minha personalidade seria diferente assim sabe?! É::: eu sou muito razão. Muito razão. E antes eu não era. É::: e eu acho que isso mudou em mim assim sabe?! Eu tento antes resolver algum conflito, resolver o meu problema do que sentir que está acontecendo e eu tenho muito medo do futuro. Eu sempre fico::: “e se acontecer assim e se acontecer assado e se for desse jeito”. Eu sempre tento vê como que eu vou sair em diversas possibilidades assim sabe em como que eu vou resolver se/várias questões que podem acontecer sabe?! É::: então ISSO mudou dentro de mim. Porque eu não pensava. Né?! Acho que era muito novinha pra pensar em consequências e desde que eu perdi meu pai eu penso em consequências. No que as coisas podem vir a, o, a ocasionar sabe?! Acho que isso mudou em mim e ter que amadurecer né?!

**Você sente que você amadureceu?**

Muito.

**E de que, que formas assim?**

Eu virei mãe da minha mãe. Sabe?! Eu tive que começar a resolver coisas de dentro de casa. Eu tive que::: começar a me preocupar com dinheiro, se a gente::: ia ter como pagar as coisas ou

não. Como que minha mãe tinha que fazer as coisas. Porque tinham coisas que por mais que tivesse que ser eu que pensar era ela que tinha que resolver sabe?! Tipo é::: entrar em é::: documentação de, da pensão por morte, é e questões de documentação que tinha que fazer::: nada disso ela tomou frente sabe?! Então, tudo era eu que tinha que ficar estimulando mas eu não podia ir resolver, eu tinha que fazer com que ela fosse resolver sabe?! Então, eu tive que:::... que::: aprender a resolver questões que não tariam dentro da mi/da minha alçada assim sabe?!

**Uhum.**

Então é::: E assim é:::... a dificuldade que::: e isso gerou pra gente. E assim a minha mãe ela tem uma personalidade muito forte e eu também tenho uma personalidade muito forte. O meu pai sempre foi o mediador de tudo assim sabe?! O meu pai era uma pessoa calma é::: ele conversava muito assim. Então... Era como se::: o nosso ponto de paz tivesse parado de existir assim sabe?! Não tinha o nosso mediador. Então a gente teve muitos conflitos eu e ela. Muitos conflitos e::: e a gente teve que apren/eu tive que aprender a lidar com isso né, porque eu não tinha alguém que vinha e me mostrava o que que eu tava errada, o porque que eu tava agindo daquele jeito. Que era o meu pai que fazia sabe?! ((silêncio)) Isso... Me gera ter medo de ter filho. Eu::: eu penso muito a responsabilidade que é ter filho sabe?! Porque::: é::: além das questões básicas de, do que você tem que::: man/que encaminhar pra uma criança, mas as vezes de uma forma inconsciente tudo que a gente faz a gente reflete numa criança. E eu penso muito nisso assim sabe?! Muito, muito, muito, muito, muito, muito. Agora que/com casamento a minha vó e a minha mãe me cobram muito isso sabe?! Me perguntam muito. Mas eu tenho medo ainda, é uma coisa que eu tenho receio. Não é uma coisa assim “eu estou casada, tenho vinte e sete anos e se eu tiver meu filho está tudo ok”. Não, não tá tudo ok. Eu tenho um pouco de pânico disso ainda sabe?

**Uhum.**

((silêncio))

Eu acho que isso mudou em mim assim sabe?!

**Bastante coisa... E você sente que parte dessas coisas foram por ter sido da adolescência?**

((silêncio)) Eu acho que talvez tenha. Eu nunca tinha pensado nisso. Mas talvez tenha, porque::: com quinze anos a gente/na época que a gente tem quinze anos a gente se acha muito adulto, muito dono de si. Mas a gente não tem maturidade né? Que que a gente consegue definir com quinze anos de idade?! Eu acho que::: se a gente alcança uma certa maturidade e as coisas vão acontecendo você já tá preparado assim. E::: eu acho que na verdade também tem a ver muito com o inesperado. Quando a gente começa a::: a se ver na situação é::: o::: o pai do meu pai faleceu esses tempos. Ele tava muito mal de saúde. A gente via que ele tava sofrendo. Então, você já espera. É aquela coisa assim de ligação fora do horário, é uma coisa que você já imagina. Talvez seja uma notícia não tão boa que eu vou receber agora né?! Mas::: quando você não conta com aquilo eu/é::: é perder o chão.

((silêncio)).

**O fato de ter sido uma morte súbita teve um impacto pra você também?**

Eu acho que sim. Eu acho que::: É::: não, não ter qualquer tipo de::: não sei também... De/das expectativas que você tem né?! Eu lembro que::: meus pais tinham::: treze anos de casados na época. As expectativas que eles faziam tipo os planos que a nossa família tinha pros próximos anos que não, não existiram e que foram só projetos, que porque a gente não teve mais ele num, num tinha como/num tinha mais sentido serem concretizados e não tinha também mais como concretizar. Então, eu acho que assim é também um sentimento de::: futuro roubado assim sabe? O que você poderia ter vivido com a pessoa que você não viveu. Eu senti muita falta do meu pai na minha formatura e eu senti muita falta do meu pai no meu casamento ((começa a chorar)). São coisas assim que::: você gostaria de tar partilhando aquilo sabe? ((silêncio)). Que por mais

que, que eu ti/fosse nova, são ciclos da vida que você imagina que vão ser normais né?! Então, eu senti muita falta disso assim sabe? Muita falta. Na minha formatura... Eu lembro que eu pensava mUItto nele assim sabe?! Na época. E::: Eu penso muito nas coisas assim, o que, o que eu julgo que ele pensaria de mim. Das minhas decisões assim. Por isso que eu, que eu falo que eu acho que algumas coisas eu teria feito de alguma outra forma::: eu seria diferente. Porque::: a opinião do meu pai era muito importante pra mim. É::: era como se ele tivesse que dar o martelo das coisas assim sabe?! E você só ficar no achismo “eu acho que ele aprovaria, eu acho que se, que ele ficaria satisfeito, eu acho que ele ficaria orgulhoso” não é concreto né? Então, isso eu sinto muita falta assim sabe? ((ainda emocionada)).

((silêncio longo))

**Então, de não ter ele nesses/nessas datas que são simbólicas mas também de não ter ele pra/prá:::...**

((interrompe a entrevistadora)) Pra guiar. Não ter ele pra::: pra várias coisas. Quando eu fui pra ((nome de outra cidade)), na época que eu fui provavelmente meu pai já taria aposentado sabe? Eu fico pensando que eu tenho certeza que ele viveria enfiado na minha casa assim sabe?! Iam ter desculpas que ele... de repente ele ia aparecer assim sabe? Porque eu era muito xodó dele assim sabe? E todo mundo fala que eu era parecida com ele, o jeito de falar o jeito de... sabe? Que::: não sei se era uma forma de admirar que daí eu imitava, não sei. Então era muito bom tá junto dele assim sabe? Eu ia trabalhar aos sábados com ele pra ficar junto com ele. Então, eu fico pensando nessas coisas assim sabe? ((ainda emocionada)). Falei pro C ((marido)) que se a gente tivesse ele aqui no meu casamento ele teria aproveitado muito. Porque eu lembro muito dele na minha festa de quinze anos sabe? Do quanto ele aproveitou, do quanto ele tava feliz, do quanto ele tava satisfeito. Então, eu acho que ele teria repetido isso sabe?

**Uhum.**



((silêncio longo)).

É porque é insubstituível né?! Eu acho que::: se você... termina um relacionamento... você supre de alguma maneira né?! Mas pai não. Eu tenho carinhos, admiro algumas figuras masculinas da minha família. Tem pessoas que eu amo muito, que... que eu admiro assim, mas ninguém substitui sabe? E isso é uma tarefa difícil, porque às vezes tem, tem situações que são cobradas posições que voc/que seriam supridas pelo seu pai. Tipo uma coisa idiota. Na formatura, com quem que você entra? ((chorando)) Com seu pai. Quem que você vai colocar lugar? É difícil assim sabe?! ((silêncio)) Porque não/não tem substituição. Na igreja com quem que cê entra? Com seu pai ((chorando)). Não tem como você colocar alguém no lugar. E não é só ali no momento que tá fazendo falta, tá fazendo falta no/em tUdo. Ele faz falta no consentimento, faz falta nos conselhos, faz falta a convivência. ((silêncio longo))

**Você comentou que sente que suas escolhas teriam sido... diferentes. De que forma teriam sido diferentes?**

Eu acho que::: talvez eu não... Não tivesse tanta pressa assim sabe? Porque pra mim tudo tem que ser pra ontem sabe? Tipo tem que resolver as coisas pra ontem, é:: porque senão eu não fico sossegada assim sabe?! Então eu acho que... que::: eu esperaria mais pra ver as coisas acontecerem. Analisaria mais a situação porque eu me sentiria mais segura. Hoje em dia eu sinto que eu tenho que tomar minhas decisões por mim. Que eu não tenho um apoio sabe como? Tipo, hoje com o C ((marido)) isso tá mudando um pouco sabe?! Mas antes é::: era como se::: se eu não desse conta não tinha ninguém pra me segurar. Entendeu? Então, eu tinha que fazer as coisas acontecerem. É::: quando eu saí da faculdade eu saí muito aflita pra conseguir emprego sabe?! E fui trabalhar num lugar que eu não gostei. Mas era tipo tudo... ânsia de fazer as coisas acontecerem sabe? Num::: num cogitei é::: continuar estudando depois que saí da faculdade. Muitas pessoas foram fazer pós, eu não cogitei a ideia eu imaginava que eu tinha que já entrar no mercado de trabalho e me arrependi disso sabe? Me arrependi e não me arrependi, porque

isso faz quem eu sou hoje, mas quem sabe eu teria analisado melhor as coisas sabe? Pensado com mais calma, pesado as consequências, as oportunidades de uma maneira diferente. Porque às vezes quando a gente não tá dentro daquela questão, alguém que te conhece, que olha de fora consegue te mostrar outras ponderações assim sabe? Eu acho que eu teria casado mais cedo, eu acho que muitas coisas teriam sido diferentes assim sabe?!

**Eu lembro que você passou na, na faculdade no segundo ano do ensino médio.**

Passei muito cedo.

**Eu não lembro se você chegou a conseguir fazer a faculdade.**

Consegui.

**Nem fez o terceiro ano. Você sente que isso também foi reflexo também de alguma forma?**

Eu:::... Foi... Eu acho que::: que meu pai não deixaria entender? É porque meu pai era tudo no seu tempo assim sabe? Então, acho que... eu acho que isso também eu teria pensado sabe? Não que eu teria pensado, mas teria alguém pensando por mim de uma maneira diferente. E::: sei lá se eu ficasse mais um, dois anos, três anos pra fazer faculdade quem sabe eu mudaria o que eu gostaria de cursar... não que eu me arrependa do, do, do que eu cursei mas::: teria visto outras oportunidades, outras carreiras com outros olhos esse tipo de coisa assim sabe? Porque eu já acho que é muito cedo pra gente escolher um caminho, mas... eu acho que eu não, não tinha todas as informações necessárias pra uma escolha sabe? Eu acho que isso também seria, seria diferente.

**Você acha que de alguma forma teve uma pressa ali também?**

Uhum.

**Mais ou menos nesse sentido que você falou de um tempo pra você...**

((interrompe a entrevistadora)) Era muito, tipo num podia... eu não podia perder tempo sabe?  
 E::: não é/e hoje eu vejo que não é questão de perder tempo, é questão de fazer as coisas com mais clareza assim sabe? E::: eu não tinha maturidade pra isso na verdade. Eu acho que é isso tipo que::: eu tinha que decidir, mas eu não tinha as informações necessárias, eu não tinha a maturidade necessária mas eu tinha que fazer acontecer de alguma forma sabe como?

**Uhum.**

((silêncio))

Falta... falta::: acho que::: apoio mesmo assim sabe!?

((silêncio longo))

**Hoje... como é pra você hoje não ter teu pai aqui?**

Já foi mais difícil.

**Uhum.**

Eu sinto saudade. Eu sinto falta. É::: não tenho tantos dias difíceis. Mas tenho dias difíceis por causa da falta dele... ((silêncio longo)). É uma saudade do que eu vivi, uma saudade do que eu não vivi com ele. ((silêncio longo)). É estranho porque... ((silêncio)) A gente::: eu sinto ele/eu sinto muito ele em mim, não em mim assim... Eu sinto muito o que ele viveu em mim assim sabe como? Só que::: é como se... é só meu isso é só meu. ((voz emocionada)). É:: tem vezes que ele::: é co/algumas lembranças que eu tenho com ele é como se fosse um sonho gostoso que a gente tem assim, é só, é só minha, é um sentimento que não tem como partilhar. Eu não tenho como dividir isso com ninguém acho que... É difícil pra explicar mas... eu sinto muita, eu sinto muito a vida dele em mim sabe? É aquilo que eu te falei assim um tempo eu achava injusto o que aconteceu. Hoje eu sinto saudade, eu sinto falta, muita falta, ((voz emocionada)) mas::: eu sinto que, que eu tive um tempo com ele sabe? Que poderia ter sido

mais cedo e não ter lembranças ou não ter aprendido alguma coisa com ele sabe? E eu tento/hoje eu tento encarar dessa maneira. Mas durante muito tempo eu achei que era algo injusto assim sabe?

### **Injusto pela morte em si ou injusto pela forma como foi a morte?**

Na verdade não é bem pela morte. Por não... ter. A ausência, sabe? Porque assim ó, hoje eu tô com vinte e sete anos esses dias eu tava pensando nisso... Faz doze anos que eu perdi ele. Quando eu tiver com trinta e cinco eu vou ter mais tempo de vida do que tempo que eu tive com ele entendeu? É::: é isso assim é, é achava injusto por não ter ele. Por não ter mais tempo com ele de não ter... não ter ele... não ter pai... Isso que eu achava injusto assim sabe? Eu tive uma briga uma vez com uma amiga minha por causa disso. Ela tem uma relação muito complicada com o pai dela sabe? O pai dela é uma pessoa difícil. Mas eles são muito iguais. E um dia eu tava na casa dela e eles discutiram, e eu não gostei de presenciar a discussão. Era uma coisa idiota assim. E::: ela foi muito grosseira com ele assim, lógico que eles tem uns problemas deles, as convivências deles lá. Mas eu não gostei. Aquilo me doeu sabe?! E foi uma das únicas vezes que eu manifestei. Eu falei “não faça assim”. Porque::: é::: não vale a pena. E daí no dia ela foi grossa comigo assim ela me respondeu grossa. E eu saí da casa dela muito magoada. Depois ela me procurou e a gente conversou e tal. Mas essas coisas eu presto às vezes atenção sabe? Nas relações assim. Porque:::... às vezes a gente não dá valor né?! A gente/é aquela coisa assim a gente só realmente vai pesar as coisas quando não tem. Vai fazer falta quando não tem. ((silêncio)) Eu sinto muita falta... Muita falta... ((chora e faz silêncio)).

### **Posso imaginar.**

Minha mãe me conta que eles se conheceram por causa de mim. Que::: eles moravam no mesmo condomínio lá e::: ele me via. E que ele vinha mexer comigo quando eu tava com meus avós, que daí a minha mãe voltou a morar com meus avós né?! Que ele vinha mexer comigo e ele

vivia falando pra mim que ele se apaixonou por mim e ela veio de brinde. Que a gente era... muito ligado. Eu e ele assim sabe? Teve uma vez que ele sofreu um acidente e que depois que... que ele foi medicado e tava tudo certo ele ligou em casa eu acho que eu tinha, sei lá uns dez anos... ele ligou e ele falou assim/perguntou se tava tudo bem e tal e ele falou assim “a mãe tá em casa?”. Daí eu falei “não a mãe deu uma saída”. Daí quando a minha mãe chegou eu falei pra ela assim “mãe aconteceu alguma coisa com o meu pai, ele não tá bem”. Daí ela “que que ele não tá bem Matilde, para”. Falei “não mãe, ele não tá bem. Aconteceu alguma coisa. Acho que ele não tá bem”. Então, a gente tinha muito isso, de sentir um pelo outro assim sabe? ((silêncio))

### **Uma ligação bastante forte...**

E eu gosto muito de sonhar com ele sabe? Num sonho mais com tanta frequência, mas eu gosto bastante de sonhar com ele ((bastante emocionada)).

((silêncio))

### **Você costuma falar dele?**

Tinha um tempo que eu não falava. Eu não gostava de falar assim porque dava a impressão que... eu queria me fazer de vítima sabe? Eu não gostava de falar.

### **Que tempo foi esse?**

Logo depois que ele faleceu... até... o fim da minha faculdade. Foi bastante tempo assim sabe?! Eu não sou muito de falar dele ca minha mãe, em casa...

### **Nem antes e nem hoje?!**

Hoje também não. É... mas hoje em dia é... eu tenho contato com a família dele né?! A minha família paterna. Eu gosto muito de conversar com eles sobre meu pai assim sabe? A gente fala bastante dele assim. E... é... fala que se ele tivesse ali... o que a gente ia fazendo..., das coisas

que ele gostava de fazer. Meu pai gostava muito de cozinhar sabe? Daí às vezes quando a gente se reunia e faz alguma coisa que ele gostava de fazer a gente fala... Mas eu falo mais com pessoas que conheceram ele. Com pessoas que não conheceram ele eu... eu falo do meu pai às vezes de alguma coisa mas não conto assim sabe?

**Uhum... E com sua mãe você não conseguiu...**

((interrompe a entrevistadora)) Evito falar...

**((continua a frase)) abrir essa...**

Evito falar porque, daí ela já começa a chorar. E eu já fico com medo na verdade assim sabe? Porque... é... ela teve algumas recaídas assim sabe ent/daí eu tenho muito medo disso e se por isso eu não... não costumo falar muito com ela. ((silêncio)). Um... o último conflito que a gente teve por causa disso foi... quando eu tomei a decisão de entrar sozinha no casamento, né?!

**Você entrou sozinha?**

Aham... Ela queria que eu entrasse com ela... E foi difícil explicar pra ela o porque que eu não queria sabe?

**Você consegue (me) explicar?**

Porque... Existem pessoas que entram com a mãe. Mas é porque elas tem a figura de pai e mãe naquela pessoa. A minha mãe não é meu pai. Eu tive o meu pai. Minha mãe é minha mãe. Ela é minha figura materna. Eu tenho uma mãe e eu tive pai e eu não consigo substituir assim sabe? Era o espaço dele.

**Uhum. Entendi. E foi difícil dizer isso pra ela.**

Foi. Foi porque... Ela achava que tinha que ser de outro jeito assim sabe?!

((silêncio bastante longo)).

**E de uma forma geral, o que você vê da tua vida a partir dessa morte á na tua adolescência?**

Como assim?

**O que você enxerga no teu decorrer, na tua caminhada a partir disso. Se tivesse que resumir a tua experiência...**

A consequência?

**É, pode ser.**

((silêncio))

Acho que... A sensação de faltar uma parte. Faltar uma... É como se a gente fosse constituído de pilares assim sabe?! E faltar um pilar. E você ter que aprender a ficar sem aquele pilar, sabe?! É como se tivesse que... Ocorreu uma mutação em você e você tem que lidar com isso. Aprender... a conviver com aquilo e... fazer as coisas sem algo que é essencial... mas não tem jeito. Vai ter que aprender.

**Uhum.**

Eu sinto assim. Que... me falta... como se eu fosse um, uma base com alguns pilares e alg/um dos meus pilares foi tirado. E minha sustentação teve que passar para outros. Porque não tem como construir, não tem como substituir... ((silêncio)). É assim que eu sinto.

**O que, ou quem você sente que mais te ajudou, nesse percorrer? Justamente por pensar que você teve que assumir um papel na relação com tua mãe... Enfim.. De onde você tirava o seu apoio?**

((silêncio))

Eu tirei bastante apoio do C ((marido)). Porque quando eu perdi meu pai, eu tinha acabado de conhecer o C ((marido)). E a gente era duas crianças né?! Mas... eu lembro que eu só chorava com ele. Por mais que ele fosse uma criança, ele tinha muita paciência comigo. Muita paciência. Eu acho que é por isso assim que eu admiro tanto ele e eu tenho tanta gratidão por ele assim sabe? Ele me ouvia muito ele/não que ele soubesse falar alguma coisa, mas ele entendia o que eu precisava desabafar assim sabe?

**Uhum...**

E::: da minha vó...

**Mãe dele?**

Mãe/não, mãe da minha mãe... Da minha vó assim/a minha vó é... minha vó é o amor da minha vida. É::: ela é uma mulher muito forte assim sabe? Ela é... ela não é sentimental, a minha vó ela num::: num é de demonstrar carinho, não é de se emocionar. Ela é muito você vê nela uma figura muito forte assim sabe?! E eu tirei muita força dela assim sabe? Ela... quando... eu precisava de, de alguém pra me ensinar alguma coisa ou pra me mostrar como é que tinha que ser porque eu não podia perguntar pra minha mãe, eu ia pra ela. Então, foi ela como um... não sei explicar mas... era ela que/foi ela que me deu forç/base assim sabe?! E o C ((marido)) ele sempre foi... quem escutou ele é a pessoa que... eu posso chorar, eu posso falar o que eu sinto, é::: as vezes eu falo muito do meu pai pra ele, às vezes eu falo que eu sinto muita falta co/explico ele é a pessoa que eu sinto, é::: liberdade pra isso sabe? Ele não conheceu o meu pai mas::: num sei na minha cabeça é como se ele tivesse conhecido sabe? É::: então, foram essas duas pessoas assim sabe?! E o C ((marido)) ele me deu muita força pra... pra... pras questões da minha mãe assim sabe?! As dificuldades que eu passei com relação a... com a depressão dela, o quanto foi difícil. Ele que me ajudava e ele revezava a carga comigo mesmo. Ele não só me escutava assim ele/ teve uma época que eu tive que cuidar da medicação dela. Ele aprendeu a lidar com a



medicação dela e ele revezava comigo. E teve uma época que eu fiquei numa paranóia assim que eu tinha medo que... que ela fizesse alguma coisa de madrugada. Eu tinha muito medo e eu acordava de madrugada pra ver. Ele tirava a medicação dela escondia e eu ia de madrugada algumas vezes pra ver. E ele fazia isso comigo tipo “não” como se fosse filho mesmo “deixa que agora eu vou lá ver”. E ele ia pra mim ele ia voltava falava que tava tudo bem. Então assim, eu sempre pude contar muito com ele pra ele me ajudar ele sempre me ajudou muito. Então, foram as duas pessoas que:::.... Engraçado né, falando pra você que a gente consegue perceber... o quanto a gente tem que ser grato por algumas coisas né?! ((silêncio)). Porque... a minha mãe se isolou muito com a morte do meu pai... Até da família assim sabe?! Não tinham muitas pessoas envolvidas assim. ((silêncio longo, para e fica olhando distraída para o chão))

### **E falando que você pôde perceber...**

Hum?

### **Falando que cê pôde perceber que...**

Não assim, é que sei lá acho que quando a gente tá vivendo a gente não, não percebe algumas coisas né?! E agora falando pra você que eu percebi que tipo... eu sou filha única né ninguém tem obrigação de cuidar da minha mãe sou eu que tenho. E ele divide isso comigo e eu nunca tinha pensado nisso...

### **Uhum...**

Eu acho que isso também foi uma das coisas que eu pensei em, em/nisso assim por um tempo sabe?! É::: eu me senti muito sozinha quando eu perdi meu pai. E::: por ser filha única eu acho que... isso que eu te falo que, tipo, que são coisas minhas... ninguém tem com quem possa me entender assim sabe? Não tem com quem dividir a responsabilidade num tem... eu não tenho isso assim... E quando você não tem isso, você perde o seu pai ou a sua mãe é como se você

fosse ficando sozinha entendeu?! Eu só tenho a minha mãe. É:: e quando eu não tiver minha mãe que base de família que eu vou ter? Entendeu?

((silêncio longo))

**Como que você tá agora?**

Tô bem...

((silêncio))

**Tá tudo bem?**

Uhum... de um tempo pra cá eu fiquei meio chorona...

**Imagina. Eu pergunto também porque não é:: não é um assunto qualquer que a gente tá falando né? É um assunto que eu sei que é delicado, que eu sei que mobiliza e que enfim... Então, eu gosto de... Sabe?!**

Uhum. Assim eu tenho saudade. Mas... É::... dia dos pais é um dia difícil é um dia que eu não fico com um humor bom, eu não quero muito papo... Perto do aniversário dele também... E::... eu não não sei te explicar o porque eu não consigo ir no cemitério. Eu não faço visita no cemitério. Então, assim é como se hoje ficasse a falta, a saudade assim sabe?! Relembrar como eu perdi ele dói, mas já doeu muito mais assim sabe? E a saudade... não diminui. É uma coisa... que é sempre igual. Mas eu não sei velar meu pai sabe como? É:: a minha mãe me cobrou isso muito tempo de que... é dia de mortos tem que ir lá tem que levar flor, que isso, que tem que aquilo. Eu não consigo. Eu me sinto mUito mal. Uma vez ela falou muito pra mim, falou, falou, falou, falou. Daí um dia eu peguei o carro, tava perto eu acho que... do... de dia de finados e eu não queria ir no dia de finados, eu peguei o carro co/é meu pai gostava de rosa branca, comprei uma rosa branca e fui no cemitério. Eu não sei nem aonde que é onde que ele tá enterrado. E isso me fez mUito mal quando eu cheguei no cemitério e eu me senti perdida no

lugar e eu me senti uma péssima filha assim sabe?! Tipo como que eu não sei onde meu pai tá enterrado? Só que eu não consigo e não consigo me dá num sei... É::... Por que que relembrar que ele não tá sabe? Que ele, que enterrei ele que... não sei eu prefiro pensar NEle, quando eu tinha ele do que pensar num/que ele tá lá enterrado sabe?! Então, num eu não vou no cemitério. Não vou no cemitério também, não faço nada dessas coisas de tipo missa, de não sei o que, dessas coisas assim sabe? E se minha mãe faz também eu não vou...

**E tá tudo bem também né?! Acho que cada um tem um jeito muito particular de lidar com/de se relacionar com esse assunto né?**

Eu acho que sim mas... às vezes a gente é cobrado né? ((silêncio)) É::... a minha mãe eu sei que, não sei quando ela não me fala hoje fui no cemitério, mas eu sei que ela vai com frequência assim sabe? Mas eu realmente não me interesse por ir, não quero não gosto o/a gente perdeu o vô do C ((marido)) passado e ele foi enterrado no mesmo cemitério e pra mim foi difícil assim sabe?! Porque foi velado na mesma capela e... tá lá sabe?... Não consigo... Me incomoda assim não é uma coisa que eu saio me descabelando assim sabe?! Mas me dá uma ansiedade, me dá um negócio assim, eu não consigo ficar quieta... É::... Me incomoda, me incomoda bastante. ((silêncio)). Às vezes eu tenho a sensação que eu guardo... as lembranças assim num potinho sabe?

**Uhum...**

((silêncio))

Mas é muito cedo.

**Oi?**

Mas é muito cedo.

**Como assim?**

É pouco tempo... Hoje eu não me vejo em algumas situações como adulta assim sabe? Como... é as vezes eu me assusto com a minha idade, me assusto ca responsabilidade que tenho que ter, com a vida assim sabe? Fico pensando meu Deus essas coisas parece que eu dormi ontem acordei e ta acontecendo tudo, tudo isso. É:: e eu fico pensando se hoje eu já me sinto assim... olhando o tempo que eu tive com ele é:: o quanto foi curto sabe?

**Uhum.**

((silêncio))

**Quando você diz é muito cedo você se refere a sua idade?**

Uhum.

**Quando você tinha quinze anos, isso?**

Uhum. Isso.

**Entendi...**

O... o meu avô faleceu mês passado o pai dele. E:: eu pensei nisso sabe? No velório dele, as minhas tias tavam sofrendo bastante assim? Eu não sofri muito. É:: porque eu nunca tive muito contato com ele sabe? E depois que eu perdi meu pai, a gente não não manteve muito contato. Porque ele constituiu uma outra, uma nova família lá né?! O meu avô. E... eu não tava/não tem como tar preparada assim pra perder o pai. Mas eu acho que a gente nunca tá. Eu olhei o quanto as minhas tias tavam sofrendo. Porque o meu vô tava muito mal, muito mal. Nossa, tava com tráquio... Tava... Ele... hum.. não tinha/é tava sofrendo muito. Tava preso no próprio corpo assim sabe? Porque ele continuava lúcido, mas ele já não tinha mais condições nenhuma. Não comia, comia era por sonda, é:: muita medicação... Sofrendo muito assim. E... era como se eu tivesse preparada pra notícia. Eu sabia o que tava acontecendo. É aquilo que te falei, quando sei lá minha mãe me ligava num horário inesperado era uma das coisas que eu imaginava antes

de atender o telefone. Mas ver o quanto as minhas tias sofreram ali, eu acho que a gente não tá preparado nunca. Porque pensa elas são mulheres feitas, são avós já, tem família constituída. E o quanto elas foram surpreendidas, apesar de terem consciência do que estava acontecendo sabe? Eu acho que a gente nunca tá preparado. Eu acho que na verdade quando tá numa situação assim, é como se a gente se confortasse. Tá sofrendo, é:: não tinha mais condições, a gente deu todo o suporte que dava e mesmo assim não tinha condições. Mas é um conforto mas não que há um um que você esteja de fato preparada. Filho sabe?

((silêncio bastante longo))

**Você tem mais alguma coisa pra acrescentar que a gente não passou, a gente falou sobre tanto coisa, mas às vezes ainda assim tem alguma coisa que ficou que...**

Eu acho que não...

((silêncio))

**Percebi que com o decorrer da sua fala e da conversa você foi ficando cada vez mais pensativa e imagino que de alguma forma você vá pensar mais sobre isso durante a sua semana, o seu mês. É:: ali no TCLE tá escrito isso, mas eu vou reforçar. É::: se tiver em algum momento, se mobilizou demais e quer voltar conversar sobre isso, quer falar mais sobre isso, manda mensagem a gente dá um jeito de, de se encontrar e enfim né?! Você tem direito aos atendimentos gratuitos, mas pra além disso se você quiser, enfim, a gente pode conversar também.**

Uhum.

**Tá? Eu queria te agradecer imensamente por ter se disponibilizado a falar sobre esse assunto. Que eu sei que não é um assunto fácil de falar né?? Que como você mesma disse é reviver tudo que eu vivi lá atrás, que não é, é o que acaba doendo, não é necessariamente**

**falar sobre ele, mas é reviver toda essa história de algum jeito. Então, eu agradeço imensamente por isso assim. De você ter se disponibilizado a vir até aqui e fico a disposição pra tirar qualquer dúvida etc., pra te ouvir mais se precisar também. E de novo se você tiver mais alguma coisa pra acrescentar a gente ainda tem o tempo que você precisar.**

Eu tentei fazer terapia duas vezes já. Eu fiz bem novinha. Tipo dezenove anos. Eu fiz um tempo. Mas tudo por causa da minha ansiedade assim sabe?! Não relacionado diretamente a isso. Mas conforme ia desenvolvendo a, a terapia eu percebia que às vezes tava muito relacionado a isso sabe?! Não sei se isso seria interessante pra você... NUm, não sei se é algo do tipo... Aritmética né?! Algo do que aconteceu, vai ocasionar alguma coisa. Mas a forma/do que eu sou, acabou me gerando ansiedade. A ansiedade é uma coisa que me incomoda e por causa disso, eu procurei ajudar, por duas vezes. E daí também, não sei se, são essas coisas que acabam desencadeando.

((silêncio))

**E você não quis continuar nessas terapias?**

A primeira... Não sei se é alta que a gente fala que a gente recebe?!

**Uhum.**

Mas, co/eu comecei a controlar mais a ansiedade. Era uma época que eu não tava conseguindo resolver conflitos, sabe?! Comecei a tratar melhor as minhas dificuldades e recebi alta. E daí a segunda, foi uma série de/foi que ano a gente tá?! 2018. Foi em 2016 que eu fiz. Só que daí começou a juntar um monte de coisa e a minha terapia era aqui e eu tava morando em ((nome da cidade)) e daí eu não dei continuidade. ((silêncio)). Mas eu acho que é isso.

**Como eu te disse lá no começo, eu sentia, é:: mais ou menos o que você acabou de me falar assim. Que meus pacientes vinham por outras questões da vida e de alguma forma a gente acabava retomando alguns aspectos a essa perda. E:: Enfim, isso que me deu vontade de**

**estudar e de tentar pensar o que que dá para ser feito em consultório mesmo, é:: ou em outros serviços de saúde e enfim né?! O que nós enquanto profissionais, podemos conhecer mais dessa experiência e saber atuar melhor mesmo né?!**

Entendi. É muito interessante. ((silêncio)). Mas eu acho que é isso.

**Então, tá bom.**